«DA DESTRUIÇÃO À RAZÃO» — POR CARLOS PORTO (NO SUPLEMENTO LITERÁRIO)

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 14 DE JANEIRO DE 1971 N.º 17 264 ANO 50.º PREÇO 1$50

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

este cabeçalho pode valer-lhe mais de mil con$$$

CALÇAS: reacção contra a «maxi»

A execração da moda repressiva da maxi-saia levou a mulher a reagir, generalizando-se, pelo menos nas cidades o uso das calças compridas. *(Ler reportagem nas páginas centrais)*

Afirmação do dr. Sá Carneiro na Assembleia Nacional

Impõe-se a revisão da Concordata

A revisão da Concordata entre o Governo português e a Santa Sé foi esta tarde pedida, na Assembleia Nacional, pelo deputado Sá Carneiro, para que se ponha termo a «mal-entendidos, ambiguidades e situações injustas».

«O Estado português admite o divórcio; logo deve reconhecer o respectivo direito a todos os portugueses, independentemente da fé que professem» — disse o deputado, acrescentando que, á Igreja, porque condena o divórcio, compete, «no plano moral, procurar afastar dele todos os homens».

Na sua intervenção, uma das mais ousadas até agora escutadas no hemiciclo de S. Bento, o deputado Sá Carneiro, figura de relevo nos meios católicos do Porto, recordou o contexto em que, em 25 de Maio de 1940, o Presidente Salazar apresentou á Assembleia Nacional a Concordata: «*O Presidente do Conselho afirmou expressamente o carácter anticomunista, antidemocrata, antiliberal, autoritário e intervencionista do regime*» — frisou Sá Carneiro.

Salientou o orador que «*a existência de acordos com a Santa Sé não deriva do carácter tradicionalmente cató-*

(Continua na 6.ª página)

Muskie em Moscovo

O SENADOR EDMUND MUSKIE, provável candidato democrático á presidência dos EUA

MOSCOVO, 14—(F. P.) — O senador americano Edmund Muskie chegou hoje de manhã a Moscovo para uma visita de três dias. O senador será recebido amanhã, as 10 horas, por Alexei Kossyguine.

«Vou tentar falar dos problemas mutuos e encontrar uma compreensão que contribua para desanuviar a atmosfera entre os nossos dois países. Espero ter possibilidade de falar do Médio Oriente com os meus interlocutores. Gostaria também de me referir ás SALT e a todos os assuntos que formam o nosso contencioso, especialmente ao problema de Berlim», declarou Muskie.

MEDICAMENTOS DA PREVIDÊNCIA: OS FAMILIARES DOS BENEFICIÁRIOS PASSAM A PAGAR APENAS 25 %

O regime de concessão de medicamentos por parte das Caixas de Previdência passa a obedecer a condições idênticas quer se trate de beneficiários activos ou pensionistas, quer se trate de familiares dos mesmos. Com efeito um despacho hoje assinado em Alcoitão, estabelece que as Caixas concederão aos seus beneficiários e respectivos familiares, medicamentos manipulados e especialidades farmacêuticas mediante a comparticipação de 25 por cento nos medicamentos originários de países com os quais Portugal haja celebrado acordo e que possam ser adquiridos nas mesmas condições, através das Caixas, em que o são os produtos nacionais. A comparticipação nos restantes medicamentos (40 %) será reduzida para 25 % logo que seja celebrado o acordo entre a Federação das Caixas e os Grémios dos Armazenistas de Drogas e Produtos Químicos e Farmacêuticos. Até agora, a comparticipação dos familiares dos beneficiários era de 50 por cento.

Outro despacho hoje assinado estabelece novos valores de sennas de consulta (ligeiro acréscimo nos Postos Mé-

(Continua na ultima página)

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

PRÉMIOS para todos os gostos

REPETIDAS vezes temos afirmado que para se habilitar aos magníficos prémios que constam da lista já publicada e que voltaremos a publicar amanhã, o leitor não terá mais do que preencher o cupão-duplo (inserido diáriamente na 2.ª página), enviando-o para os nossos serviços e provar, quando lhe for pedido, que lê habitualmente o «Diário de Lisboa», exibindo a colecção de «cabeçalhos» dos exemplares do nosso jornal publicados entre 2 de Janeiro e 31 de Março.

Dir-se-á que nada é mais simples mas, com efeito, é tudo quanto se torna necessário para que

(Continua na pág. seguinte)

AMANHÃ EM MESA REDONDA

SUPLEMENTO DAS SEXTAS-FEIRAS

• Humanismo apolítico: seis reflexões sobre um discurso ministerial • Tempo de trabalho nos estabelecimentos de venda ao público • A eleição dos chefes de Estado nos países ocidentais • Planeamento familiar — Problemática macrossocial • O movimento na educação • Há um público popular para o teatro?

HOJE 28 PAGS.—VISADO PELA CENSURA

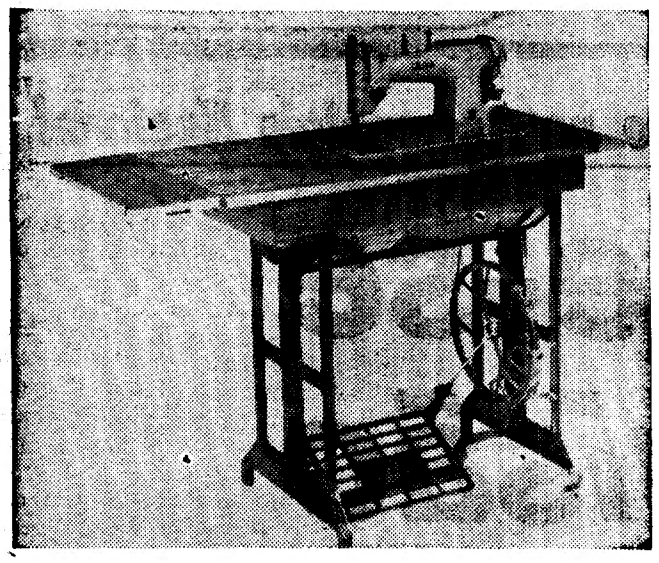
LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

(Continuação da 1.ª página)

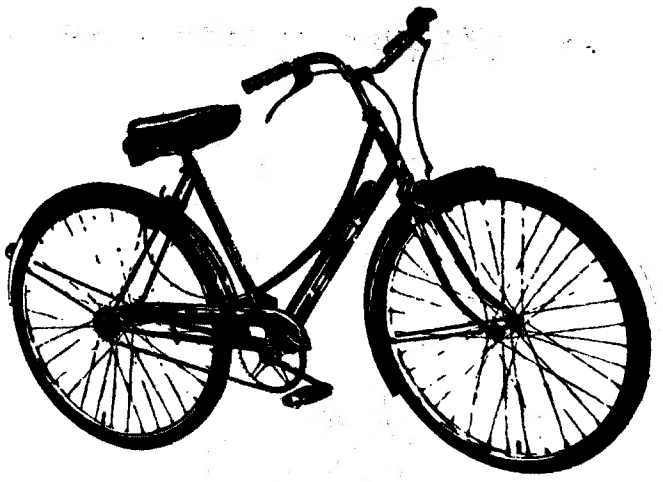
um leitor deste Jornal fique habilitado aos prémios instituídos para esta iniciativa que abre o ciclo das comemorações do primeiro centenário do «Diário de Lisboa».

Será ainda necessário recordar que nesta iniciativa se integra o maior prémio atribuído na história da Imprensa portuguesa? Trata-se, como todos já sabem, de um andar no Parque Residencial e Turístico de Miraflores (com mobiliário Gibo) e de um automóvel «Mercedes - Benz 220». Outros prémios, de grande valor e utilidade, estão ao alcance de quantos participem na iniciativa, nomeadamente um automóvel «Rebel-700» e dois «Fiat 600-D», a que ontem nos referimos.

Prémios para todos os gostos inclui, porém, a lista dos prémios instituídos: para os participantes nesta iniciativa. De entre eles sobressaem uma magnífica «roulotte» marca Sprite-Cadet, excelentes máquinas de costura «Oliva», bicicletas «Vilar», gravadores, rádios e gira-discos «Philips», isqueiros «Maruman» de mesa e de bolso, confecções «Karim-Sola», para homem e senhora e caixas de garrafas de aguardente «Macieira». Constituem prémios duma iniciativa que não temos dúvida em classificar de ímpar e, lógicamente, está a despertar o maior entusiasmo entre os nossos leitores.



UMA DAS MÁQUINAS DE COSTURA «OLIVA»



UM DOS MODELOS DE BICICLETAS «VILAR»

ROULOTTE SPRITE - CADET

ASSINATURAS PARA A INICIATIVA

Aceitam-se, desde já, assinaturas pelo período da iniciativa. Essas assinaturas garantem aos interessados os exemplares pretendidos, com os preços seguintes:

3 meses — 130$00
6 » — 250$00
12 » — 485$00

Pagamento adiantado, em cheque ou vale de correio.

O ENVIO DO SELO

Quem pretenda que lhe enviemos, pelo correio o cartão de identidade de «Leitor do «Diário de Lisboa» deverá juntar ao seu cupão duplo um selo de correio de 1$00.

CORRESPONDÊNCIA

Toda a correspondência (incluindo a que se refere ao envio de cupões), deve ser dirigida a «LEITOR DO «DIÁRIO DE LISBOA», Rua Castilho, 185, 1.º — Lisboa-1.

REGULAMENTO

- a iniciativa é aberta a todos os leitores do «Diário de Lisboa» residentes no continente
- o leitor deverá recortar e preencher o cupão-duplo que estamos a publicar e onde deverá inscrever o seu nome e morada, a localidade onde reside, e facultativamente, a profissão e o número de telefone e ainda a tabacaria ou o vendedor a quem adquire o «Diário de Lisboa»
- preenchido o cupão-duplo, este deverá ser remetido para a Rua Castilho 185-1 - Lisboa-1, acompanhado de um selo de 1$00, se pretender que o cartão de identidade de leitor do «Diário de Lisboa» lhe seja devolvido pelo correio
- se o leitor pretender que lhe seja entregue pessoalmente, nos serviços do «Diário de Lisboa», o seu cartão de identificação não juntará ao cupão-duplo o selo de 1$00, que se destina, lògicamente, a despesas de correio.
- recebido o cupão-duplo, os leitores ficarão classificados por ordem numérica e alfabética. O cartão de identidade receberá o mesmo número do cupão-duplo
- o cartão de identidade de leitor do «Diário de Lisboa», permite-lhe ficar habilitado a qualquer dos prémios já instituídos e ainda a benefícios de outras iniciativas a promover
- o leitor do «Diário de Lisboa», para poder receber o prémio que lhe for atribuído em sorteio, terá de provar ser leitor habitual, demonstrando possuir na sua residência o número de «cabeçalhos ★ do «Diário de Lisboa» correspondentes aos dias de publicação compreendidos entre 2 de Janeiro e 31 de Março de 1971. É permitida uma margem de faltas de cinco exemplares por mês

★ Por «cabeçalhos» entende-se apenas a parte da primeira página do jornal donde consta o nome deste e a data de publicação.

RECORTE E ENVIE AO «DIÁRIO DE LISBOA»

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA" n.º _____ (a)

nome _____

morada _____

localidade _____

_____ telefone (b) _____

profissão (b) _____

(b) Tabacaria, ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa»

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

RECORTE E ENVIE AO «DIÁRIO DE LISBOA»

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA" n.º _____ (a)

nome _____

morada _____

localidade _____

_____ telefone (b) _____

profissão (b) _____

(b) Tabacaria, ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa»

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

SÃO ESTES OS DOIS CUPÕES IDENTIFICADORES QUE CADA LEITOR DO NOSSO JORNAL TERÁ DE PREENCHER PARA SE HABILITAR AOS PRÉMIOS INSTITUÍDOS. NO CASO DE PRETENDER RECEBER PELO CORREIO O CARTÃO DE IDENTIDADE DE LEITOR DO «DIÁRIO DE LISBOA», DEVERÁ JUNTAR UM SELO DE 1$00

AS ESTRANHAS PERIPÉCIAS DO TRATADO GERMANO-POLACO

II — INVIOLABILIDADE E INTANGIBILIDADE

Foi sob este ângulo que se debateu a questão das fronteiras no decurso das negociações germano-soviéticas. Mas o mais extraordinário foi ter prevalecido, no fim, o ponto de vista alemão. Eis porque foram necessários quatro meses de negociações para se chegar a um tratado. Na verdade, se, no Tratado de Moscovo, se falava de «inviolabilidade» das fronteiras, foi porque os russos subscreveram o ponto de vista germânico, nesta questão. (É esta, pelo menos, a versão que a R. F. Alemã dá das negociações germano-soviéticas).

Tudo isso foi explicado da maneira mais clara pelo chefe da delegação de Bona, o secretário de Estado no Ministério Federal dos Negócios Estrangeiros, Egon Bahr, que orientou as negociações. Numa carta que esta personalidade altamente qualificada dirigiu a *Le Monde* (23/24 de Agosto de 1970) em resposta a um artigo que esse jornal publicara (no dia 20 do mesmo mês), sob o título «Inviolabilidade ou intangibilidade» ficou bem saliente a diferença entre os dois termos. O signatário da carta qualificava de «falsa» a interpretação da diferença entre as duas palavras. Isto, porque — dizia ele — de qualquer maneira, a «inviolabilidade» das fronteiras era a única coisa que estava em discussão.

A revisão das fronteiras, aduzia ele, constitui «um direito inalienável, um direito que não pode ser contestado por ninguém». E este «direito» tanto pode ser exercido pela Polónia como pela República Federal. O que significa que os polacos podem recusar as suas próprias fronteiras.

Este ponto de vista tinha sido suficientemente acentuado pelo chefe da delegação de Bona, durante as negociações de Moscovo, uma «modificação» das fronteiras «consentida pelos polacos» seria «a expressão da autoridade dos países interessados»; isto é, dos interesses da R. F. Alemã, é certo, e da Polónia também.

O chefe da delegação de Bona dizia, também que uma modificação das fronteiras só podia ocorrer «por acordo comum». Mas isso era apenas para proclamar o «direito inalienável» à revisão das fronteiras, isto é, era deixar esta questão em aberto. É evidente que nunca passaria pela cabeça dos polacos concordarem com os alemães numa modificação da linha Oder-Neisse. O facto (sublinhado pelo chefe da delegação de Bona, na sua carta ao jornal «Le Monde») de os russos estarem de acordo quanto a esse ponto, não levaria necessàriamente os polacos a fazerem o mesmo.

À PROCURA DE UM COMPROMISSO

Foi nestas condições que se retomaram as negociações de Varsóvia, no dia 9 de Outubro. Bona dava largas ao seu optimismo. Contava-se com as pressões que Moscovo poderia exercer sobre Varsóvia. A questão das fronteiras parecia ser regulada pelo tratado germano-soviético. O ministro federal dos Negócios Estrangeiros, Walter Scheel, dispunha-se a ir a Varsóvia para rubricar o tratado.

Mas as negociações, embora orientadas agora pelos dois ministros responsáveis de cada um dos países, continuavam bloqueadas, pois giravam, como sempre, à volta dos termos litigiosos «inviolabilidade»-«intangibilidade». Já não se tratava, porém, de fazer triunfar um dos pontos de vista opostos. Procurava-se um *compromisso* susceptível de permitir um acordo, que consistisse no seguinte: dar satisfação aos polacos, satisfazendo igualmente os alemães, desejosos, como se disse, de acautelarem o futuro: isto é, mantendo-se em aberto as possibilidades da revisão da linha Oder-Neisse.

Foi na base deste compromisso que o tratado pôde ser assinado, no dia 7 de Dezembro de 1970.

O sentido deste compromisso, no referente à República Federal, foi posto em relevo pelo porta-voz do Governo, durante uma conferência de Imprensa, dada depois da reunião do gabinete de Bona, na qual se aprovou por unanimidade o tratado que dai a 4 dias seria assinado em Varsóvia. Dizia o porta-voz: a política de normalização com os países do Leste criará o clima favorável para o regulamento do *problema alemão*.

Tal era, pois, o fundo da política seguida. Os tratados assinados em Moscovo e Varsóvia não eram um fim em si mesmos, mas um meio de facilitar o problema alemão (como este é encarado em Bona). Portanto, esse problema continua em aberto, após a assinatura dos dois tratados. E assim estão em suspenso as fronteiras a Leste, o *statu quo* europeu, a reunificação da Alemanha, e a questão de Berlim.

O compromisso intervindo era de natureza a permitir que cada uma das partes especulasse sobre o futuro. Os alemães consideravam que o reconhecimento da linha Oder-Neisse era apenas provisório e que o regulamento final da questão incumbiria à Conferência de Paz. Os polacos aceitavam esta reserva — aparentemente substancial — pensando que a Conferência de Paz não tem qualquer hipótese de ver a luz do dia. Mas os alemães não concedem uma importância destas a «fantasmas»; acreditam sèriamente na realização da Conferência. Por isso deixam a porta aberta para a questão da revisão das fronteiras.

Assim se explica a passividade da oposição Cristã-Democrática e Cristã-Social, em presença do Tratado de Varsóvia, que, do ponto de vista «nacional», equivale a uma «traição». Depois de assinar este documento, o chanceler Brandt podia dizer que não tinha abandonado a política federal, traçada desde os tempos de Adenauer. A única diferença é esta: os antecessores de Brandt recusavam-se a negociar com a Polónia, enquanto não se regulasse definitivamente a questão das fronteiras na Conferência de Paz. Brandt, por seu lado, aceitou a negociação reservando também o regulamento da questão para essa mesma conferência. Em ambos os casos, a questão das fronteiras germano-polacas mantém-se imutável.

Aquando das negociações de Varsóvia, a oposição lembrava a tese das fronteiras, que não era mais que a do governo. Num documento oficial da oposição, publicado no dia 16 de Outubro de 1970, dizia-se que a normalização das relações da R. F. Alemã com a Polónia só devia ser realizada pelo tratado de paz. Esta mesma tese foi lembrada de maneira ainda mais explícita, num outro documento da oposição, na véspera da assinatura de Varsóvia. Este documento em seis pontos aproximava-se singularmente do ponto de vista governamental. Aí se especificava que a normalização das relações da R. F. Alemã com a Polónia devia partir da linha Oder-Neisse: mas isto até ao regu-

(Continua na 13.ª página)

Por ATTICUS

NOTA do dia

QUEM CURA DO NOSSO INTERESSE?

POIS NÓS TODOS OS QUE nos sentimos sempre muito prontos a reclamar (até mesmo com a consciência justa de que razão não nos falta) que é que fazemos para estar à altura de contribuir para que cessem ou pelo menos se atenuem as nossas razões para isso? Em que medida é que nos habilitamos em cada oportunidade para estarmos à altura de fazer valer os nossos direitos e saber em que medida é que temos diante de nós o cumprimento do nosso dever? Nós todos, cada um de nós, componentes da comunidade nacional, adornados com o título de cidadãos, o que é podemos exigir, o que devemos dar em troca, como e por que meios?

Todas estas dúvidas vêm a propósito do recente levantamento de dados com vista ao recenseamento geral da população do País. Parece-nos de reconhecer que as operações não decorreram com aquela limpidez que porventura se deverá desejar, talvez por tudo nos parecer muito difícil. A verdade é que começou por se fazer tardiamente a distribuição dos boletins, que a muitas casas chegaram alguns dias depois daquele a que fica referida a contagem. A sua recolha, nalguns casos, ainda está por fazer. O seu preenchimento, insuficientemente explicado, em público, converteu-se para muita gente, e com razão, num bicho-de-sete-cabeças.

Os serviços deveriam ter fomentado a tempo uma campanha geral de esclarecimento, que só se fez tarde e más horas e, sem com isto se pretender dirigir agravo ou censura aos interessados, sem as condições bastantes de clareza para dissipar perante pessoas menos preparadas a manifesta complexidade dos boletins. A verdade é que o Estado dispõe hoje de poderes tais, o aparelho administrativo e os recursos técnicos ao seu serviço atingem tais dimensões que o problema a pouco mais se resume do que carregar no botão. A verdade é que a população não está instruída, não está habituada. É preciso dar-lhe esses hábitos.

O panorama é o mesmo de cada vez que seja preciso pôr a funcionar no sistema de relações entre o Estado e os cidadãos a parte do mecanismo que diga respeito a estes últimos. A atitude é sempre a mesma, encolher os ombros, não querer saber, depois se verá, como for há-de soar. E isto, que se reflectiu, como se sabe, nas operações relativas ao recenseamento da população, é o mesmo que se observa de cada vez que se espera a iniciativa dos cidadãos, quer se trate de dar passos para se inscrever no recenseamento eleitoral, quer se trate de fazer a sua declaração de rendimentos para efeitos fiscais. O desapego é quase total.

Quem é que está lembrado, efectivamente, de que neste mês de Janeiro é que todos os anos é possível dar os passos necessários para ficar uma pessoa tranquila com a segurança de que o seu nome figura nos cadernos do recenseamento? Quando há eleições é que é a trovoada que faz chamar Santa Bárbara. E não vá julgar-se que isto se passa apenas ao nível das camadas menos favorecidas. Não senhores! Já se tem visto muito bom letrado, convicto das suas convicções cívicas, ficar às tantas muito admirado de não poder figurar, por exemplo, numa lista de candidatos pela simples razão de não ser eleitor. De quem é a culpa?

Das declarações de impostos, disso então nem se fala. Cada um demora-se ou esgueira-se como Deus Nosso Senhor é servido. E no entanto, não custa a entender a importância decisiva que qualquer das operações citadas tem na vida do País, nem se pode fugir à certeza evidente do que significa a verdade que nelas se puser ou delas se tirar. Identificar o número e as qualidades das pessoas, avaliar a sua renda para se saber com quanto é que podem contribuir para o bolo das necessidades comuns, dar às pessoas as condições de vida em dizer como é que querem ser governadas, alguma dessas coisas é coisa de somenos?

na Feira Internacional de Lisboa
de 16 a 23 de Janeiro

FEIRA INTERNACIONAL DE FRANCFORT/M.
28 de Fevereiro a 4 de Março de 1971
O grande certame para Bens de Consumo de alto nível (sem têxteis)
Prospectos, cartões de ingresso a preço reduzido e alojamento:
LASSEN TRANSPORT, LDA.
LISBOA — AV. D. CARLOS I, 42-6.º — Tel. 669092/3/4/5

ENGENHEIRO CIVIL
PRECISA-SE PARTE DE TARDE
Com experiência em fiscalização de Obras de construção de edifícios e apreciação de projectos.
Resposta pormenorizada a este jornal, ao n.º 689

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

Filmes Lusomundo

UM FILME DOMINADO PELA ACÇÃO

5 valentes patifes
e... uma missão arriscada!

5
PARA O INFERNO
(Five for hell)

JOHN GARKO · MARGARET LEE
KLAUS KINSKI · NICK JORDAN · SAM BÜRKE
Realização de PAOLO MOFFA e ALDO ADDOBBATI · SCOPE EASTMANCOLOR
ADULTOS
HOJE ESTREIA NO EDEN ÀS 21.45

A COLUMBIA Filmes e LIRA Filmes apresentam
SAMANTHA EGGAR OLIVER REED STEPHANE AUDRAN
ANATOLE LITVAK
UMA SENHORA NUM AUTOMÓVEL
com óculos e uma espingarda
(THE LADY IN THE CAR WITH GLASSES AND A GUN)
JOHN McENERY JACQUES FABBRI e BERNARD FRESSON MARCEL BOZZUFFI PHILIPPE NICAUD
SEBASTIEN JAPRISOT MICHEL LEGRAND RAYMOND DANON ANATOLE LITVAK
PANAVISION ® COULEURS

21,20 21,45
SÃO LUIZ AMANHÃ ESTREIA ALVALADE

O LIVRO «UMA SENHORA NUM AUTOMÓVEL COM ÓCULOS E UMA ESPINGARDA», DE SEBASTIEN JAPRISOT FOI EDITADO PELA EDITORIAL ESTÚDIOS COR.

TRINTA E TRÊS COLECTIVIDADES NA GRANDE NOITE DO FADO

Prolongaram-se até á madrugada de hoje os ensaios dos fadistas amadores inscritos para a Grande Noite do Fado, tradicional espectáculo da Casa da Imprensa marcado como temos vindo a anunciar, para o próximo sábado.

Representantes de trinta e três colectividades populares participarão no concurso «Primeiro Passo», acompanhados á guitarra por José Maria Nóbrega e António Chainho e contando com os aplausos do publico (quanto mais palmas, melhor classificação) para a disputadíssima vitória final.

Este ano, num crescendo de interesse absolutamente invulgar, o certame fadista extravasou do distrito de Lisboa e atraiu as atenções de Setubal e Almada, que mandam fadistas para a «fogueira».

É claro que o Coliseu dos Recreios tem a lotação quase preenchida, restando de facto poucos bilhetes.

NO VARIEDADES
GIUSEPPE BASTOS
e
VASCO MORGADO
ÀS 20.45 E 23 HORAS apresentam
A SUPER-REVISTA
ESCRITA PARA FAZER RIR...
FEITA PARA DESLUMBRAR!

...E O ZÉ FAZ TUDO!
(Adultos)

INSTALAÇÕES NOVAS DA SUA INDÚSTRIA

Terreno vende-se pela melhor oferta, cerca 60 000 m2, terraplenado e pronto a construir qualquer ramo comercial ou industrial, junto a Sacavém, com dois bons acessos. Trata: Avenida João XXI, 9-A — LISBOA.

CARLOS ALMEIDA—o novo ídolo do boxe português

BOXE

HOJE, às 21.45 h. em ponto
COLISEU
(RING AO CENTRO DA PISTA)

AVISO: O combate Yanclo II--Carlos Almira não será televisionado.

Venda de bilhetes—No Coliseu, a partir das 13 horas, e na Agência A. B. E. P., nos Restauradores.
(M. 17 anos)

organizações LUSOBOX

ORDEM DOS COMBATES

AMADORES
LANÇA REIS-JORGE PESSOA (Est. Amadora) (Mouraria)
DELGADINHO-C. GONÇALVES (B. Banheira) (F. C. Porto)
em 3 assaltos de 3 minutos

PROFISSIONAIS
JOÃO NUNES (Português)
contra CANTILLANA (Espanhol)
Em 6 assaltos de 2 minutos

COMBATE SEMI-FUNDO
COSTA RODRIGUES (Português)
contra CARVAJAL (Espanhol)
Em 8 assaltos de 3 minutos

COMBATE DE FUNDO
Em 10 assaltos de 3 minutos
CARLOS ALMEIDA (Português)
contra YANCLO II (ex-campeão de Espanha)

Chegaram ontem, ao fim da tarde, a Santa Apolónia, os pugilistas espanhóis, que combatem esta noite no Coliseu. À esquerda, envergando gabardina, o ex-campeão de Espanha, Yanclo II.

Teatro TELEF. 717017
Maria Matos
(Maiores de 17 anos)
Temperatura confortável | 8.ª SEMANA
TODAS AS NOITES ÀS 21.45
Hoje noite popular, com a mesma tabela dos sábados à tarde. Balcão: 10$, 15$ e 30$. Plateia: 30$ e 50$00
Igrejas Caeiro protagonista de um êxito que o público está a promover
o inocente

A COMPANHIA DO TEATRO GIL VICENTE
CASCAIS — Telef. 280919
TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS
Apresenta hoje e todas as noites, ás 22 horas
SOTOBA KOMACHI de UKIO MISHIMA
tr. ORLANDO NEVES
BREVE SUMÁRIO DA HISTÓRIA DE DEUS de GIL VICENTE
Encerrado às 2.as-feiras p/ descanso da Companhia
ADULTOS

CONTRA FACTOS NÃO HÁ ARGUMENTOS:
A ORDEM DO PÚBLICO É CONTINUAR:
A VIDA É SEMPRE IGUAL
A mais desejada maravilha por toda a gente!

PÕE O CORAÇÃO EM FESTA COM A REVELAÇÃO DE UM AMOR SUBLIME
Uma história que ninguém esquece!
O GRANDE MILAGRE DE UMA RAPARIGA QUE RECUPERA UM INVÁLIDO PARA A VIDA E FEZ DELE A SUA SUPREMA ADORAÇÃO
UM FESTIVAL DE CANÇÕES COM O FAMOSO ÍDOLO
Júlio Iglésias

4.ª SEMANA
EASTMANCOLOR
Maiores 12 anos

HOJE NO ODEON
Excl. da DEVA FILMES
JEAN HARRINGTON

TRINDADE
Telef 320000
Hoje, às 21.30 horas
(Adultos)
O ÚLTIMO INQUILINO
O REI ESTÁ A MORRER de Ionesco
Pela Companhia do Teatro Nacional D. Maria II
Sábado às 16 horas — Tarde a preços reduzidos
Domingo — Tarde dedicada a estudantes

«DAVID COPPERFIELD»

TITULO ORIGINAL: «David Copperfield».

REALIZAÇÃO: Delbert Mann, 1969 (Inglaterra).

ARGUMENTO: Jack Pulman, segundo o romance de Charles Dickens.

FOTOGRAFIA: Ken Hodges (Technicolor).

INTÉRPRETES: Robin Phillips, Laurence Olivier, Edith Evans, Ralph Richardson, Ron Woody, Pamela Franklin, Susan Hamphire, Cyril Cusack etc.

DISTRIBUIÇÃO: Fox Filmes.

ESTREIA: Cinema Tivoli (11-1-1971).

Charles Dickens é seguramente um romancista notável. Elevado ainda de um certo romantismo, Dickens é, no entanto, um admirável narrador e um crítico implacável. A sua descrição da Inglaterra vitoriana, que se prolonga em «As Grandes Esperanças», «Oliver Twist» ou «David Copperfield», é uma panorâmica vigorosa e apaixonada.

Em 1934 George Cukor fez de «David Copperfield» uma adaptação cinematográfica cheia de turculência e de vida. Em 1969 aparece-nos uma reedição incaracterística, literária e redundante, pesada e profundamente enfadonha. Assina-a Delbert Mann, americano que deu um pulo a Inglaterra para os devidos efeitos.

Começando o seu filme com David Copperfield já na maturidade, Delbert Mann constroi a obra com base numa sucessão de «flash-backs» encadeados que tiram toda a fluência á intriga de Dickens aparecendo este como um enorme «puzzle» esvaziado de qualquer significado exterior á sua própria orquestração.

Também na pintura da época falha Delbert Mann de forma quase clamorosa (dado o material literário donde partia). Aliás, neste aspecto é curioso referir o início do filme, onde predomina a caricatura, e que confere ás primeiras cenas um certo tom excessivo extremamente interessante. Parece todavia, que tal se fica devendo mais á colaboração de Laurence Olivier do que á intenção do realizador. Daí em diante tudo naufraga na mais aflitiva mediocridade e é verdadeiramente penoso assistir-se a este atentado

Muito sofrimento reservou a vida a David. Não menor é o do espectador, unicamente desperto pela aparição de Laurence Olivier, de Ron Woordy e de Ralph Richardson, em figuras de composição bem trabalhada.

LAURO ANTÓNIO

«O SANTO E A PORCA»

ESTA NOITE NO ABC

Um clássico do novo teatro brasileiro sobe esta noite (21 e 45) á cena no ABC sob a direcção de Fernanda Alves. É «O santo e a porca», de Ariano Suassuna, com a assinatura do Teatro de Arco da Velha.

No elenco poderemos ver Rui de Carvalho, Ângela Ribeiro, Canto e Castro, Lisete Frias, Benjamim Falcão, Graça Vitória e Henrique Santos. «Euricão», personagem central, é Rui de Carvalho.

O GRUPO DE ACÇÃO TEATRAL, APRESENTA

HOJE E TODAS AS NOITES
Às 21 e às 23 horas
(M/ 17 anos)

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortavel de lisboa

A DIVERTIDA COMÉDIA

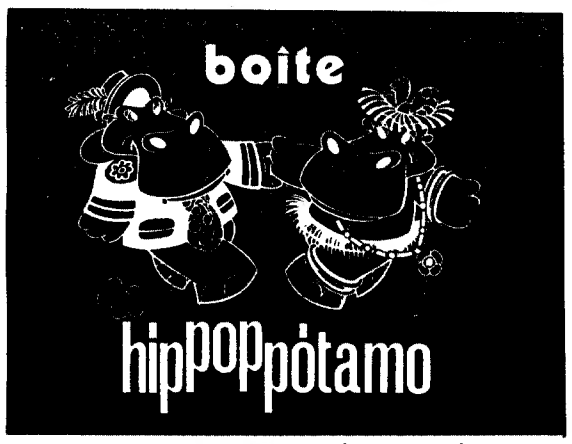
Sexta-feira, 4 e um quarto

com
LURDES NORBERTO / GLICINIA QUARTIN / SINDE FILIPE e JOÃO GUEDES

4 pessoas tentam resolver os seus problemas de amor no mesmo dia e no mesmo sítio. Conseguirão?

A PEÇA INFANTIL
«EMÍLIO E OS DETECTIVES»
HOJE: QUINTA-FEIRA, às 17 horas
SÁBADOS, às 18.30 horas
DOMINGOS, às 11 horas
PARA 6 ANOS

Sábado e Domingo, à 16 horas (Maiores de 17 anos)
«O PROCESSO», de KAFKA — Farsa trágica
50% de desconto para estudantes



Conjunto privativo e música de discos
AMBIENTE SELECCIONADO
Aberto das 22 às 5 horas M/ 17 anos
Av. António Augusto de Aguiar, 3 — Telef. 48384

NUM RASTILHO DE VIOLÊNCIA UMA EXPLOSÃO DE PAIXÕES!

ADULTOS

CANHÕES PARA CORDOBA"

GEORGE PEPPARD
GIOVANNA RALLI RAF VALLONE

HOJE às 21,30
SÃO JORGE
PROGRAMAÇÃO RANK
ESTREIA UM FILME DE ACÇÃO!

PETE DUEL · DON GORDON · NICO MINARDOS

Música ELMER BERNSTEIN · Argumento STEPHEN KANDEL · Produtor VINCENT M. FENNELLY · Realizador PAUL WENDKOS
PANAVISION® COR DeLuxe® United Artists

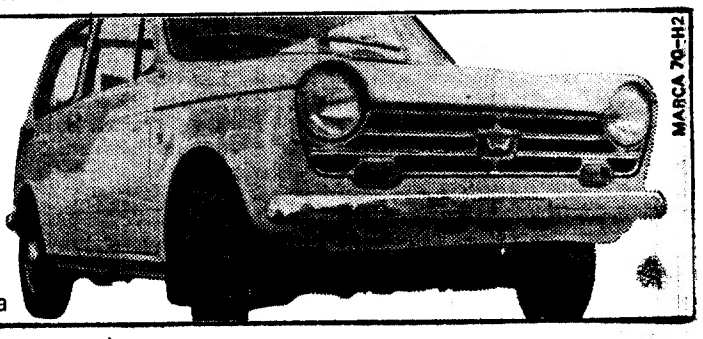
MARIA VITÓRIA (ADULTOS)
TELEFONE 36 17 40

• Um sucesso enorme, em triunfal 4.° mês!
• HOJE, 2 SESSÕES, às 20.45 e 23 horas
GIUSEPPE BASTOS E VASCO MORGADO APRESENTAM, EM PLENO ÊXITO, OS POPULARES ARTISTAS:
• JOSÉ VIANA • AIDA BAPTISTA
• BARROSO LOPES • DORA LEAL
NA SENSACIONAL REVISTA DA GARGALHADA
• PIMENTA NA LÍNGUA!...
O TRIUNFO TOTAL DE UM ÓPTIMO ELENCO, COM:
• NICOLAU BREYNER
A «VEDETA» DO FADO • ANA ROSMANINHO
A ATRACÇÃO BRASILEIRA • RONY VALY
E, NO «COMPÈRE», • OCTÁVIO DE MATOS
À FRENTE DE UMA GRANDE COMPANHIA, E DE UM ÓPTIMO «BALLET» INTERNACIONAL
• DOMINGO, «MATINÉE», ÀS 16 HORAS •

Nicolau Breyner no «Senhor Claro»

HONDA

o mini carro que cresce a olhos vistos



MARCA 70-H2

Em exposição no Stand dos Representantes Exclusivos: SANTOMAR - Av. Casal Ribeiro, 46-C - Lisboa

INTERVENÇÕES SOBRE A CONCORDATA E OS MEDICAMENTOS NA SESSÃO DE HOJE DA ASSEMBLEIA NACIONAL

(Continuação da 1.ª página)

leo da Nação», pois pode, «*pero contrário emergir de conflitos a solucionar, e, até, de uma certa hostilidade á Igreja*», ou, ainda, «*da inexistência de reais liberdades fundamentais*».

«*Em França, como tem muitos outros países de população predominantemente católica, a Igreja vive saudável pujantemente, sem concordata, enquanto acordos desse tipo existem em países comunistas*» — salientou Sá Carneiro.

Segundo o deputado, a Concordata vigente é do tipo das que visam a «*regulamentação do conjunto de relações entre a Igreja e o Estado*», como o são «*as estabelecidas em os Estados em que, por razões da direita ou da esquerda, não se encontra assegurado o exercício efectivo das liberdades fundamentais*».

«*Nesses casos* — frisou Sá Carneiro — *as concordatas visam a dar, em maior ou menor grau, á Igreja aquilo que negado á generalidade dos cidadãos e das instituições.*

«*No nosso caso, o acordo estabelecido em 1940 visou a regulamentação geral das relações entre a Igreja e o Estado e o saneamento de uma série de pendências anteriores, cuja solução havia sido antes tentada sem resultado;*

mas teve também como fim colocar a Igreja em posição excepcional pelo que se refere ao exercício de algumas liberdades» — afirmou o orador, lembrando que «*no mesmo dia em que a Constituição de 1933 iniciou a sua vigência, surgem os decretos do Governo, ainda hoje em vigor, relativos á supressão de liberdade de expressão de pensamento pela Imprensa e ao condicionamento estrito do direito de reunião, completados depois por toda uma legislação fortemente restritiva, e frequentemente impeditiva, do exercício das liberdades enunciadas no art.º 8.º, § 2.º, da mesma Constituição*».

O dr. Sá Carneiro disse, ainda, que, «*se toda essa legislação referente aos direitos de expressão do pensamento, do ensino, da reunião e da associação, fosse estritamente aplicada á Igreja e ao culto católico, desapareceria para os católicos a liberdade religiosa, que não tem existido para os fiéis de outras confissões*».

Recordando, ainda, as circunstâncias concepções da época em que foi assinada a Concordata, o orador disse acreditar que «*essas não são as concepções de hoje, nem para a Igreja, nem para o Estado*», apontando as perspectivas abertas pelo Concílio Vaticano II e a atitude do próprio Governo português, «*especialmente ante as propostas de lei de revisão da Constituição da referente á liberdade religiosa*».

Por outro lado, abordando o problema do divórcio, o deputado Sá Carneiro, um dos mais proeminentes membros da ala liberal da actual Câmara, disse que «*em matéria de dissolução do casamento, os portugueses estão sujeitos a uma dualidade de estatutos: há divórcio para uns, mas não o há para outros*».

Sublinhando que essa «dualidade» tem como fundamento «*a fé que explicitaram ao adoptar a forma canónica para o seu casamento*», Sá Carneiro lembrou que «*podem abandonar essa fé, converter-se a outra religião, tornarem-se ateus*», mas «*ficarão sempre vinculados a essa opção, ficarão sempre privados de um direito que é reconhecido aos demais*».

O problema dos filhos dos casais nessas circunstâncias foi também evocado pelo orador, dizendo que «*a desigualdade estabelecida pela actual solução, que traduz imposição civil em matéria religiosa e ingerência da Igreja em matéria civil, conduz, assim, a desigualdades chocantes na vida corrente, em que casais e filhos na mesma situação de facto, são havidos como legítimos uns, e ilegítimos outros*».

RAQUEL RIBEIRO:

«A indústria farmacêutica não pode continuar com as margens de lucro que tem obtido»

Outro dos discursos com mais curiosidade aguardados no hemiciclo foi o da deputada Raquel Ribeiro, que apontou a necessidade de ser revista a organização da indústria farmacêutica, que «*não poderá, a bem da saúde pública, continuar com as margens do lucro que tem obtido.*»

A deputada, que respondia a um recente comunicado do Grémio Nacional dos Industriais de Especialidades Farmacêuticas, esclareceu que a sua observação, segundo a qual os preços dos medicamentos são mais caros em Portugal do que noutros países da Europa «*se referia, especialmente, a produtos importados ou de laboratórios instalados em Portugal*».

Raquel Ribeiro, depois de citar numerosos casos de «*especialidades compradas recentemente em países vizinhos*», apontando a diferença de preços praticados em relação aos de Portugal, sublinhou que em 1969, só entre as sociedades anónimas do sector, «*o menor lucro líquido verificado foi de cerca de quatro mil contos e o maior de 17 mil*», e que «*em cinco dessas sociedades anónimas, o conjunto de lucros, em 1969, soma 52 mil contos*».

A deputada revelou, ainda, que o secretário de Estado do Comércio determinou, em Junho último, a constituição de um grupo de trabalho para estudar e rever o sistema, devendo dar a conhecer os resultados até 31 de Maio próximo.

A REUNIÃO NO ESTORIL DA UNIÃO DOS SEGURADORES DE CRÉDITOS INTERNACIONAIS

Em sessões privadas continuaram hoje no Estoril os trabalhos da União dos Seguradores de Créditos Internacionais, também conhecida por União de Berna, Preside aos trabalhos o sr. S. E. Phillips, tomando parte activa na discussão delegados de vários países e, nomeadamente, o secretário geral sr. W. Houval, que antes da última guerra exerceu um cargo diplomático em Portugal; «sir» Anthony Percival (inglês), H. Kawamura (japonês), dr. P. Schedlin,g (austríaco) e outros.

A convite da Companhia de Seguros de Créditos, que chamou a si proporcionar à União dos Seguradores de Créditos Internacionais os contactos e os meios para o bom êxito da reunião que trouxe a Portugal as grandes figuras mundiais de seguros de crédito, foi oferecido áqueles visitantes um passeio turístico a Sintra, ao mosteiro dos Jerónimos e à Torre de Belém. Foram depois obsequiados com um almoço no Monte Estoril também oferecido por aquele organismo português. À noite e por iniciativa da direcção da U. S. C. I., efectuou-se um jantar no hotel do Guincho, no qual também tomaram parte o presidente, vice-presidentes e administradores da Companhia de Seguros de Crédito e ainda os vice-presidentes da Corporação de Seguros, dr. Busterff Silva, e o inspector-geral de Créditos e Seguros, dr. Vasco Nunes da Silva. Amanhã, a União de Berna reune-se, a partir das 15 horas, em sessão final.

Internados ainda os feridos do acidente de Vila Franca

Encontram-se ainda internados no Hospital de Santa Maria os passageiros de um dos automóveis que chocaram na estrada velha de Vila Franca de Xira, no troço a seguir a Sacavém: Albano Bento Alves, Franquelim Cardoso e Maria José Fernandes Freitas.

O acidente originou dois mortos: Arnaldo Oliveira Dias, caixeiro-viajante, contra o outro veículo, e um ramasante pelo mesmo atropelado, indivíduo que aparenta ter 40 anos e cuja identidade até agora não foi possível apurar.

A Polícia Judiciária na peugada dos ciganos que mataram um outro em Vila Franca de Xira

Os ciganos implicados no assassínio de Rodrigo dos Santos (também cigano) não foram ainda capturados pelas autoridades.

O drama ocorreu no decurso de umas bodas ciganas efectuadas, no sábado, em Vila Franca de Xira. Dois clãs, por motivos não esclarecidos, envolveram-se em desordem — e Rodrigo dos Santos (tio da noiva) foi parar ao hospital com balas e facadas por todo o corpo.

Os criminosos parecem ter fugido com destino a Espanha, mas têm na peugada uma brigada da Polícia Judiciária, chefiada pelo inspector dr. Ribeiro Coelho.

FIM DE TARDE EM S. BENTO

★ *Feita a chamada, a que responderam 75 deputados, foi anunciado encontrar-se na mesa uma exposição pedindo a revisão da Concordata, particularmente no que se refere ao divórcio. A exposição continha numerosas assinaturas.*

★ A poluição foi o tema tratado pelo deputado Salazar Leite, terminando por solicitar realizações e legislação apropriada. O deputado Sousa Pedro ocupou-se das comunicações aéreas do arquipélago dos Açores, apontando insuficiências e pedindo soluções adequadas. Criticou, em especial, que se obriguem os passageiros «a uma aparente fiscalização policial que não dignifica quem a faz, nem agrada a quem a ela se sujeita».

★ *Em 1968 — lembrou o deputado Oliveira Dias — «existiam ainda na Metrópole 3689 localidades com mais de 100 habitantes que não dispunham de rede eléctrica. Ora a verba que o governo tem concedido para comparticipações destinadas ao alargamento da rede eléctrica do País ronda os 60 000 contos anuais, o que é manifestamente insuficiente. Muitos concelhos vêem-se obrigados a contentar-se com a realização de uma ou duas obras, anualmente, e alguns nenhuma. Com este ritmo nem no ano de 2 mil teremos o País electrificado*».

★ A propósito do «Colóquio para o Desenvolvimento do Distrito de Vila Real», o deputado por aquele distrito, eng. Humberto Carvalho, acentuou a importância daquele acontecimento e acrescentou ser «absolutamente indispensável que o colóquio continue também aqui no Terreiro do Paço, já que os caminhos do futuro para a minha região, que agora se traçaram, terão de ser construídos, sem dúvida, através do esforço colectivo das populações interessadas, das autarquias locais e do Estado também».

★ *Ainda dentro do período antes da ordem do dia, o deputado Barreto Lara aplaudiu os seus colegas Pinto Machado e Miller Guerra, relativamente às suas intervenções sobre a reforma do ensino anunciada pelo ministro da Educação Nacional.*

★ Já na ordem do dia — a discussão na generalidade das propostas de lei sobre a protecção ao cinema nacional e a actividade teatral — usaram da palavra os deputados Pinto Machado e Magalhães Mota.

★ *O deputado Pinto Machado, como membro da comissão parlamentar que está a estudar os textos das propostas de lei sobre teatro e cinema, acentuou logo de início: «Estou convicto de que estas propostas de lei são demasiado frágeis e por demais vulneráveis a interpretações subjectivas, para poderem constituir os enérgicos precisos e adequados instrumentos duma política que efectivamente vença a crise grave que mina a actividade teatral e a crise gravíssima que nega direito de cidade á cinematografia profissional portuguesa. A minha convicção — e bem satisfeito ficaria se laborasse em erro! — fundamenta-se com solidez no facto de as propostas de lei: a) não proporcionarem os meios indispensáveis a verdadeiro fomento do teatro e do cinema nacional; b) não definirem elementos que garantam que certas medidas indicadas serão realmente eficazes; c) não permitirem deduzir nem dos preambulos nem da extensa e desordenada seriação de objectivos, quais as directrizes cardinais que vão orientar a aplicação destas leis.*»

★ Entre as críticas feitas áquelas propostas de lei — ainda segundo aquele deputado — figuram a «atribuição exclusiva á Secretaria de Estado da Informação e Turismo da elaboração e aplicação das leis de fomento do teatro e do cinema nacional»; «preponderância exuberante de altos funcionários daquela Secretaria de Estado no Fundo e no Conselho de Teatro e no Instituto Português de Cinema com risco de ancilose destes órgãos pela burocracia ou sua sufocação pelo dirigismo».

★ Por sua vez, o deputado Magalhães Mota acentuaria: «*Resulta para mim extremamente claro, não ser na Secretaria de Estado da Informação e Turismo o assento próprio para a intervenção e planificação ao nível publico da cultura e das suas formas. Enquanto não criamos o Ministério da Cultura, é ao Ministério da Educação Nacional — ainda que empenhado num reforma de ensino que é, sem duvida, e desde Pombal, das reformas mais importantes da história da cultura portuguesa, mas, até por isso mesmo, necessáriamente renovado nos seus quadros e métodos — é ao Ministério da Educação Nacional que tais atribuições terão de ser conferidas*».

★ O problema do cinema português — como factor cultural — teve ontem, sem dúvida, comentadores adequados e lucidos. E isto dá esperança.

MANUEL DE AZEVEDO

DE ONTEM PARA HOJE

O TRADUTOR DA BÍBLIA

A tradução da Bíblia em vulgar verificou-se apenas depois da Reforma, advogando todos os porta-estandartes dos movimentos religiosos contra a obediência a Roma o conhecimento dos textos bíblicos por parte dos fiéis. Em português, a Bíblia só muito mais tarde seria vertida e a sua edição não apareceria com o «imprimatur» do ordinário. Foi João Ferreira de Almeida quem traduziu o Novo Testamento do original, sendo editado em Amesterdão, em 1670, mais de um século depois de encerrado o Concílio de Trento. O Velho Testamento deixou-o quase pronto e seria editado em Batávia, entre 1745 e 1753. Na longínqua Batavia é que se editou em português, pela vez primeira, o Velho Testamento. Depois viria a tradução lisboeta e com todas as autorizações católicas, embora nem a maioria seja preferível a de Ferreira de Almeida. Veio depois, dizíamos, a tradução do Padre António Pereira de Figueiredo. A figura e a vida de João Ferreira de Almeida foram ontem recordadas na Sociedade de Língua Portuguesa pelo rev. Eduardo Henrique Moreira. Lembrou que Ferreira de Almeida nascera numa aldeia próxima de Mangualde veio para casa de um tio clérigo, em Lisboa, e aos catorze anos emigra. Aparece mais tarde em Batávia, a actual Jacarta, e exerce várias tarefas para-eclesiásticas até ser ordenado pastor da Igreja Reformada. Viaja pela Insulíndia e investe-se dos documentos do Sínodo Holandês que a sua actividade notável, tanto no campo literário como no eclesiástico. A terminar, o orador fez referências críticas ás sucessivas edições da Bíblia de Almeida até á edição popular ecuménica do Rio de Janeiro, que teve recomendações de três bispos para que seja usada pelo povo católico e tem declaração provável aceite pelo cardeal presidente da Comissão Central da Conferência dos Bispos do Brasil.

TRUCIDADA POR UM COMBOIO

Amélia Salvado Peterson, de 70 anos, residente na Amadora, seguia pela via férrea, quando foi trucidada. O cadáver recolheu ao Instituto de Medicina Legal.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

O Presidente da República recebeu em audiência, no Palácio Nacional de Belém, os srs. eng.º Rogério Martins, prof. dr. Pinto Barbosa, embaixador dr. Caldeira Coelho, prof. dr. Antunes Varela, Pedro Bandeira de Carvalho e as sr.as D. Maria Amélia Pita e Cunha e D. Mariana Rita de Castro (Nova Goa).

CANAL DA CRÍTICA

por MÁRIO CASTRIM

...MAS VALE A PENA, MEUS SENHORES, FALAR A SÉRIO?

Muito, muito tempo com Guilherme de Faria. Um pobre poeta do integralismo lusitano, que automorreu com 21 anos. Carmen Dolores lê versos. Solene, Fernando Vaz Garcia inaugura a sua carreira de versejorador, igualmente com uma produção de Guilherme e Faria. De seguida, a habitual Rosa dos Ventos, cujo lugar mais indicado seria pegadinha ao boletim meteorológico. João Gaspar Simões tresnoitou uma palestra subordinada ao título: «*As minhas leituras em 1970*».

Mesmo que eu o não explicasse, todo o mundo estaria sabendo que me refiro ao programa «Convergência», o quinzenário. Tudo quanto disse não basta para se ter uma pálida ideia do aborrecimento mortal em que o dito programa agoniza. E não é apenas pela matéria cultivada — é também pela maneira como se apresenta o material. Ninguém duvida da posição subalterna ocupada por Guilherme de Faria na literatura, dando de barato que lá ocupa alguma posição. Poeta representativo de uma determinada ideologia passadista, talvez ninguém mais hoje se lembrasse dele se não por força imposta pelas sequelas da tal ideologia. O que em sua poesia poderia haver de poèticamente promissor não chegou a revelar-se em plenitude. Digamos de Guilherme de Faria que era um jovem com muita sensibilidade, para dizermos o que é costume dizer quando não sabemos o que havemos de dizer de um poeta de quem é forçoso dizer alguma coisa.

Meia dúzia de palavras bastava, pois, para uma referência ao poeta. Mas não. *Convergência* não poupou tempo e não poupou meios. Não deixou, inclusivamente, de nos fornecer imagens filmadas de uma conferência de Joaquim Paço d'Arcos em Guimarães, imagens certamente pertencentes à cinemateca particular do conferencista. Como se tal não bastasse, aparece-nos o mesmo conferencista, desta vez em pessoa, a falar da obra do adolescente poeta em termos inaceitáveis: «obra de vulto que está em todas as antologias...» «...um nome na nossa literatura...».

Quanto a João Gaspar Simões, só ontem compreendemos as razões por que, nas primeiras aparições em *Convergência*, ele procedeu á leitura da sua colaboração. Alguém, malevolamente, está claro, poderia insinuar que João Gaspar Simões pretendia fazer prova de saber ler, mas ontem compreendeu-se o verdadeiro motivo: Gaspar Simões não possui as mínimas condições também para improvisador. Ainda vamos dar de barato que se trata de falta de prática. Afastado das câmaras de televisão durante tantos anos, não lhe deram tempo para praticar. O resultado está á vista: as hesitações, as repetições, as reticências, as muletas, a expressão frouxa. Esperemos que o mal seja remediado a partir de agora e que, dentro de 10 anos, possamos ver um Gaspar Simões eloquente, directo e claro.

Na sua palestra, Gaspar Simões referiu algumas das obras lidas em 1970, embora algumas houvessem sido publicadas em 1969, isto é... quer dizer... bem: o melhor é dar a palavra ao conferencista: «*Porque as minhas críticas no jornal onde todas as quintas-feiras profiro as minhas opiniões acerca de livros não começam, quer dizer, não se detêm num determinado momento, prolongam-se do ano anterior*».

O mais valioso da doutrinação de João Gaspar Simões concentrou-se na referência a uma obra de Virgílio Ferreira, intitulada «Invocação ao meu corpo». Mais uma vez não quero privar os meus leitores de apreciarem as palavras e as ideias de Gaspar Simões, que, com a devida vénia, se transcrevem:

«*Invocação ao meu corpo*», *de Virgílio Ferreira, é uma espécie de ensaio, um compromisso entre a filosofia e a criação, uma conciliação entre a crítica e a especulação filosófica. Esse livro, quanto a mim, representa muito dentro desta espécie literária, porque é como que uma procura, um caminho que se perdeu.*

«*Não há muitas direcções hoje no mundo, para os homens de pensamento. Pelo contrário: o pensamento hoje está canalizado em direcções absolutamente estanques. Ora, o livro de Virgílio Ferreira sai para fora dessas correntes estanques e tenta uma aproximação daquilo que eu considero mais necessário para uma reabilitação da literatura, que é o encontro com o nosso próprio corpo. E aqui o nosso próprio corpo é a nossa própria vida pessoal. Diga-se o que se disser, filosofe-se sobre o que se filosofar, criem-se as teorias que se criarem, o que é certo é que há uma realidade fundamental: essa realidade é o homem, o homem delimitado pelo seu corpo. Creia-se, ou não, que dentro desse corpo existe uma alma, o que é certo é que, sem contarmos com a existência de um corpo, de um ser de um homem, tudo o mais que se fizer, sobretudo no campo da especulação filosófica, literária, crítica, é sem valor*».

Nada se pode tirar, nada se pode acrescentar. É um trecho perfeito para se ficar com uma ideia da capacidade de razoar de Gaspar Simões. Tem absoluta razão: perdeu-se o caminho do homem. Hoje, para o pensamento, há direcções, sim, mas estanques. Sobretudo, há o nosso corpo, o nosso querido corpo, ou, se quisermos uma expressão mais carinhosa, o nosso *corpinho*. Os filósofos, os literatos, os críticos, não podem esquecer a realidade do nosso corpinho. Tudo o mais é fugir a uma realidade fundamental.

É certo que não se ficou a compreender bem aquilo que João Gaspar Simões entende por «corpo». Suponho que se refere a um indivíduo, a uma pessoa bem determinada, com nome próprio, ou seja: tudo o que não é confessional, lírico — está errado. E eis-nos como João Gaspar, ao terçar armas contra o que ele chama «direcções estanques», acaba por criar mais uma estanquidade.

Não. Talvez não valha a pena falar a sério destas coisas. Boa noite. Passem bem. Vou assistir ao quarteto de Villa-Lobos, e a seguir refastelo-me, com armas e bagagens, no «Centro médico» onde há uma menina que pensa sofrer de leucemia, e afinal não é leucemia, é uma doença aparentada, mas muito benigna (claro!), uma doença chamada «Trombopatia Naoselquê Púrpura», que se cura com ablação do baço, o que faz a menina muito feliz, pois espera o marido do Vietnam, onde se encontra há 18 meses, sim, não tem graça nenhuma esperar o regresso do marido há 18 meses ausente e no fim de contas estar com uma carga de leucemia. Nesse episódio também haverá um antigo jogador de futebol, um ídolo, decadente, está claro, mas que fará a operação, espécie de invocação ao seu corpo feita pelo dr. Gannon, e ficará bom, e treinará uma equipa e será feliz.

Que bom, o «Centro Médico»!

Rádio

EMISSORA — 1.º Programa 451 mc/s — 665 kc/s — Às 16: Sinal horário — Noticiário; 16 e 05: Programa da juventude; 17 e 30: «Falua», programa infantil, por Ana Maria; 18 e 05: A convidada de hoje: Simone de Oliveira; 18 e 20: Espectáculo-teatro, por Figueiredo de Barros; 18 e 40: Encontro ao fim da tarde, com Sheila; 19 e 05: Cartaz dos espectáculos; 19 e 15: Recordar é viver; 20: Diário sonoro; 20 e 20: O conjunto «The Moody Blues»; 20 e 30: 9.º episódio do folhetim «Encruzilhadas»; 20 e 52: Melodias; 21: Momento 71; 21 e 20: Musica, só musica; 21 e 50: Dia a dia com a ciência, pelo dr. Marques da Costa; 22 e 10: Fados, por Dina Trindade e José Borges; 22 e 30: Novidades em discos, texto e selecção de Paula Medeiros; 23 e 05: Exitos da Europa; 23 e 30: Canções que o mundo canta; 24: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16: Que quer ouvir? — Programa elaborado por Margarida Brandão — A ópera em três actos «La Traviata» (Verdi); 18: Musica portuguesa; 19: O conto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Variações sobre um tema de Mozart (Malcolm), pelos cravistas, Valda Aveling; Geoffrey Parson; Simon Preston e o autor; 20 e 30: Parte de um concerto realizado na igreja de S. Roque, em Lisboa e organizado pela igreja Evangélica Alemã; 21 e 08: Solo de Piano por Rena Kyriakou — Bourrée Fantasque (Emmanuel Chabrier); 21 e 20: Tempo literário; 21 e 40: Musica de Liszt; 22: Teatro dos nossos dias: «Ingmar Bergman, dramaturgo», pelo dr. Leopoldo de Araujo; 22 e 58: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio jornal; 20 e 07: Selecção para o seu jantar; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Rádio Placard; 21 e 03: Diálogo; 21 e 08: Tempo novo; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Mensagens bíblicas; 23 e 19: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 02: Banda sonora; 2 e 02: Perspectiva; 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 mc/s — 782 kc/s — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelanea; 19 e 20: Rabbialac; 19 e 35: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 05: Só-rádio; 21 e 40: Contrastes musicais; 21 e 45: O arauto da verdade; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Carrossel-3; 23 e 04: Clube da juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 238,2 m — 1260 kc/s — Às 16: Radioroma; 18: Cartaz musical de Espanha; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Esquema 13; 19 e 30: Página um; 20 e 59: Meditando 21: Variedades; 21 e 30: Melodias portuguesas; 21 e 45: Canto Joan Baez; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30. **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22. **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2. **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30.

ESTUDANTES!
IV CONCURSO ESCOLAR DE PINTURA E DESENHO
CISNE
RECEPÇÃO: ATÉ 31/MARÇO/71

NOVO FIGURINO DO TELEJORNAL

(às 21 e 30)

A partir de hoje a principal edição do Telejornal (21 e 30) será concebida em novos moldes, no sentido de oferecer uma panorâmica da actualidade nacional e internacional.

Este figurino do Telejornal, realizado num novo estúdio, no qual foram introduzidas importantes inovações técnicas, terá como apresentadores exclusivos José Mensurado e Henrique Mendes.

TV dia a dia

HOJE PODE VER

I Programa — Às 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: TV Juvenil; 20 e 5: Conheça o Portugal Desconhecido; 20 e 25: Imagens da poesia europeia; 21 e 30: Telejornal; 22: Noite de teatro, «O Segredo»; 23 e 10: Cinema sem estrelas; 23 e 30: Marcha do Mundo; 23 e 40: Fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22: O Jogo da Vida»; 23: Imagens da poesia europeia; 23 e 30: Fecho.

SIEMENS ESTORIL electronic

AMANHÃ PODE VER ..

I PROGRAMA — *1.º período* — Às 12 e 45: Abertura; 12 e 46: Desenhos animados; 13: Feminino singular; 13 e 15: Filme de Série — «Viver no Campo»; 13 e 45: Telejornal; 14: Mini-decoração; 14 e 15: Logo á noite; 14 e 20: Fecho.

2.º período — Às 14 e 40: Ciclo preparatório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Série juvenil — Robin dos Bosques; 20 e 10: Hóquei em patins, transmissão directa do jogo Paço d'Arcos-Sporting C. P.; 21 e 30: Telejornal; 22 e 5: Série policial — «Os Vingadores»; 23: Os anos sessenta na vida internacional; 23 e 25: Marcha do mundo; 23 e 30: Meditação e Fecho.

II PROGRAMA — Às 21 e 30: Telejornal; 22: Um dia com... um cozinheiro; 22 e 15: História da Música n.º 14 — Anton Werbern. Apresentação do dr. João de Freitas Branco — (no I Programa em 12-11-70); 22 e 40: O Santo (no I Programa em 18-4-66); 23 e 30: Fecho.

TUDOR
pilhas para iluminação

ZONAS ADJACENTES AO TERREIRO DO PAÇO

Foi suspensa a exposição urbana marcada para a E. S. B. A.

Um programa de intervenção urbana para as zonas adjacentes ao Terreiro do Paço, que principiaria ontem a ser discutido na Escola Superior de Belas-Artes, foi suspenso á ultima hora.

O mencionado programa de intervenção urbana para as zonas adjacentes ao Terreiro do Paço compreendia, além da apresentação geral a cargo do arquitecto Formosinho Sanches, duas conferências subordinadas aos temas «Lisboa e alguns factos para uma forma urbis (séc. XII-XVIII)» e «Estrutura funcional do centro de Lisboa», da autoria, respectivamente, do arquitecto José Charters Monteiro da Conceição e dr. Jorge Gaspar. A primeira seria pronunciada em 15 do corrente, e a segunda no dia 20.

Além disso, uma mesa-redonda (22 de Janeiro) reuniria os arquitectos Formosinho Sanches, José Charters Monteiro da Conceição, Manuel Vicente e Pedro Vieira de Almeida, e os drs. Jorge Gaspar e José Carlos Ferreira de Almeida.

O programa cumprir-se-á após consulta ministerial.

Em três linhas

O escritor e filósofo francês Marcel Clément, director de «L'Homme Nouveau», profere hoje ás 21 e 30, na sede da UCIDT, à Rua Duque de Palmela, n.º 2, 5.º, em Lisboa, uma conferência subordinada ao tema «A Crise da Civilização Contemporânea».

///

O «Diário do Governo» publica a rectificação ao decreto n.º 540/70, que procedeu à actualização dos planos de estudos dos cursos de Engenharia nas Universidades portuguesas.

///

Está patente ao publico, no Palácio Foz, uma exposição de pintura de Manuel Damásio Ganso.

///

Está marcada para os próximos dias 30 e 31, na Feira Internacional de Lisboa, a 55.ª Exposição Canina Internacional. O prazo da inscrição termina no dia 16.

Reabre ao culto a capela de N. S. do Resgate

A capela de Nossa Senhora do Resgate, aos Anjos, que esteve encerrada durante cerca de dois anos por motivo de obras de restauro, reabre ao culto amanhã, ás 18 e 30. O arcebispo de Mitilene fará uma alocução congratulatória.

Dezanove enfermeiras do Instituto Maternal num Curso de Actualização

Dezanove enfermeiras, que trabalham nos serviços do Instituto Maternal do continente e Ilhas Adjacentes, participam no «Programa de Actualização em Administração de Serviços de Enfermagem da Comunidade» que está a decorrer em Lisboa, até ao dia 16, na Escola de Ensino e Administração de Enfermagem.

Por força do papel que lhe cabe no desenvolvimento sanitário do País, o Instituto Maternal considera indispensável dispor de pessoal de enfermagem especializado.

Assim, interessado na valorização e actualização permanente daquele pessoal e correspondendo ao interesse das enfermeiras que desempenham cargos de chefia, solicitou a colaboração da Escola de Ensino e Administração de Enfermagem na organização de um Programa de Actualização.

Dentre os temas em discussão no «Programa» destacam-se: administração de serviços de enfermagem; enfermagem na comunidade; o papel da enfermeira na Saúde Mental; sensibilização aos mecanismos sociais e aos fenómenos da comunicação humana.

Os orientadores dos vários temas do programa são as enfermeiras D. Maria Graciete Alves Baptista, D. Louise Margarite Cohen Cunha Teles, D. Maria Teresa Basto Pereira Forjaz, D. Marta Hansen Lima Basto, D. Rosélia Ramos, D. Maria José Azevedo Coutinho Simeão, e drs. D. Laura Ayres e José Carlos Ferreira de Almeida e Joaquim Lalande Proença.

NOVOS HORÁRIOS NAS CARREIRAS DE BARCO ENTRE LISBOA E O BARREIRO

Com a entrada ao serviço de dois novos barcos, a CP vai modificar os horários das carreiras fluviais entre Lisboa e o Barreiro. Os novos horários entrarão em vigor amanhã, para no mês de Maio voltarem a sofrer alterações, que os adequarão aos novos horários previstos para os comboios da Região Sul, a vigorarem nessa data.

Entretanto, a CP aguarda de todos os utentes dos barcos críticas e sugestões sobre os horários, até ao final do mês de Março.

NADIR AFONSO NA GULBENKIAN

O pintor Nadir Afonso profere amanhã, ás 18 e 30, no Auditório Dois da Fundação Gulbenkian, uma palestra sobre «Os Mecanismos da criação artística», a qual será comentada pelos drs. José-Augusto França e Rui Mário Gonçalves e Fernando Guedes e Fernando Pernes.

ABRE AMANHÃ AO PÚBLICO A «FORD-EXPO 71» UMA EXPOSIÇÃO INÉDITA NO NOSSO PAÍS

Representantes dos órgãos de Informação visitaram na F. I. D. a «Ford Expo 71», que amanhã será inaugurada pelo Presidente da Republica.

Trata-se de uma vasta exposição — a maior até hoje realizada em Portugal por uma marca de automóveis — que pretende apresentar toda a gama de modelos da Ford, desde automóveis ligeiros a veículos pesados, tractores e máquinas industriais, bem como as restantes actividades e produtos da industria portuguesa que participam na industria automóvel.

No mesmo local estão também representados alguns serviços de assistência técnica e ainda veículos usados que a Ford vende no ambito de um programa comercial designado por A1, ou seja, veículos com garantia.

Ocupando um lugar de relevo na exposição, encontra-se o novo «Cortina», recentemente lançado pela Ford no mercado europeu.

A «Ford Expo 71» pretende assim dar ao grande público uma panoramica geral da sua gama de produtos, dos seus serviços e da evolução técnica do automóvel numa forma que transcende a dimensão que até agora tem sido adoptada em Portugal para a comercialização de um produto.

Um dos aspectos importantes relaciona-se com a industria ligada ao ramo automóvel que, continuamente, tem melhorado as suas condições de qualidade e de produtividade. Algumas destas industrias, que no inicio da montagem em Portugal viviam em condições precárias, encontram-se representadas neste certame com «stands» próprios, onde pode ser comprovado i seu grau de desenvolvimento.

MINIATURAS DE COMBOIOS

Decorre amanhã, ás 18 horas, no Departamento Comercial da C. P. (Serviço de Promoção do Tráfego), na Rua Vítor Cordon, 45, o sorteio final do concurso infantil «Tu e o Comboio» integrado na exposição de comboios em miniatura que a Companhia, em colaboração com as Galerias Sol Nascente, promoveu recentemente no átrio principal da estação do Rossio.

Sindicato dos Técnicos de Topografia

No Sindicato dos Técnicos de Topografia realizou-se a assembleia geral para eleição dos corpos gerentes para o triénio 1971-1973:

Foi apresentada uma lista unica, resultante das consultas aos associados..

Eleitos, para a assembleia geral, os srs. Fernando José Trindade Pereira, Anselmo Duarte e José Monteiro Ralha; e, para a direcção, os srs. Guilherme Eugénio Soares Viana Abranches, Vítor Manuel da Rocha Góis, Manuel António Fonte Santa Fiatho, Hélder João Fernandes Reis e Carlos Franco Carregal Ferreira.

SENSACIONAL

Vá a Madrid, na Páscoa, OFERTA JOVICA, 30 Viagens (15 prémios iguais para 2 pessoas) 5 dias, viagem em auto-pullman de luxo, Hotel de 1.ª, visita à cidade e Vale dos Caídos, etc. Sorteio a realizar em 27/3/71, autorizado pelo Ex.mo Sr. Governador Civil de Lisboa. E na altura da compra receba logo o BRINDE JOVICA para todos os clientes.

TELEVISORES
Desde 100$00 Mensais, oferta da antena para os dois programas

FRIGORÍFICOS
Desde 100$00 Mensais

ESQUENTADORES
Desde 100$00 Mensais

MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA
Desde 150$00 Mensais

MÁQUINAS DE LAVAR LOIÇA
Desde 150$00 Mensais

SEM | ENTRADA FIADOR

JOVICA

LISBOA: Largo D. Estefânia, 12-C
Telef. 53 45 36
Avenida 5 de Outubro, 53-C
Telef. 4 77 69
FILIAIS: CACÉM — SINTRA — CASCAIS
VENDA NOVA

Feira ESPECIAL de Têxteis domésticos roupa caseiras e alcatifas
em Francfort/M.
13 e 17 de Janeiro de 1971
Para informações, cartões de ingresso a preço reduzido e alojamento
LASSEN TRANSPORT, LDA.
LISBOA — Av. D. CARLOS I, 42-6.º
Tel. 669092/3/4/5

BOM APETITE

CASTANHEIRA
E. de Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 15 anos)

A COLMEIA
RESTAURANTE DIETÉTICO E MACROBIÓTICA
(VIDA LONGA)
«SELF-SERVICE»
ENCERRADO AOS DOMINGOS
RUA DA EMENDA, 110-2.º
T. 370500 (AO CAMÕES)

DOÇARIA REGIONAL CASEIRA
CAFÉ INCONFUNDÍVEL NO
BAR RIBATEJO
PRAÇA DO AREEIRO, 11-D ABRE AS 7 HORAS

QUINTA DE S. VICENTE
RESTAURANTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211 (M/ 15 anos)
JANTARES DANÇANTES AOS SÁBADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
PREMIADO PELO SNI

SOLAR DO MINHO
Rua do Vigário, 60—Alfama
(St.º Estêvão) — Tel 866811
COZINHA MINHOTA
ALMOÇOS e JANTARES
cada dose 20$00

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

MARIA DA FÉ, a «vedeta» do elenco do «Luso», parte amanhã para Paris mas com curta demora. Efectivamente, será uma das atracções do espectáculo a realizar na Sala Vagrin na noite do próximo sábado. A popular intérprete será acompanhada pelo guitarrista Jorge Fontes e pelo viola Jorge Barradas. Alguns dos números que apresentará no espectáculo: «Valeu a pena» (de Moniz Pereira), «Ó meu amor marinheiro» (de Joaquim Pimentel e António Campos) e «Na asa desta gaivota» (de Luís Alcaria). Esta é a segunda vez que Maria da Fé canta em Paris. Recorde-se que já realizou espectáculos nos Estados Unidos e teve larga permanência no Brasil como atracção de restaurantes típicos portugueses e de programas de TV do Rio e de São Paulo. Na próxima semana começarão os ensaios para a gravação de um novo disco (a editar pela etiqueta «Estúdio») e onde incluirá melodias de Braga Santos e poemas de José Carlos Ary dos Santos, também o autor escolhido pela intérprete na sua ultima gravação posta á venda.

ESTA ESTRANHA LISBOA

Por URBANO TAVARES RODRIGUES

O FRIO, O NEVOEIRO E O ROSTO MARCADO

As mãos, sem luvas, crivadas de pregos na cinza da manhã solidificada. Lisboa tremendo com frio. Sem gás bastante para os caloríferos. Sem electricidade, em muitos bairros, nem para uma radiografia, nem para um electrocardiograma. Faces azuis de solidão. Pó de aço nas calçadas. Uma falsa eternidade suspensa no ar. A calma nas ruas pobres: um polvo de silêncio, de misérias emaranhadas.

Depois, foram os dias breves do nevoeiro. A ilusão: rosas de névoa sobre a cidade triste e conformada, mentindo-nos a todos. Mas sabia bem, era outra coisa aquela injecção de vapor de sonho pelas travessas sem amanhã. Sombras subterrâneas emergindo, a cidade de repente destruída, refeita, o vento peneirado em lágrimas indolores. Uma anestesia bem-vinda.

E foi num desses dias hipnóticos, sem norte nem sul, sem luz, nem realidade responsável, fora do circuito do pior habitual, que, ao subir o Chiado, a encontrei. O rosto marcado. As suas rugas voluntárias inscritas numa liga de mármore e doçura de anos muito vividos, muito cruéis.

— Já passou o Ano Novo, amigo. Mas quero dizer-lhe bom-dia. E tocar-lhe. Só isso.

— Felicidades também para si —respondi, interdito, quase envergonhado. De onde vinha aquela súbita gratidão? De que troço esquecido do meu passado ressurgia o rosto doloroso que eu não conseguia sequer lembrar? Em volta, risos ressequidos, o blabló do Chiado burguês, as camisas brancas e cremes, o pez das saudações, as panças tranquilas...

E o rosto marcado já a afastar-se, com a sua incógnita, as suas cicatrizes, quem sabe?!, algum farrapo de mim, algum gesto sepulto a ligar-nos.

A música sem cor de nevoeiro atravessa a massa inerte da tarde. Pronto! Lembrei-me. E dói, dói tanto! É que nada fiz que mereça aquele impulso. Dei meia dúzia de palavras, um sorriso quase lágrima, a timidez de uma ajuda. Dei também o grito de um protesto, sem eco, sem nenhum eco. Isto é, não: o eco foi nela, desmesurado, este repique de emoção anos depois.

Já vai longe, subindo a sua rampa-calvário, e eu fixado ao solo, incapaz de mover-me como num pesadelo. Um líquido quente sobe-me à garganta. Este rosto marcado, que já foi belo, que o é ainda! A austeridade da espera, a imensidão da ternura, a crucificação da carne. Outras fraquejaram, cederam aos repontes do instinto, às exigências da vida, ao algodão do tempo, à necessidade sinuosa de convívio, de afectos novos, à carência absoluta de uma companhia, a outras formas de amor... Ela, não. Tem-se consumido, mumificado, absorta nos momentos antigos, deles se alimentando, visitando-o quando pode, violentando o organismo, paralisando os seios, o ventre, os lábios, tudo guardando para ele, para o seu regresso. Não a condenaria se diversamente agisse. Não. De modo algum. Mas a sua recusa do possível natural, a sua não desistência do absoluto o seu projecto de dádiva completo enchem de sangue invisível o meu dia de nevoeiro.

Quero correr ainda atrás dela e dizer-lhe: «Eu nada sou, que julga você? eu nada valho, ao pé de si e do seu companheiro há tanto tempo na torre de castigo insulado e verticalmente teimoso em sua esperança, no seu rigor. Eu nada sei, nada sou ao pé de vocês dois. Que disparate amiga é dar-me esse absurdo valor mitificar-me, só porque exprimo às vezes (e me ouvem) ou traço o gesto fortuito da épica que dia a dia, hora a hora, na escureza do sofrimento aceite e natural, vocês os dois, em limpida união de amantes separados, realizam para o futuro dos homens!...

o fado e o folclore — restaurantes típicos

ADEGA MESQUITA
cantam: Fernanda Pinto, Maria Amélia Proença, Alcindo de Carvalho. Tocam: Jaime Santos, António Proença ✲ **Rua Diário de Notícias, 107 ✲ Telefone 328307 ✲ Encerra aos domingos.**

PARREIRINHA DE ALFAMA
cantam: Argentina Santos, Júlio Peres, Lina Maria Alves, Natalino Duarte, Flora Pereira, Leonor Santos e Susana da Conceição. Tocam: Manuel Martins e Miguel Ramos ✲ **Consumo mínimo 50$00 ✲ Beco do Espírito Santo 1 ✲ Telef. 868209**

TAVERNA DO EMBUÇADO
elenco: João Ferreira Rosa, Vicente da Câmara, João Braga, Ana Rosmaninho e António de Mello-Corrêa. Tocam: Fontes Rocha, José Luís Nobre Costa e Pedro Leal ✲ **Encerra aos domingos ✲ Consumo mín. 90$00 ✲ Beco dos Cortumes, 10 ✲ Telef. 860816**

MÁRCIA CONDESSA
cantam: Teresa Nunes, Norberto, Martinho, Fernando Manuel e António Reis. Artistas convidados: Candida da Conceição, Julieta Maria e Aurora Sobral. Tocam: Alberto Vilar e António Pessoa ✲ **P. da Alegria, 58 ✲ Tel. 367093 ✲ Encerra á segunda-feira**

SOLAR DO MINHO
Cozinha minhota. Todos os dias almoços e jantares ✲ Dose: 20$00 ✲ Rua do Vigário 60 ✲ Telefone 866811

FOLCLORE
elenco: Arminda Vidal, Fernanda Guerra, Julieta Brigue, Lídia Ribeiro, Marina Rosa, América Lima, António Chainho, Fernando Ribeiro, José Maria Nóbrega, Avelino Rodrigues, Fernando Matos e Corpo de baile constituído por 20 elementos e dirigido pelo coreógrafo António Gonçalves ✲ **Cons. mín. 150$00 ✲ Taxas incluídas ✲ Rua Nova da Trindade, 22-A ✲ Telef. 35007 - 323406 ✲ Encerra ao domingo. Reabre em 1 de Fevereiro.**

TIMPANAS
cantam: Trio Odemira, João Fernando, Emília Reis, Luís Braga e Benvindo Cruz. Tocam: Pedro Caldeira Cabra e Fernando Alvim. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Quim Barreiros ✲ **Cons. min. 61$50 (taxas incl.) ✲ Rua Gilberto Rola 24 ✲ Telefones 676655-672431**

A SEVERA
cantam: Alice Maria, Florinda Maria, Maria Amorim, Maria Portugal, Manuel Fernandes, António Pires e José Amaro. Tocam: Carvalhinho e Pais da Silva e ainda o conjunto «Aguarela de Portugal» ✲ **Rua das Gáveas, 57 ✲ Telef. 384006 ✲ Encerra á quinta-feira**

MIL E UM
cantam: Henrique Manuel, Fátima do Rosário, Zília Maria, Fernanda Machado, Maria Eva, José de Barros, Artur dos Santos e Moisés Campelos. Tocam: Alfredo Alves e Joaquim Pinto ✲ **Cons. mín. 40$00 ✲ Travessa da Espera, 8 ✲ Telefone 35464 ✲ Encerra ás 5 da madrugada**

LUSO
elenco: Maria da Fé, Fernando Maurício, Glória Maria, Augusto Ermida, Odete Mendes, Plínio Sérgio (em fados de Coimbra), Domingos Camarinha (guitarra) e Jorge Barradas (viola). Conjunto privativo de Danças Regionais, dirigido por António Cunha ✲ **Trav. da Queimada, 10-16 ✲ Telefones: 362889-328503**

VIELA
cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Conceição Tavares e Lisete Maria. Tocam: Torquato Lopes e **José Inácio ✲ Cons. mín. 50$00 ✲ R. das Taipas, 14 ✲ Tel. 327256**

A KAVERNA
cantam: Celeste Maria, Tino Santos, Renato Mota. Tocam: Armandino Maia e José Maria Carvalho ✲ **Cons. mín. 90$00 ✲ Travessa dos Fiéis de Deus 37 ✲ Telef. 35593**

LAR PORTUGUÊS
cantam: José Borges, Dino Cardoso, Armando Miranda. Folclore pelo Conjunto Típico do «Lar Português» ✲ **Conc. mín. 50$00 R. da Barroca, 133 ✲ Telefs. 36960 e 30532 ✲ Encerra ás terças-feiras**

SOLAR DA MADRAGOA
cantam: César Morgado, Maria de Lourdes e Judite Teixeira ✲ Tocam: Sales Correia e Agostinho Dias ✲ **Cons. mín. 30$00 ✲ Rua das Trinas, 67 ✲ Telef. 669857 ✲ Encerra ao domingo**

ADEGA MACHADO
cantam: Esmeralda Amoedo, Ivete Pessoa, Nazaré Maria, José Vilela, Tino Ferreira. Fados de Coimbra por João Queiroz, Trio Arautos. Fandango pelo Grupo de Vila Franca de Xira. Tocam: Jorge Fontes e Manuel Martins ✲ **Cons. mín. 70$00 ✲ Rua do Norte, 91 ✲ Telefs. 30095-328713 ✲ Encerra á segunda-feira**

O ARABITA DE ALFAMA
cantam: Leonor Macedo, João Cabral, Rossana Lima. Tocam: Acácio Gomes e Armando Ferreiro ✲ **Encerra aos domingos ✲ Rua da Adiça 9 ✲ Telef. 86345**

O FORCADO
cantam: António Rocha, Mariana Silva, Coelho de Jesus, Miguel Silva e João Sobreira. Tocam: Acácio Gomes e Miguel Silva ✲ **Cons. mín 40$00 ✲ Rua da Rosa 219 ✲ Telef 368579**

GUITARRA DE ALFAMA
cantam: Vitorino dos Santos, Tucha, Mascarenhas e José Manuel Osório. Tocam António Bessa e Fernando Reis ✲ **Encerra ao domingo ✲ Cons. mín. 35$00 ✲ Largo do Penteeiro 7 (Alfama) ✲ Telefone 868505**

BALEEIRA
cantam: Filipe Duarte, Maria Emília, Ana Madalena e Julietta Reis. Tocam: José Alves e Armando Silva ✲ **Encerra ás segundas-feiras ✲ Cons. mín. 40$00 ✲ Av. Marginal, 21-22 (DAFUNDO) ✲ Telef. 213259**

O CASTIÇO
Rua Gilberto Rola, 67-1.º ✲ Alcântara ✲ Telf. 670463 ✲ canta: Silvio Pinto ✲ tocam: Jorge Canedo e Mário Cotrim

TABUINHAS
Restaurante típico ✲ Fados e guitarradas ✲ Beco Esconso, 7 (á Rua Visconde da Luz) ✲ Cascais ✲ Telef. 284060

restaurantes, bares, «boites» e «dancings»

GUITARRA DA MADRAGOA
Aberta todos os dias ✲ **Rua da Esperança, 174 ✲ Telef. 661915 ✲ Cons. mínimo 50$00**

A FURNA
Rua Ferreira Lapa, 38-D (á Av. Duque de Loulé) ✲ Telefones 534466-561949
Música gravada. Ceias até ás 3 horas. Encerrado aos Domingos.

ARCHOTE-CLUB
Discos ✲ Rua D. Filipa de Vilhena.

HIPOPPÓTAMO
Av. Ant. Augusto de Aguiar, 3-A ✲ Telef. 48384 ✲ Conj. Helder Reis ✲ Encerrado aos domingos

NOCTURNO
Travessa Fiéis de Deus, 28 ✲ Telef. 370889 ✲ Poesia com Correia da Silva ✲ Encerra ás 3 e 30.

MAXIME
Conjunto 6 ✲ Reacção e Maximiliano ✲ «Show» turístico ✲ Variedades internacionais ✲ **Praça da Alegria, 58 ✲ Telef. 55366.**

GALERIA REAL
Estrada de São Pedro ✲ SINTRA Encerra á meia-noite ✲ Telef. 981661 ✲ Ultimas novidades em discos, recebidos directamente dos E. U. A.

SANZALA
Av. Marechal Carmona, 2 ✲ Campo Grande ✲ Telef. 770172 ✲ Encerra ás 3.30.

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR-
Conjunto Manuel Viegas ✲ Avenida Duque de Loulé, 73 ✲ Telef. 530171

BARBARELA
Rua da Atalaia, 18 (Bairro Alto) ✲ Telef. 367136 ✲ Encerra ás 3 horas

SNOB
Rua de «O Século», 178 ✲ Telef. 33723.

TAGIDE
Variedades. Conjunto Zé Pedro ✲ **Largo da Biblioteca, 18-22 ✲ Aberto ao domingo**

TAMILA
Marão e s/ Conjunto ✲ **Avenida Duque de Loulé, 69—Telef. 534117 ✲ Matinées todos os dias ✲ Encerra aos domingos**

ADÁGGIO
Apresentação de Teresa Paula Brito no seu novo reportório ✲ Discos recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e **Brasil ✲ Rua Carlos Reis, 51-A ✲ Telef. 775695.**

CASINO DO ESTORIL
Jogo autorizado ✲ Variedades internacionais ✲ **Telefs. 264521 - -264526-264596-264621-264946.**

FORTE VELHO
Paço ✲ S. João do Estoril ✲ Telef 261337.

CURTO-CIRCUITO
Rua dos Correeiros, 216 ✲ Telef. 363572 ✲ Aberto das 18 ás 3.30

As calças são usadas pelas empregadas do comércio com inegáveis vantagens, como se verifica pela ilustração. Certas entidades patronais, numa manifestação de «rara» tacanhez de espírito, não permitem ás suas funcionárias o uso das calças. Esta situação, porém, tende a desaparecer

A OFENSIVA DA MAXI (Conclusão)

O uso generalizado das calças como reacção da mulher às maxi

As reacções à maxi e à midi aumentam na razão directa da sua divulgação. Uma das mais notórias é o uso das calças pela mulher. Esta peça de vestuário, cujo monopólio foi defendido pelo sexo masculino com argumentos de valor moral e pressões de vários tipos, acabou, finalmente, por fazer parte de todos ou quase todos os guarda-roupas femininos.

Por
ANTÓNIA
DE SOUSA

A mulher que trabalha ou estuda (e até a que trabalha exclusivamente em casa) optou pela calça em face da maxi e da midi. E optou pela calça com a razão incontestável da sua viabilidade prática. Se não pudessemos atribuir á maxi qualquer outro mérito, teríamos de lhe reconhecer, pelo menos, o facto de ter ajudado a mulher a vencer os ultimos tabus que lhe inibiam o acesso á calça e tê-la levado a adoptá-la em todos os momentos da sua vida.

Mulheres de todas as classes sociais usam calças, vão com ela á escola (há bem pouco era proibido!) e com ela vendem ao balcção e vão á igreja. Espécies preciosas de tacanhez de espírito ainda fazem vigorar as suas empresas e escritórios a proibição do uso das calças pelas suas funcionárias, em nome de um qualquer respeito pelos costumes e a decência, arvorados em guarda-avançada das «maravilhosas características femininas». Mas não temos duvidas de que tendem a desaparecer!

Há cerca de 10 anos, a mulher que passasse duas vezes no Rossio com calças era apontada de exibicionista, de andar a fazer o auto-reclamo, insultada, vilipendiada. Então, era necessária certa coragem para enfrentar os ditos mais ou menos obscenos que o uso dessa peça de vestuário suscitava, mesmo quando semiescondida pelo casaco comprido.

A situação hoje é totalmente diversa. As calças em perna de mulher entraram nos circuitos das ruas. Deve ser idêntica a proporção do uso de calças femininas a saias e muito mais elevada do que de maxis.

O contraste é flagrante. A senhora, vestida tradicional e modestamente de lenço, avental e camisola de malha, é atendida, na Sapataria, pela jovem de calças e botas

AS «HOTPANTS» REACÇÃO-LIMITE À MAXI

Para lá desta reacção, a contra-ofensiva á maxi assume internacionalmente as formas mais inesperadas. As «hotpants» são, sem duvida, a mais retumbante.

Segundo o telegrama recente duma agência noticiosa e que os jornais portugueses reproduziram, as «hotpants» (calças quentes!) vão revolucionar a moda americana. Nova Iorque atribui a Paris a paternidade da nova moda, sem duvida a mais ousada desde sempre. A própria Ursula Andress afirma que as «hotpants» farão com que as mini-saias pareçam sobretudo!

Na descrição do mesmo telegrama as «hotpants» são «miniaturas das mais pequenas calças que se possam imaginar e expõem a parte superior das pernas». Os adeptos e adeptas da mini-saia talvez respirem de alivio e se sintam préviamente compensados por este Inverno de pernas escondidas. Estas «hotpants» que já apareceram em Paris e nas principais cidades dos E. U. A. consistem em calças tão cavadas como as dos bikinis. As meias, transparentes ou opacas inserem-se nas virilhas. Como estamos no Inverno, usam-se com maxicasacos abertos á frente.

«As italianas preferem também mostrar as pernas», diz um outro telegrama, este de Milão. Sessenta e seis por cento dos 70 000 bilhetes postais enviados a um referendo do semanário italiano «Annabella» exprimem a preferência das italianas pela mini-saia e por reflexo, também a dos italianos. Entretanto, a maxi continua a usar-se, lá como cá, a despeito do desagrado dos maridos, conforme a opinião da dona da «boutique» que entrevistámos.

ANTONIO VITORINO DE ALMEIDA

«Há pessoas para quem o trajo ideal seria o biombo»

A OPINIÃO DOS MARIDOS

Contactámos telefónicamente com alguns «maridos».

Disse-nos o pintor Daciano Costa:

— *A minha mulher, com toda a sua independência, passou a usar maxis e midis. Não me sinto nada «trajado» nem ofendido por ver a minha mulher de maxi. Pessoalmente, considero que as maxis não estão ajustadas ás necessidades da vida moderna. Do ponto de vista estético, acho que me é indiferente. Até porque as mulheres á medida que vão tapando as pernas, vão destapando outros coisas...*

PARA COMPRAR OU VENDER
AS SUAS JÓIAS
BARBOSA, ESTEVES & C.ª, LD.ª
293 — Rua da Prata — 295

AMANHÃ DIA 15
MUITO BARATO
TOALHAS E JOGOS DE BANHO
TOALHAS DE MESA
JOGOS DE CAMA
COBERTORES, etc., etc.
Lavores Femininos
Avenida Guerra Junqueiro, 3-D
LAVORES
Rua Áurea, 197 — LISBOA

Ourivesaria da GUIA
UM NOME NA OURIVESARIA PORTUGUESA
FUNDADA EM 1875
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

o reporter de serviço

Torquato da Luz

INCÊNDIO DE BOLSO

A Redacção de um jornal tem de ser um inferno. Por mim, nunca admiti que pudesse ser outra coisa: são os teclados das máquinas de escrever e os telexes a despejar notícias; são os telefones a retinir alarmantes; são as campainhas a exigir a presença urgente de contínuos para levar os originais à tipografia: são os chefes a dar ordens, etc.

As manhãs passam tão ràpidamente que nem se dá por elas. Ainda há pouco eram oito horas e já são dez. Não tarda que sejam treze e a malta comece a desanda-. O ofício de escrevedor de notícias é a mais desconcertante que se pode imaginar: ainda agora acabei de «fazer» um incêndio e já me entregam nas mãos uma inundação: escrevi quatro necrológios e já o telefone me diz que uma senhora deu à luz quatro gémeos.

A juntar a esta baralhada, há as pessoas que a todo o momento vêm ao jornal pedir um pouco do seu espaço para um apelo, um protesto, uma notícia. Algumas são arrogantes. No seu entender, os jornais são mesmo para dar as notícias que o público deseja. Não é favor nenhum, o que fazem. Outras chegam humildes — trata-se de um apelo à caridade pública: têm a máquina de costura no prego, o filho no hospital, etc.

Pois, aqui há tempo, um senhor, visivelmente irritado, veio ao «Diário de Lisboa» por isto: uma carteira de fósforos incendiara-se-lhe automàticamente na algibeira e queimara-lhe o fato. Que ia exigir uma indemnização à companhia fosforeira, etc.

Ouvi-o atentamente e fiz a notícia. No entanto, não escondi a minha incredulidade: como é que uma carteira de fósforos se incendeia no bolso? Achei estranho.

Ontem, porém, tive a confirmação e, passados já vários meses após a redacção da tal notícia, a experiência (a grande mestra — diz-se — da vida) veio ensinar-me que é possível trazer um incêndio no bolso. Ao procurar os fósforos na algibeira, para acender um cigarro, a respectiva carteira ficou em chamas mal a retirei do bolso! Com a mão esquerda em chaga, digo para mim: «Ora toma, para não duvidares!». Como protesto, passarei a usar isqueiro. Ou pensavam que deixava de fumar?

ASSIS PACHECO

«Na variedade é que está o interesse»

DACIANO COSTA

«As mulheres, á medida que vão tapando as pernas, vão destapando outras coisas»

MORAIS E CASTRO

«A mini era o símbolo da independência da mulher»

Por sua vez, o actor e advogado Morais e Castro, cuja mulher «também tem midis e maxis», afirmou-nos:

— *Considero a maxi um produto da sociedade de consumo, para variar e haver corrida ao comércio do vestuário feminino. A maxi é inadequada ao nosso tempo e ritmo de vida! Felizmente, hoje as mulheres já vão trabalhando e levam uma vida intensa... Na minha opinião, as maxi são muito inestéticas, porque deixam á vita a parte da perna menos bonita, a canela, e por isso exigem o uso da bota e um arranjo especial de cabelo... mas para de noite acho bem. Considerava a mini uma moda adequada á nossa época e até um fenómeno social. Era, quanto a mim, um símbolo da independência da mulher. De outro ponto de vista erótico acho melhor a mini do que a maxi.*

O compositor António Victorino de Almeida disse-nos, por sua vez:

— *Há pessoas para quem o trajo ideal seria efectivamente o biombo... E, alias, o problema dessas pessoas não reside tanto na ausência da beleza física como na de outros factores igualmente imprescindíveis a um conceito superior de estética. Simplesmente, considero sempre errado tomar por referência o mais desfavorecido (neste caso a mais desfavorecida) e estabelecer a moda segundo esse critério que julgo «á defesa»...*

Usada por motivos termicos não posso combater a tal maxi, ainda que lamente, em muitos casos, os rigores do clima... Mas por favor: aquela coisa chamada midi, espécie de pobreza envergonhada, essa é de banir para todo o sempre!

E a rir:

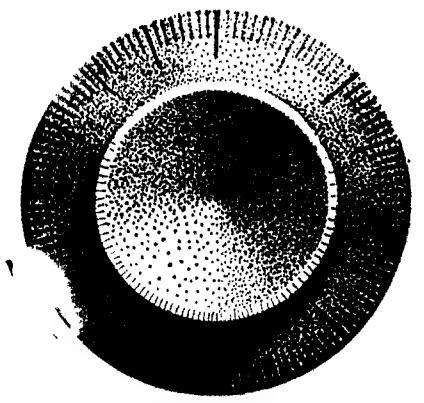
— *Espero que os costureiros tomem em consideração a minha abalizada opinião!*

Afirmou-nos, por fim, o actor Assis Pacheco:

— *Acho muitíssimo bem a maxi. Gosto muito de ver. As raparigas ficam muito engraçadas. As senhoras também, a menos que sejam muito gordas e sem estética, mas sobretudo as raparigas acho muito bem. Esta variedade de moda quebra a monotonia, o vestuário já não é uma espécie de farda, de maneira que há uma sinfonia de cor agradável, que delicia os olhos... Aqui há muitos anos toda a gente vestia de escuro, da mesma maneira... Agora há esta variedade de maxi-saias, de mini-saias, de calças, esses xailes coloridos... quando se tem vinte anos tudo fica bem! A minha mulher já não tem idade para andar de maxi, já estamos sexagenários, mas se tivéssemos filhas achava bem que elas usassem!*

A mulher de calças compridas é, este Inverno, visão frequente nas ruas da cidade. A maxi-saia, que se coaduna mal (ou não se coaduna nada) com o ritmo da vida moderna, motivou o uso generalizado da calça. Se outro mérito não pudéssemos atribuir à maxi, teríamos de lhe reconhecer, pelo menos, o de ter ajudado a mulher a vencer os ultimos tabus que a inebriam no uso dessa peça de vestuário, por tanto tempo considerado monopólio masculino

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
Oferece um novo serviço



ALUGUER
DE COFRES

RUA DO OURO

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
INSTITUTO DE CRÉDITO DO ESTADO

GRANDE LIQUIDAÇÃO

Por motivo de obras no nosso estabelecimento, iniciaremos no dia 15 do corrente uma

GRANDE LIQUIDAÇÃO

de artigos nacionais e de procedência inglesa, francesa e austríaca, tais como

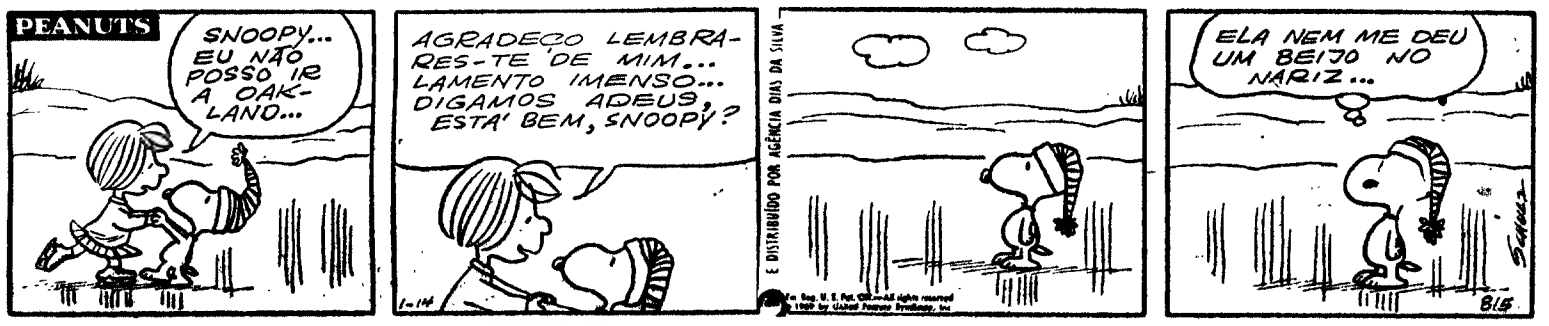
SOBRETUDOS, GABARDINES, FATOS, CAMISAS, GRAVATAS, MALHAS e ainda CORTES DE FATO

NUNES CORRÊA
ALFAIATES
R. Augusta, 250 — LISBOA

F. RAMADA — AÇOS E INDÚSTRIAS, SARL

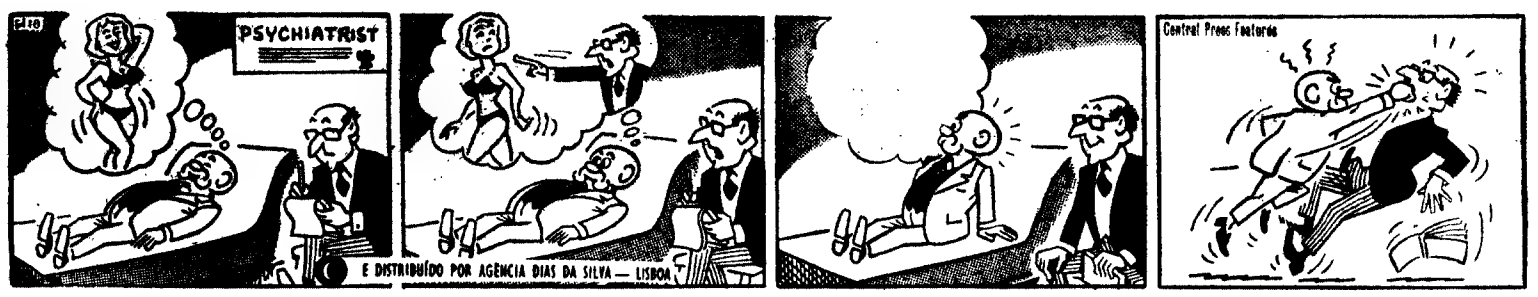
Comunica aos seus clientes e amigos que, em virtude de ter adoptado o regime de «SEMANA AMERICANA», os seus estabelecimentos fabris e comerciais de OVAR e dependências de LISBOA, PORTO, ÁGUEDA, COVILHÃ e MARINHA GRANDE, estarão encerrados aos sábados, desde o início deste ano.

Os Peanuts



Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 14 de Janeiro de 1941 publicava:

«Eis um que desaparece, na sombra da eterna noite, deixando atrás de si as passadas de um viajante que muda o mundo para dentro de si e a sós com ele martela dia e noite a matéria e o espírito. Morreu em Zurich o autor de «Finnegan's Wake» e do alucinado «Ulysses» — alucinado no sentido de extra-humano — quase cego, um trapo negro sobre um dos olhos, desigual, absurdo, hipersensível, amargo e algumas vezes luminoso.

«Saiu da Irlanda para ver, estudar, compreender e achar uma possível explicação para os enigmas que o seu ser lhe propunha. A sua taciturnidade agravou-se, o seu sonho estendeu-se. Nem os lagos, nem as montanhas, nem as estradas, os museus ou as paisagens o obrigaram a despedir-se da sua querida cidade de Dublin, tão aborrecida e tão amada, espécie de porto imaginário onde se escondia quando a terra acabava, diante das suas miradas de visionário.

«James Joyce era, culturalmente falando, o menos latino dos homens, apesar de antigo aluno dos jesuítas, do seu amor á Itália e á França, da sua paixão pela «Divina Comédia», de Dante que ele considerava uma janela aberta para além das chagas que nos corroem.

«No fundo, pensava ele, o homem é uma nau de glória e um esquife de desgraça.»

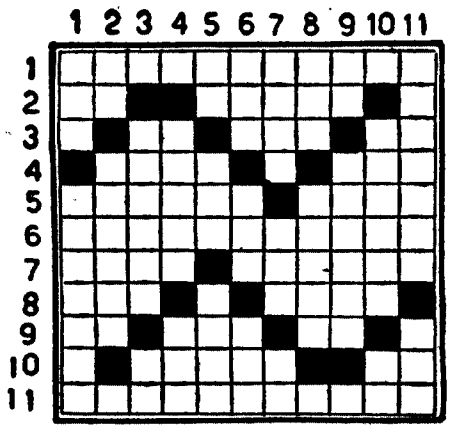
Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5774

HORIZONTAIS: 1 — Aquela ou aquilo que assusta (fem.). 2 — Artigo definido. Oportunidades. 3 — Prosiodímio (s. q.) Bondosa. Compaixão 4 — Guindaste. Raer 5 — Devorar. Bolso. 6 — Ornamentaremos 7 — Pronome pessoal (pl.). Agarrara. 8 — Conjunção. Existência 9 — Caminhar. Pronome pessoal. Ruim 10 — Rostos Pronome pessoal. 11 — Amolgaríamos

VERTICAIS: 1 — Preposição e artigo definido (pl.) Arriscado. 2 — Abreviatura de Santíssimo Espigar. 3 — Mercado. Cobalto (s. q.). 5 — Samário (s q.). Medida de líquidos usada na Holanda. Saca. 6 — Abreviatura com que se designa a vacina contra a febre tifóide e paratifóide A e paratifóide B. Abreviatura de Royal Air. Force. Oceano. 7 — Lavrou. Voltar (inv.*) Nota musical. 8 — A mais velha das vestais Sela pequena. 9 — Artigo definido. Latada 10—Ornamenta. Porco. 11—Carinhosa Patas



Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5773

HORIZONTAIS: 1 — Corta. Tascao. 2 — Um. Arparias. 3 — A. TAL. Res. 4 — Aam. Nu. 5 — Esmolaram. 6 — Capsa. Oleai. 7 — Assoalhara. 8 — Nb. Ode. 9 — Tia. Ias. 10 — Erradias. Um. 11 — Saúde. PORTA.

VERTICAIS: 1 — Cua. Ecantes. 2 — Om. Asa. Bira. 3 — Campa. Aru. 4 — Ta. Massa. Ad. 5 — Art. Lãs. Ide. 6 — Pará. Orai. 7 — TAL. Rol Pás. 8 — Ar. TALHO. Só. 9 — Sir. Meada 10 — Caen. Are. Ut. 11 — Assumia. Imã

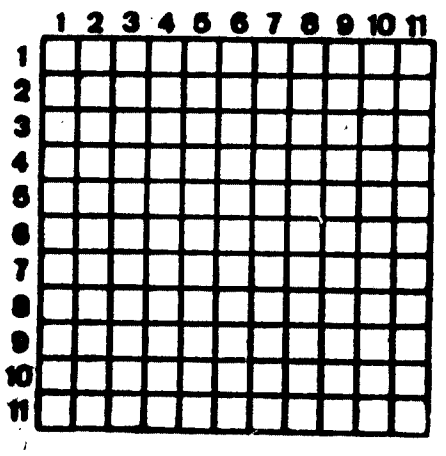
Provérbio: A TAL PORTA, TAL TALHO.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9617

HORIZONTAIS: 1 — Nome de vários rios da Alemanha. Azeda. 2 — Içais. Mordiscar 3 — Rasguem. Espécie de forragem (Bras.) 4 — Deusa da Lua entre os Egípcios. Radio (s q) Erbio (s. q) Preposição latina que designa movimento 5 — Página. Ruins 6 — Ligaramos por casamento 7 — Tanto. Pelos de certos animais 8 — Prefixo de privação Adegas Níquel (s. q). 9 — Atractivos (fig) Cidade da Argentina. 10 — Carne de porco metida em tripa de intestino grosso Mais mal 11 — Freguesia do concelho de Guimarães Povo

VERTICAIS: 1 — Extrair Tapume 2 — Combina. Fatigar 3 — Rio da Suiça Sustento. Remo para trás. 4 — Ligaras. Grande desordem. 5 — Calcaras 7 — Atacas. 8 — Tombaram. Pá para levantar a terra cavada. 9 — Sufixo que designa pequenez. Nota musical. Lírio. 9 — Causa dano a. Apelido. 10 — Charrua Fechara as asas para descer mais depressa



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9616

HORIZONTAIS: 1 — Caída. Adela. 2 — Amortaceram. 3 — Mós. Aru. Até. 4 — Pr. Miras. Aí. 5 — Pesaram. 6 — Mor. Cós. 7 — Ta. Arado. AC. 8 — Asa. Ana. CLI. 9 — Icem Arma 10 — Paras. Apear. 11 — Arota. Garoa.

VERTICAIS: 1 — Campa. Taipa. 2 — Amor. Mascar. 3 — Ios. Po. Aero. 4 — Dr. Mera. Mol. 5 — Atais. Rã. Sa. 6—Enra. Ano. 7—Acuar. Dá. Ag. 8 — De. Saco. Apa. 9 — Era. Mo. Crer 10 — Lata. Salmão. 11 — Amefa. Ciara.

PORTO KOPKE

Distribuidores no Sul
OLIVEIRA & TORROAES, L.da
R. do Salitre 123-Lisboa

★★★★★★★★★★★★★★★

A BAIXA DE PREÇOS CONTINUA

ELECTRODOMÉSTICOS

AS MELHORES MARCAS AOS MELHORES PREÇOS

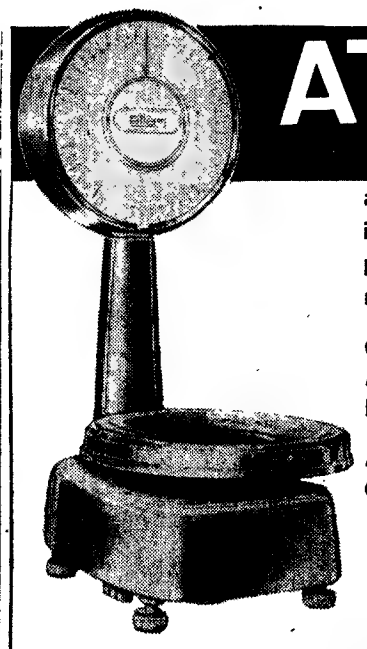
TUDO PARA SUA CASA

CASA MAX

2, Av. Praia da Vitória, 2-C e Rua de D. Estefânia, 1 a 3

★★★★★★★★★★★★★★★

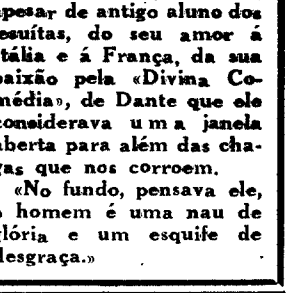
ATLAS
mod. 2003



a nova balança inteiramente automática para estabelecimentos modernos

CONSTRUIDA SEGUNDO AS MAIS RECENTES INOVAÇÕES DA TÉCNICA

ACABAMENTO CROMADO OU INOX

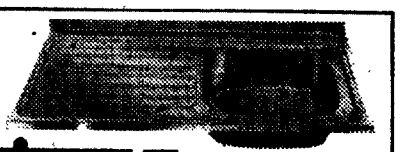


tipo 2003/12
força 12 kg
frações 5gr

preço moderado
grandes facilidades de pagamento
demonstrações sem compromisso
aceitamos trocas

Distribuidores Exclusivos:
Sec. de Rep. SIDA - SUECA, *limitada*
Rua de S. Nicolau, 15-17 — Telef. 369331 — LISBOA-2

Teka
O moderno LAVA-LOUÇA inox 18/8 — 304
Fabricado por — Teka-Hergom



Representante — Anselmo Santos
AVEIRO - Apart.-130 - LISBOA - R. Cor. Bento Roma, 12-A

Medalha comemorativa da Refinaria do Porto

O prof. João Lumbrales discursou no acto da entrega dos prémios aos artistas classificados

Numa das salas do conselho de administração da Sacor, efectuou-se a cerimónia da entrega dos prémios aos artistas distinguidos no concurso da medalha comemorativa da inauguração da Refinaria do Porto.

O referido concurso esteve oportunamente aberto a todos os escultores portugueses, diplomados pelas Escolas Superiores de Belas-Artes de Lisboa e do Porto e aos artistas de reconhecido mérito, com obras já consagradas públicamente.

A Sacor, numa demonstração do muito interesse que lhe merecem todas as actividades do espírito, instituiu 5 prémios para galardoar os melhores trabalhos apresentados, e as obras recebidas foram expostas no Palácio Foz.

À entrega dos prémios, que se revestiu da maior simplicidade, assistiram os srs. prof. João da Costa Leite Lumbrales, presidente do conselho de administração; eng.º Duarte do Amaral, vice-presidente; eng.º José do Canto Moniz, Aristide Sain, dr. Rui Brás Mimoso, dr. Armando Stichini Vilela e dr. Jorge Botelho Moniz, administradores; directores-gerais e outros funcionários superiores da Sacor.

Depois de proceder á entrega do 1.º prémio ao escultor João Charters de Almeida e Silva, e aos restantes premiados escultores João Fragoso, Rogério Azevedo, José Valadas Coriel e António Manuel Mingocho, o sr. prof. Costa Leite Lumbrales, em nome do concelho de administração da Sacor, proferiu um breve discurso, dizendo:

«Para celebrar a inauguração da Refinaria do Porto, grande empreendimento — pode dizer-se sem falsa modéstia —, cujo valor para a economia nacional resiste bem a certas críticas maldosas ainda quando ninguém pretenda que ele represente a perfeição pura, resolveu a administração da Sacor fazer cunhar, como é uso muito generalizado, uma medalha comemorativa.

Na verdade, graças, quer á acção do Estado, na comemoração dos seus empreendimentos, quer á de grandes empresas ou entidades culturais, a arte da medalha tem-se ùltimamente desenvolvido em Portugal e acusado muito sensíveis progressos. Constitui um meio, modesto no seu valor material, mas que pode atingir alto significado e valor artístico, de comemorar um acontecimento. É como que a emissão de um monumento em miniatura que pode ficar na posse dos que contribuiram por qualquer forma para o empreendimento comemorando e também na daqueles que, apreciando tal manifestação artística, a coleccionam.

Condicionada a sua concepção a certas exigências de tamanho e de forma, creio que terá sido essa a razão pela qual, durante bastante tempo, a arte de cunhar medalhas se revestiu de um marcado classicismo, apresentando uma certa resistência á evolução das concepções da estética. Mas essa evolução acabou por vencer, e muitos escultores modernos portugueses se têm distinguido nessa actualização e modernização da nobilíssima arte da medalha.

No cumprimento da decisão tomada de fazer cunhar uma medalha comemorativa da Refinaria do Porto, a Sacor, através de um concurso aberto a todos os escultores portugueses, procurou obter as condições da melhor solução. E porque a necessidade da escolha de uma, feita segundo um critério inteiramente isento — sob o anonimato dos concorrentes e com o conselho de categorizados artistas —, não implicava necessàriamente demérito para outras, criou, para as que fossem incluídas nos cinco primeiros lugares da classificação, os prémios que tenho o prazer, em nome da administração da Sacor, de entregar a V. Ex.as.

Não foi espírito de compensação pecuniária que levou a dar esta forma aos referidos prémios, mas afigurou-se a única maneira prática de manifestar o apreço pelos trabalhos por V. Ex.as apresentados a concurso e um agradecimento pelo interesse que nele manifestaram e que se estende a todos os de mais concorrentes, entre os quais alguns apresentaram também trabalhos de real valor.

Na expectativa de novas realizações e empreendimentos, e sem perder de vista os seus objectivos fundamentais — servir a economia nacional, através da sua actividade industrial, assegurar ao seu pessoal condições de vida, não apenas estáveis, mas progressivas, remunerar, como é indispensável, os capitais nela investidos —, não podemos esquecer que, no mundo moderno, é função das grandes empresas, dentro das suas possibilidades, contribuir também para estimular as actividades culturais.»

O prof. João Lumbrales usando da palavra na entrega dos prémios aos artistas classificados no concurso para a medalha comemorativa da Refinaria do Porto

Em representação dos artistas premiados, o escultor Charters de Almeida agradeceu a forma por que haviam sido acolhidos e exaltou a importância da iniciativa da empresa, e, nomeadamente, o carinho e interesse demonstrados pela Sacor em relação á colaboração dos artistas plásticos que sempre procura associar ás suas grandes realizações.

O TRATADO GERMANO-POLACO

(Continuação da 3.ª página)

lamento definitivo desta questão na Conferência de paz.

Foi neste espírito que o chanceler Brandt assinou o Tratado de Varsóvia. Podia dizer que o fez em nome de todos os partidos. O chanceler evocou a tese unânimemente seguida em Bona, na mensagem que dirigiu à nação alemã, na noite de 7 de Dezembro, festejando o «grande acontecimento»: a assinatura do tratado germano-polaco. Ao terminar, Brandt sublinhara que «*a normalização das relações entre a R. F. Alemã e a Polónia não substitui (ersatzt) o tratado de paz*». Os alemães podiam estar tranquilos. O tratado que ele assinara tinha carácter provisório.

Interessa acrescentar que não se tratava de um voto piedoso ou de um alibi para justificar o que poderia parecer o abandono da política federal em curso em Bona, desde a criação da R. F. Alemã. O chanceler Brandt entrincheirava-se atrás dos Acordos de Potsdam e das suas potências ocidentais — hoje aliadas da R. F. Alemã — os Estados Unidos da América e a Inglaterra, signatárias, com a U. R. S. S., desses acordos. São os Acordos de Potsdam que conferem carácter provisório à linha Oder-Neisse, pois prevê-se neles que a questão só será regulada na conferência de paz.

Sabe-se que até agora as potências ocidentais (com excepção da França) nunca aceitaram a linha Oder-Neisse, em virtude dos termos dos acordos de Potsdam a este respeito. Assim, deixando — ainda que de maneira platónica — aberta a porta à questão das fronteiras a Leste, o governo federal coloca esta questão no plano «europeu».

Isto equivale a dizer, é certo, que as potências ocidentais têm também a sua palavra a dizer. Mas isso significa igualmente que a questão das fronteiras poderá ser novamente posta em discussão, a qualquer momento, sem ter em conta o Tratado de Varsóvia. No dia em que esse momento for considerado oportuno pelo governo federal, nada poderá impedi-lo de o fazer.

UM TRATADO DE ALCANCE RELATIVO

Sendo assim, o alcance do Tratado de Varsóvia é bastante relativo. Se os polacos ficaram com a convicção de que a sua fronteira ocidental é, finalmente, reconhecida pela R. F. Alema, os alemães consideram-se, no entanto, tão livres como sempre de voltar à questão.

Por outro lado, o Tratado de Varsóvia — e o de Moscovo— nasceu coxo. Só será ratificado pelo Bundestag se a questão de Berlim for regulada de maneira «satisfatória». O que significa que é necessário um prémio para a normalização das relações da R. F. A. com a Polónia. Sem isso, não haverá tratado, nem renúncia ao recurso à força, nem reconhecimento da linha Oder-Neisse. Sem o prémio reclamado, a R. F. Alemã retomará a sua antiga política e voltará ao estado de coisas existente antes do Tratado de Varsóvia, isto é, do tratado que se destinava a pôr-lhe fim, no interesse da paz.

Ainda mais, o regulamento «satisfatório» da questão de Berlim, exigido por Bona, significaria a anexação mais ou menos efectiva, de Berlim-Oeste à R. F. Alemã. O que equivale a dizer que esta parte da antiga capital alemã ficaria instalada no coração do Estado Alemão de Oeste. Pode imaginar-se fàcilmente a situação explosiva que assim se criaria, e que seria tudo, menos construtiva, para a normalização das relações Leste-Ocidente.

Exposição de livros sobre Arquitectura na Gulbenkian

No átrio da Biblioteca Geral da Fundação Gulbenkian está patente ao publico a Exposição de uma parte dos livros sobre Arquitectura adquiridos no ultimo ano e publicados, na sua maioria, muito recentemente.

Esta exposição abrange a Arquitectura Civil, Paisagística e Religiosa, a Estética e a Hisória da Arquitectura por países tais como Alemanha América, Arménia, China, Espanha, França, Inglaterra, Itália, Japão, Portugal, e Roménia e, por outro lado, as Técnicas e o Urbanismo.

A entrada para a exposição faz-se pela Rua Marquês de Sá da Bandeira.

Necrologia

FALECIMENTOS

Amável Silvério Mafra Fidalgo

NAZARÉ, 14 — Faleceu, nesta vila, o sr. Amável Silvério Mafra Fidalgo, de 70 anos, antigo presidente da União Nacional e do Município local, e actual secretário da Casa dos Pescadores.

Capri Ford Escort

2 CARROS DIFERENTES
2 EXITOS SEMELHANTES

CONSULTE O SEU CONCESSIONARIO FORD

LINCURI

AV. REPÚBLICA, 32 — LISBOA

e concelhos de Cascais, Loures, Oeiras, Sintra e Vila Franca de Xira

O EGIPTO REJEITA AS PROPOSTAS DE ISRAEL

CAIRO, 14 — (A. N. I.) — O Egipto rejeita as últimas propostas de paz apresentadas por Israel ao medianeiro da O.N.U., Gunnar Jarring, considerando-as uma repetição da política apresentada por Israel desde 1968 — anunciou um informador oficial.

«A proposta israelita assegura apenas que Israel continua a insistir na sua política expansionista e na recusa de cumprir a resolução do Conselho de Segurança» — acentuou.

O Egipto recusa-se a aceitar a proposta de conversações directas a nível ministerial e em território neutro, no Médio Oriente, ou que se espere pelo tratado de paz para a retirada dos israelitas dos territórios que ocupam, ou, finalmente, na extensão das tréguas enquanto houver conversações.

FORÇA INTERNACIONAL DE PAZ

A República Árabe Unida propõe a criação de uma força para manutenção da paz no Médio Oriente, composta por soldados norte-americanos, soviéticos, ingleses e franceses, segundo informa o jornal egípcio «Al Gomhouria».

O jornal, que não revela a origem da sua informação, diz que a proposta pede uma força militar dos «quatro grandes», sob a bandeira das Nações Unidas e estabelecida pelo Conselho de Segurança da O.N.U.

Essa força, ao contrário da equipa de observadores militares retirada da área em 1967, será encarregada de «evitar novas agressões», tanto por forças árabes como israelitas.

O ministro dos Negócios Estrangeiros, Mahmoud Riad, entregou a proposta ás entidades oficiais inglesas, francesas e italianas durante a sua recente digressão pela Europa Ocidental, e ao embaixador egípcio nas Nações Unidas, Mohammed Hassan, numa conferência telefónica. O presidente da União Soviética, Podgorny, está no Cairo e já recebeu o plano.

Tréguas na Jordânia

AMÃ, 14 — (A. N. I.) — Novo acordo de cessar-fogo parece ter terminado hoje com uma semana de luta intensa na Jordânia, em consequência de os guerrilheiros palestinianos terem aceitado retirar-se das cidades.

Numa comunicação divulgada depois da meia-noite, através da rádio, o Governo jordano e os guerrilheiros palestinianos anunciaram que haviam chegado a um acordo de tréguas destinado a resolver rápidamente as desinteligências existentes.

Rádio Amã afirmou que um acordo de 13 pontos fora estabelecido entre as duas partes, mediante o qual todos os guerrilheiros retirarão para bases rurais, procedendo-se depois ao desarmamento de todos os milicianos no prazo de sete dias. Ficam também proibidos todos os ataques de qualquer dos lados e os culpados de qualquer violação deste acordo serão considerados criminosos.

OS EUA RETIRAM GÁS MORTAL DE OKINAWA

TENGAN (Okinawa), 14 — (R.) — Partiu hoje deste porto de Okinawa um navio de transporte da Armada norte-americana com 150 toneladas de granadas de artilharia carregadas de gás de mostarda, com destino á ilha de Johnston, situada a 750 milhas a sudoeste de Hawai.

O carregamento de natureza simbólica, é o primeiro, de um total de 13 mil toneladas de gases venenosos, incluindo gás de nervos, a serem retirados de Okinawa, e decorreu ontem sem incidentes.

TRANSFORMAMOS DINHEIRO EM PROGRESSO!

FACULTAMOS

Crédito a médio ou longo prazo para:

* Investimento.
* Produção.
* Venda a prazo de bens de equipamento.
* Exportação.

COLABORAMOS

com as actividades económicas nacionais na realização de:

* Estudos económicos sobre oportunidades de investimento

e

* Contactos com empresas nacionais e estrangeiras para a concretização de iniciativas de interesse mútuo

REMUNERAMOS

Depósitos de prazo superior a um ano, à taxa de **5,5%** com:

* Isenção total de impostos.
* Disponibilidade dos depósitos por meio de livranças.
* Segurança total.

BANCO DE FOMENTO NACIONAL

METRÓPOLE

SEDE: LISBOA. Delegações: PORTO, COIMBRA, BRAGA, SANTARÉM, ÉVORA, VISEU, AVEIRO.

ULTRAMAR:

Direcções Gerais: LUANDA, LOURENÇO-MARQUES

IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUES

Actualidade internacional

COMEÇOU EM SINGAPURA A REUNIÃO DA COMMONWEALTH

SINGAPURA, 14 — (A. N. I., F. P. e R.) — A conferência dos primeiros-ministros da Comunidade Britânica começou hoje nesta cidade, tendo a pairar sobre ela a ameaça de uma disputa sobre o possível recomeço de vendas de armas britânicas á África do Sul.

A conferência, que se prolongará por nove dias, contando com a participação dos chefes do Governo de 31 países, começou com um aviso do primeiro-ministro Lee Kuan, de Singapura, de que a questão das armas para a África do Sul poderá destruir a Comunidade Britânica.

Entre as personalidades ausentes figuram nomeadamente Indira Gandhi, primeiro-ministro da Índia, o marechal Yahia Khan, presidente do Paquistão, e o general Yakubu Gowon, presidente da Nigéria.

Aquele dirigente asiático disse na sessão inaugural que a Comunidade não poderá durar muito, a menos que os seus membros cheguem a um acordo sobre o eventual fornecimento de armas britânicas ao Governo de Pretória.

O primeiro-ministro britânico, Edward Heath, falando aos jornalistas após a sessão inaugural da conferência, declarou que o seu Governo preferia que a questão das armas para a África do Sul fosse tratada como um assunto á parte da agenda de trabalhos da conferência de primeiros-ministros.

Segundo Heath, se essa questão fosse debatida separadamente poderiam ser aplicadas as regras de debate parlamentar.

O JORNAL DO ANO

LONDRES, 14 — (A. N. I. e F. P.) — A companhia de Televisão britanica Granada TV designou o jornal britanico do ano: é «The Sun», diário popular londrino, antigo órgão trabalhista, comprado por Murdoch que, em menos de um ano, modificando a fórmula do jornal, o levou de um passivo de 2,8 milhões de libras a um lucro de 600 mil libras.

«The Sun» passou de 900 mil leitores para dois milhões. Este êxito parece ser feito bastante á conta do «Daily Sketch» e do «Daily Mail» que, segundo corre, poderão suspender próximamente a sua publicação, devido aos passivos que vêm acumulando de ano para ano.

O «DAILY TELEGRAPH» AUMENTA DE PREÇO

Entretanto, o «Daily Telegraph» anunciou hoje que vai aumentar o preço de seis para sete tostões a partir de segunda-feira, devido ao aumento de custo da produção.

OS 70 PRESOS BRASILEIROS CHEGARAM A SANTIAGO

SANTIAGO DO CHILE, 14 — (F. P. e R.) — Um avião transportando os 70 presos políticos brasileiros libertados em troca do embaixador suíço Giovanni Bucher, chegou esta madrugada aqui vindo do Rio de Janeiro.

Os 70 brasileiros foram recebidos por uma multidão de fotógrafos e de «cameramens» e por uma centena de exilados políticos brasileiros e sul-americanos.

Estes entoaram o hino nacional chileno quando o avião transportando os seus camaradas aterrou.

Os 70 prisioneiros libertados foram fotografados á medida que saíram do aparelho.

Estas fotografias, tiradas de vários ângulos, foram enviadas para o Rio de Janeiro através de um satélite de televisão.

Com a chegada dos presos políticos ao Chile espera-se que termine dentro de poucas horas o cativeiro do embaixador suíço que se encontra a 38 dias em poder de guerrilheiros urbanos que o raptaram no Rio de Janeiro a 7 de Dezembro.

Os guerrilheiros comprometeram-se a libertar Bucher logo que as agências noticiosas internacionais anunciem a chegada dos 70 brasileiros a Santiago.

O avião que os transportava aterrou aqui exactamente ás 7 e 21 horas TMG (8 e 21 de Lisboa).

Logo que o Boeing da Varig chegou ao terminal do aeroporto internacional Pudahuel, foi cercado por agentes da Polícia.

OS PADRES BERRIGAN REJEITAM AS ACUSAÇÕES DE CONSPIRAÇÃO

DANBURY (Connecticut), 14. — (F. P.) — O padre Phillip Berrigan, outros dois padres católicos e um antigo padre desmentiram ontem que tivessem fomentado uma conjura para destruir o sistema de aquecimento central do Capitólio e raptar Henry Kissinger, principal conselheiro do presidente Nixon.

Ao todo, foram pronunciadas seis pessoas, das quais uma religiosa.

Numa declaração lida ontem pelo advogado William Kunstler, o padre Berrigan evocou o caso do incêndio do Reichstag, para afirmar que o Governo americano «maniganciou toda esta grotesca conjura».

«Em 1933», prosseguia a declaração, «os principais réus eram comunistas alemães e búlgaros. Hoje, são padres católicos, antigos padres, uma religiosa e um professor».

«A finalidade», acentuou o padre Berrigan, «é muito simplesmente destruir o movimento pacifista, ridicularizando aqueles que se opõem á guerra no Sueste Asiático».

Esta declaração é também assinada pelo padre jesuita Daniel Berrigan, irmão de Philip, acusado de cumplicidade e já preso por haver destruído arquivos do centro de recrutamento militar.

O «Daily Mirror» oferece 700 contos a quem der informações acerca dos atentados em Londres

LONDRES, 14 — R.) — A Polícia está a investigar uma nota escrita á mão e assinada «The Angry Brigade» na qual se reivindica a responsabilidade do abentado á bomba contra a residência do ministro do Trabalho, Robert Carr.

A mensagem foi enviada pelo correio ao jornal «The Guardian» escrita em letra de Imprensa á mão e diz: «Esta noite foi a vez de Robert Carr. Cada vez será mais perto.»

Essa explosão verificou-se a 9 de Dezembro nas instalações do Ministério do Trabalho, coincidindo igualmente com manifestações de protesto organizadas pelos sindicatos contra a proposta de lei apresentada por Carr destinada a reduzir o numero de greves, tal como aconteceu na terça-feira antes do atentado contra a residência do ministro.

O «Daily Mirror» revela hoje que, pouco antes de explodir a bomba no Ministério do Trabalho, um homem telefonou para aquele jornal e anunciou que o abentado fazia parte de «uma campanha de solidariedade com os trabalhadores na sua luta contra a proposta de lei e haverá continuação.»

O jornal publica em grandes parangonas na primeira página, a oferta de uma recompensa de 10 mil libras (700 contos) por qualquer informação que permita prender os responsáveis pelo atentado contra a residência de Carr.

PROJECTO DE LEI ANTITABACO NO PARLAMENTO BRITÂNICO

LONDRES, 14 — (F. P.) — Foi apresentado pela primeira vez na Grã-Bretanha na Câmara dos Comuns um projecto de lei destinado a restringir o consumo de tabaco.

Este projecto, submetido pelo deputado trabalhista Laurie Pavitt, prevê a criação de uma taxa especial sobre as despesas de publicidade destinadas a incitar a fumar, a obrigação para os fabricantes de incluir em cada maço de cigarros um impresso em que se explique como se podem limitar os efeitos nocivos do tabaco, a adição em cada texto publicitário de um aviso contra os perigos do tabaco e, finalmente, o lançamento de uma campanha de educação antitabaco em todo o país, dirigida em especial ás crianças.

A ofensiva parlamentar contra o tabaco surge uma semana depois do grito de alarme lançado pelos mais eminentes médicos britânicos, num relatório que provocou inquietação entre todos os fumadores.

A PRÓXIMA DESCIDA NA LUA VERIFICAR-SE-Á NO DIA 5

CABO KENNEDY, 14 — (F. P.) — Alan Shepard e Edgar Mitchell descerão na Lua na sexta-feira, 5 de Fevereiro, ás 10 e 16 (hora de Lisboa), a bordo do seu LEM «Antares», se os planos anunciados ontem á noite pela N.A.S.A. se realizarem exactamente. Em seguida, farão a ascenção da cratera do Cone, com uma centena de metros de altura.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

ATENÇÃO
Muita atenção
Senhoras
e Cavalheiros
(continua o Inverno)?

Sensacional liquidação. Gabardines em Terylene c/ tratamento Scotchgard em lindos padrões e cores do mais moderno ao preço módico de 150$00, 250$00, 350$00 cada. Napa plastificada brilhante do mais moderno em lindas cores c/ 1m,30 de largura p.ª Maxi e casacos, e outras aplicações a 75$00 cada metro. Um bom sortido de malhas em lã estambre e Lainhswool a 140$00 cada malha. Cortes de fato c/ 3 m em terylene e lã estambre a 250$00 cada corte. Calças p.ª homem e rapazes em terylene, e Linho a 120$00 cada par. Fazendas em pura lã australiana c/ 1,60 m de largo a 75$00 cada metro. Meias collans Streiche a 20$00 cada par, etc., etc.

Não perca pois esta grande oportunidade.

Rua dos Correeiros, 179, 4.º, Tels. 867451-85638 (junto à esquina de St.ª Justa em Lisboa).

As quartas-feiras só se atende depois das 16 horas.

Atenção aos comerciantes, feirantes e ambulantes. Preço especial para revenda.

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA
HOSPITAL DE SANTA MARIA
CONCURSO PARA O ANO DE 1971
ADESIVOS E LIGADURAS
(Conc. Público n.º 31/71)

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis das 9 às 12 e das 14 às 17 horas, excepto aos sábados (das 9 às 12,30 horas), na Secretaria do Serviço de Aquisições.

A abertura das propostas terá lugar no dia e hora indicada nos Cadernos de Encargos.

Lisboa e Hospital de Santa Maria, 11 de Janeiro de 1971

O CHEFE DO SERVIÇO DE AQUISIÇÕES
a) Manuel Brioso Pina de Jesus

MARIA BAPTISTA
NENO RATO
MISSA DO 7.º DIA

Sua família participa que será rezada missa pelo seu eterno descanso, na Igreja de S. João de Deus, no dia 16, às 9.30 h.

POR 226$50 MENSAIS PODE ADQUIRIR A EDIÇÃO MONUMENTAL DA
HISTÓRIA DE PORTUGAL

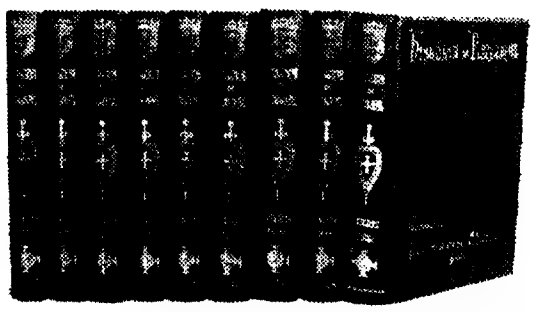
Edição Monumental louvada pelo Ministério da Instrução Pública e recomendada pela Subsecretária das Corporações e pelo Ministério da Educação Nacional. Colaborada pelos mais eminentes historiadores portugueses

DIRECÇÃO LITERÁRIA DO
DOUTOR DAMIÃO PERES
Professor da Universidade de Coimbra

5916 páginas de texto que abrangem todos os aspectos da história nacional desde as origens até 1934, 5000 gravuras, 132 cromos e mapas coloridos

9 elegantes volumes magnificamente encadernados, no formato 22×30 cm

—Obra completa, 9 vols., encadernada em bolaeira—Esc. 4530$00



Entrega imediata da obra contra o primeiro pagamento

O interessado deverá solicitar um impresso-proposta à
LIVRARIA CIVILIZAÇÃO — PORTO
ou à FILIAL EM LISBOA
AV. ALMIRANTE REIS, 102, R/C., DT.º—LISBOA-1—TEL. 58798

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO
Rua Alberto Aires de Gouveia, 27
PORTO

D. L. — Agradeço que me enviem um impresso-proposta para aquisição na modalidade de PAGAMENTOS SUAVES da História de Portugal
NOME (Bem legível) .....
.....
ENDEREÇO .....
.....

PENSE NO FUTURO

EM PROPRIEDADES O SEU DINHEIRO VALORIZA-SE

APARTAMENTOS

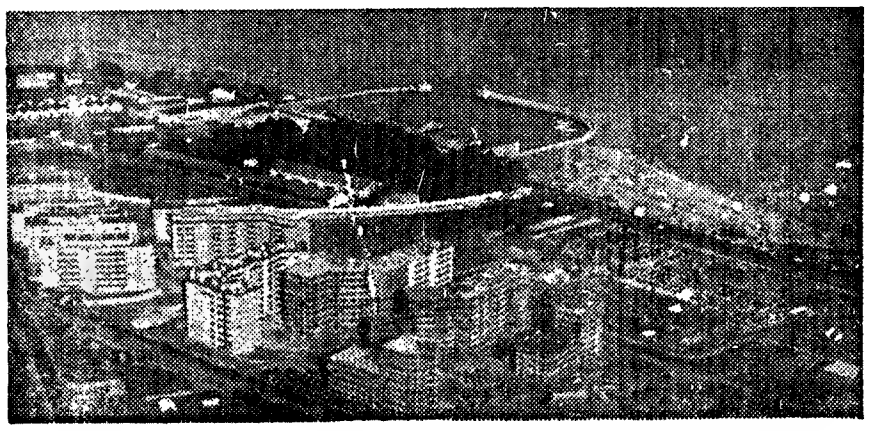
MOBILADOS

DESDE

150 CONTOS

6.000 CLIENTES SATISFEITOS

J. PIMENTA, S.A.R.L.



Vista aèrea de Paço de Arcos — Nó de ligação à Marginal e conjunto de piscinas para construção imediata

Andares de 2 a 10 divisões assoalhadas

UMA CASA PARA CADA CASO

LOCAIS DE CONSTRUÇÃO

Paço de Arcos — B.° Comendador Joaquim Matias ● Cascais — Conj. Turístico da Pampilheira ● Reboleira — Edifício Oeiras

ESCRITÓRIOS

LISBOA: Praça Marquês de Pombal, 15, 1.° — Telefs. 4 58 43/4 78 43

COIMBRA: Avenida Fernão de Magalhães, 470, 1.°, Sala, 1

QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telsf. 95 20 21/22

CASTELO BRANCO: Pr. do Rei D. José (com entrada pela R. da Figueira

- **Quais são as actividades fundamentais do Gestor Moderno?**
- **Como tomar decisões, comandar e motivar com eficiência?**
- **A gestão da sua empresa pode ser simplificada com sucesso?**

MANAGEMENT

CONCEITOS E TÉCNICAS

25 a 29 de Janeiro

Este seminário será essencialmente participativo — e visa:

★ **Proporcionar uma oportunidade de reflexão e debate sobre a natureza e conteúdo das funções directivas**

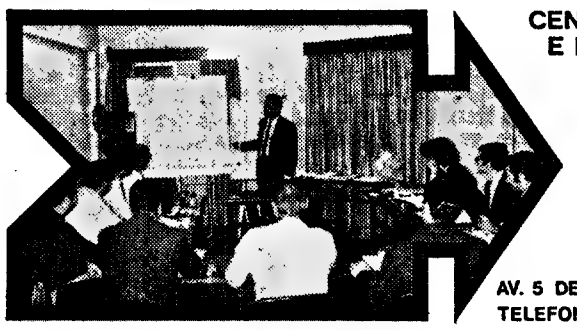
★ **Apresentar conceitos, infraestruturas e técnicas necessárias a uma gestão eficaz.**

A orientação estará a cargo dos Drs. M. Augusto Monteiro (da NORMA), M. Lourenço Gomes (da SOC. GERAL) e Francisco Carvalho (da NORMA) e interessa a:

— **Quadros superiores das empresas e serviços públicos.**

— **Especialistas em vias de promoção a cargos de chefia.**

NORMA



CENTRO DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:

AV. 5 DE OUTUBRO, 122 — LISBOA
TELEFONES 767608·767711/12

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SE

Estabelecimentos

VALENIIM DE CARVALHO

Comércio e Industria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

Em ALFARELOS o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no «Restaurante da Estação da C. P.

ADMITE-SE EMPREGADO

Empresa Internacional de equipamento de escritório admite empregado que a represente junto dos seus clientes, a nível directivo, nas regiões de Coimbra e Aveiro.

Oferecemos treino para a função, estabilidade profissional, remuneração anual de 54.000$00 acrescida de um bom esquema comissional, subsídio de transporte e diversas regalias sociais.

Indispensável o 5.° ano liceal ou seu equivalente, gosto por contactos sociais, carta de condução e situação militar totalmente resolvida.

Resposta ao n.° 686 deste jornal em carta manuscrita, indicando idade e informações que julgar de interesse.

EXCURSÃO DA C. P.

FIM DE SEMANA «NEVE NA SERRA DA ESTRELA»

Dias 16 e 17 de Janeiro

A C. P. realiza nos dias 16 e 17 de Janeiro, em colaboração com a Agência de Viagens Empresa Geral de Transportes, uma excursão à Serra da Estrela, incluindo viagem em comboios de 1.ª classe entre Lisboa e Coimbra-B e ainda um percurso turístico rodoviário às principais localidades da região. Almoço no Restaurante Bocage, em Viseu Alojamento na Guarda.

PREÇOS

Modalidade 1

(Hotel de Turismo — 1.ª classe) .... 680$00

Modalidade 2

(Pensão Aliança — 1.ª classe) .... 595$00

Bilhetes à venda nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia), na Empresa Geral de Transportes (Rua do Arsenal, 124), nas Agências de Viagens autorizadas e nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro, em Lisboa, onde são distribuídos programas descritivos

CAMPEONATO NACIONAL DE FUTEBOL

(1.ª DIVISÃO)

PORTO-BENFICA

31 de Janeiro

A C. P. organiza, em colaboração com o Sport Lisboa e Benfica, dois comboios especiais de Lisboa ao Porto, e volta, nos dias 30 e 31 de Janeiro, por ocasião do desafio de futebol «Porto-Benfica», ao preço de 130$00.

HORÁRIO

IDA				*VOLTA*
Dias				
30	*31*			*Dia 31*
14-51	6-55	P.	Lisboa (Sta. Apolónia) ▲ C.	0-43
19-32	11-13	C. ▼	Porto (Campanhã) P.	20-10

Bilhetes á venda na Secretaria do «Sport Lisboa e Benfica» e nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia).

MOCAR, LDA.

PARTICIPA A TODOS OS SEUS CLIENTES E FORNECEDORES QUE OS SEUS SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS MUDARAM PARA A RUA TENENTE ESPANCA N.° 31-1.°, TELEFONES 768107, 768168, 768170 e 761072.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

Sporting — vitória no México
Benfica — empate no Brasil

Sessenta mil espectadores assistiram ao encontro que opôs o Guadalajara ao Campeão de Portugal, inaugurando o «Torneio Quadrangular Cidade de Guadalajara».

Praticando um jogo de grande mobilidade, os sportinguistas asseguraram vantagem em toda a primeira parte, dominando técnica e territorialmente. Dois golos sem resposta, marcados por Dinis, aos 25 minutos e Chico aos 39, foram prémio justo do acertado labor dos leões.

Na segunda parte, com o Sporting acautelado (e acautelando-se da atitude) o Guadalajara rectificou. Dominou mais e chegou ao empate, com golos de Jara, logo aos 8 minutos e Aurélio Martinez, aos 32.

Mas o Sporting, afirmando personalidade de campeão, não se desconcertou e, a 10 minutos do fim, conseguiu a vitória por intermédio de Chico, na sequência de um canto.

Um excelente triunfo que qualificou a equipa sportinguista para a final do Torneio.

SPORTING — Damas; Pedro Gomes, Laranjeira, Tomé e Caló; José Carlos e Mário; Chico, Nelson, Gonçalves e Dinis.

O empate do Benfica

O Benfica estreou-se com o Palmeiras, um velho conhecido. Jogo no Estádio do Pacaembu de 1. Paulo, perante fraca assistência, a que não foi estranha uma forte chuvada que caiu antes do encontro.

Mas o jogo não se ressentiu: as duas equipas produziram uma exibição muito agradável.

O primeiro tempo, que terminou sem golos, foi de ascendente brasileiro, para o que contribuiu o facto de o Benfica ter deixado o seu meio-campo entregue, quase sempre, a um único jogador — Matine. Mas as coisas melhoraram, ainda neste período, quando, verificado o perigo que podia advir, Eusébio e Simões passaram a apoiar o seu companheiro.

A melhoria benfiquista tornou-se evidente, e continuou pelo segundo tempo.

O Palmeiras foi, porém, o primeiro a marcar — por intermédio do interior esquerdo César, aos 51 minutos. Três minutos depois, Matine, visivelmente fatigado, deu o seu lugar a Vítor Martins, e a substituição resultou em cheio, já que o Benfica, entrando a jogar um futebol mais colectivo, mais disciplinado, conseguiu impor o seu jogo e impor-se ao adversário.

Aos 26 minutos, foi a vez de Simões dar o seu lugar a Diamantino, e, embora a reconhecida categoria do «capitão», a manobra benfiquista continuou em plano de superioridade. Apenas tardou a concretização, pois só aos 75 minutos veio o empate. Aliás, uma jogada magnífica, levada a cabo por Nené, a que Artur Jorge deu o final condigno.

Daí para a frente, a supremacia benfiquista mais se acentuou, e o Palmeiras, remetido a defesa porfiada, viu-se e desejou-se para segurar o empate.

BENFICA — José Henrique; Malta da Silva, Humberto Coelho, Zeca e Adolfo; Jaime Graça, Matine (Vítor Martins) e Simões (Diamantino); Nené, Artur Jorge e Eusébio.

Andebol
Taça dos Campeões
OS CHECOS NÃO JOGAM COM O SPORTING

A Federação checa de andebol, de acordo com a Federação dos Desportos checa, determinou retirar o Dukla de Praga dos «quartos-de-final» da Taça dos Campeões Europeus.

Deste modo, os encontros Dukla-Sporting, a contar para aquela prova, já não se realizarão.

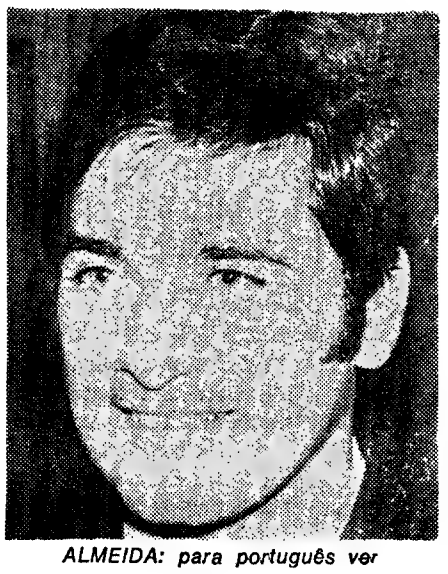
HOJE, NO COLISEU

Exame de Carlos Almeida por olhos de portugueses

Esta noite, no Coliseu dos Recreios, a Lusobox apresenta a sua primeira organização pugilística. Figura de proa: Carlos Almeida, o português que já defrontou Bruno Arcari (italiano, campeão mundial de «leves super»); os titulares europeus René Roque (francês) e Miguel Velazquez (espanhol); o espanhol Pedro Carrasco («challanger» ao título mundial de «leves», em poder do panamiano Ismael Laguna) e outras autênticas «vedetas» do boxe internacional.

Carlos Almeida vem hoje, perante Yanolo II (ex-campeão de Espanha) mostrar ao público português o valor que o fez cobrar boas «bolsas» e ganhar prestígio e popularidade em França, Itália e Espanha.

Outros «combates» da sessão: Costa Rodrigues contra o espanhol Carvajal, João Nunes-Cantileana (também espanhol) e, ainda, mais dois embates de amadores, em três «assaltos» de 3 minutos.



ALMEIDA: para português ver

ASSIM VAI O TOTOBOLA...

Prognósticos dos Órgãos de Informação para o concurso n.º 19 da 10.ª época

Açores — 121 X11 X11 1X1X; Jornal Badaladas — 1X1 2X1 22X 211X; Beira Baixa — 111 211 111 1112; Brados do Alentejo — 122 211 111 1112; Clube Asas do Atlântico — 12X 221 1X1 X1X1; Comércio de Portimão — 111 211 211 1121; Diário da Manhã — 1X1 2X1 111 X112; Ecos de Cacia — 112 211 111 1112; Ecos do Desporto—12X 211 111 X111; Estrela da Manhã — 122 2X1 21X X12X; Folha de Domingo— 111 X21 X11 11XX; Gazeta do Sul — 111 221 X11 2122; A Ilha — 211 X11 211 1X12; Jornal das Aves — 1X1 211 X11 X1X1; Jornal do Barreiro — 1X2 2X1 XX1 21XX; Jornal de Viseu — 111 X11 111 1112; Linhas de Elvas—12X 211 111 2X1X; Maria da Fonte — 122 111 122 1112; Mundo Desportivo — 12X X11 111 211X; Notícias de Felgueiras — 1X1 111 X11 X1X1; Passatempo J. J. — 1X1 111 111 12X1; Peça que não Maça — 12X XX1 111 1111; Rádio Altitude — X1X 2X1 111 1111; Rádio Oceano — 121 111 X12 X12X; Renovação — 121 XX1 112 1112; O Templário — 111 X11 111 1111; A Voz — 12X 112 11X X211; Voz de Lamego — 121 211 111 1111.

Os Belenenses — 1X1 X11 X11 11X1; Jornal de Santo Tirso — 1X1 X22 X11 21X2; Correio dos Açores — 121 211 111 11X1; Notícias de Évora — X11 X21 X11 X111; Bondiazinho — 11X 121 1X1 121X; Brado Africano — 11X XX1 211 22XX; Cidade 71 — 121 112 X11 X112; Diário de Moçambique — X11 2X1 X1X 1XXX; Domingo Alegre — X11 221 XX1 1212; Jornal Desportivo — X22 2X1 X1X 11XX; Passatempo — XXX 121 121 111X; Roteiro Sonoro — 1X1 112 11X 2X11; Terceiro Programa — X11 X11 1X2 1111; Vamos Jogar no Totobola — 2X1 X11 11X 111X; A Defesa — 211 2X1 X11 21X1; Notícias de Chaves — 1X1 1X1 111 1122; O Comércio do Porto — 12X XX1 111 1111; Diário do Minho — 121 111 111 X112; Povo Algarvio — 111 221 111 1112; Diário de Coimbra — 11X 121 111 X11X; A Voz Desportiva — 21X 2X1 11X X112; Correio de Coimbra — 122 211 111 112X; Cavalgada do Ritmo — X11 2X1 11X 1211; Imagens Piedenses — 121 11X 2X1 2111; Revista de Som—111 X21 X11 11XX; Eu Sei Tudo — X2X 221 111 X1XX; Notícias de Guimarães — 121 X21 111 X112; Jornal da Lixa — 12X 221 111 211X; Litoral — 1X1 111 X11 1X12; Correio do Vouga — 121 121 211 1111.

Boletim Desportivo (RCP) — 11X 22X 121 1X11; Comércio de Leixões (D. T. U. P.) — 1X2 111 X11 111X; Correio do Douro — 111 211 111 1111; Miscelânea Musical (RCP) — 212 X11 111 1X11; Montra do Êxito (ENR) — 1X1 111 X1X 112X; Jornal o Porto (O Nosso Palpite) — 111 XX1 X11 2X1X; Primeiro e Janeiro (V. á Bruxa) — 122 2X1 111 211X; Programa da Manhã (RCP) —111 221 111 1X11; Programa Sem Nome (ENR) — 1X1 221 X11 X11X; Rádio Clube do Norte (ENR) — 111 X21 111 1X22; Rádio Placard (ENR) — 111 211 111 1111; Estudio 64 (RCP) — 111 111 111 1X12; Placard Desportivo (RCP) — 111 X11 111 1X1X; Resenha Desportiva (ENR)— 111 1X1 1X1 2X12; Programa Só Rádio (RCP) — 11X 112 X11 1211; Penalti (ENR) — 11X 111 X11 111X; A Lição do Menino Quim — 12X 2X1 211 1111; Passatempo (ENR) — 111 111 111 1111; Musica e Desporto (RCP) — 11X 22X XX1 111X; Novidades — 111 22X 2X1 2112; O Distrito de Portalegre — 211 211 1X1 X1X1; O Concelho de Estarreja — 111 211 X11 X112; Jornal do Sul — 1X1 2X1 111 1111; A Voz do Domingo — 122 X11 1X1 1111; A Rabeca — 122 XX1 111 1111; A Voz de Palmela — 111 X11 111 1111; Póvoa de Lanhoso—111 221 111 X11X; Centro Desportivo — X1X 2X1 111 X111; A Defesa de Espinho — XX2 1X1 111 11X1; Terra Alta — 111 221 111 1X21.

Notícias do Douro — 111 211 1X1 2211; Colina Sagrada — 112 211 X11 2X12; Cantinho Ricardo Lemos — 1X2 2X1 111 X111; O Norte Desportivo — 111 XX1 X11 211X; A Voz dos Ridículos (ENR)—X2X 121 X11 21X1; O Sorriso da Hora do Almoço (E N R) — 2X2 X21 2X1 X11X; Repórter do Dia (Angola) — 122 121 11X 21XX; Repórter do Dia (E N R) — 1X1 X11 111 2121; Rádio Sports (EN R) — 111 111 111 X111; Campeão Português (RR) — 111 111 111 11X1; Auto-Rádio (RCP) — 111 X11 111 1121; Electro Mecânico (EN R) — 111 111 111 1111; A Ordem—121 XX2 X11 2X21; Mosaico (RR-Porto) — 111 111 211 2112; Momento do Totobola (ENR) — 111 X11 111 1111; Ideal Rádio — 12X X21 111 1111; Dos Fracos Não Reza a História (ENR) — 11X 21 X11 2XXX; As 10 Espere Por Nós (ENR) — 111 1X1 111 1111; De Tudo Um Pouco (ENR) — 1X2 121 X11 111X; Boletim Desportivo (ENR) — 111 111 111 1111; Voz do Casa Pia — 1X1 211 111 1111; O Apostolado — 111 X21 X11 1X2X; O Comércio — 12X 221 111 X111; Diário — 122 211 11X 11X1; A Nossa Chave — 1XX 211 111 21XX; Notícias do Totobola — 122 221 111 21X1; Canal 18 — 11X 1X1 21X X112.

CONCURSO N.º 19
10.ª ÉPOCA

		RESUMO 1	X	2	BOLAS 1	X	2	(a)
1.	Fafe-Lamego	96	12	7	10	1	1	
2.	V. Real-G. Vicente	56	24	35	6	2	4	
3.	Valcambrense-Alba	68	27	20	7	3	2	
4.	Anadia-Covilhã	42	31	42	4	4	4	
5.	C. Branco-Santarém	58	27	30	6	3	3	
6.	Alhandra-Alferrarede	99	11	5	10	1	1	
7.	E. Portaleg.-Sacaven.	64	31	20	6	4	2	
8.	Casa Pia-Odivelas	98	13	4	10	1	1	
9.	Estoril-Caldas	98	13	4	10	1	1	
10.	U. Montemor-Juventude	64	25	26	6	3	3	
11.	Silves-Moura	88	19	8	9	2	1	
12.	Beja-Lusitano V. R.	78	24	13	9	2	1	
13.	Grandolense-Almada	54	35	26	5	4	3	

E a chave lógica será: 111 1 ou 211 111 1111

(a) — Nos termos do Art.º 10.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

CICLISMO — ASSOCIAÇÃO DO SUL

O TESOUREIRO FICA OU NÃO?

Em duas horas e meia que esteve reunida ontem à noite a assembleia da Associação de Ciclismo do Sul, depois de aprovados o relatório e contas, discutiu-se a interpretação federativa ao artigo do Regulamento que define as condições de mudanças de categoria e de livre transferência dos populares e amadores, foi repudiado o teor de um ofício da Federação redigido em termos considerados incorrectos e por último a direcção manifestou o desejo de afastar o tesoureiro do seu cargo, intento que se gorou.

No início dos trabalhos o presidente da mesa, José Lopes, denunciou a ilegalidade das convocações das duas últimas assembleias, reunidas sem seu conhecimento.

Posto o relatório á votação foi aprovado por unanimidade, bem como o parecer do conselho fiscal, que consignava um voto de louvor á direcção da Associação.

Foi lido também um último ofício da Federação sobre aquele assunto, cujos termos foram repudiados, por incorrectos, pelo presidente da direcção. Acabou por ser aprovada uma proposta do delegado do Benfica em que a assembleia repudiou os termos incorrectos do referido ofício e solicitando que a Associação continue a defender os interesses dos clubes, pedindo, se necessário, a convocação do Congresso.

No período concedido para a discussão de outros assuntos foi apresentada uma proposta da direcção pedindo o afastamento do tesoureiro sr. Silvério José, acusado de sonegação de correspondência e pela sua conduta irreverente no trato com os restantes directores. O visado historiou vários episódios da vida da Associação procurando provar a sua honorabilidade, o que foi unanimemente reconhecido pelos restantes membros da direcção.

O assunto veio a ser retirado de discussão na sequência de uma intervenção do delegado do Benfica, que o classificou de um caso insólito, visto que nestes períodos fora da ordem dos trabalhos não podem ser apresentadas propostas, tanto mais que o relatório e os actos da direcção já tinham sido.

GUITA JUNIOR

O NORTE DESPORTIVO
Director: Joaquim Alves Ribeiro
HEBDOMANÁRIO — ANO XXXVI — N.º 1837 — PREÇO 1$50 — DOMINGO, 28 DE FEVEREIRO DE 1960
PROPRIEDADE DA EMPRESA O JORNAL «O NORTE» — Composto e Impresso na Rua de Santa Catarina, 880 — PORTO

NA EDIÇÃO DE HOJE

☆ Alves Teixeira escreve: «Cuidado com o diferendo Federação-Liga Profissional»
☆ O Montijo em todas as dimensões
☆ O «Cara a Cara» (Setúbal-Sporting), por Vasco Resende
☆ «Página de Opinião» — uma iniciativa inédita

QUAIS OS PRINCÍPIOS E TÉCNICAS QUE CONDUZIRÃO A EMPRESA AO SUCESSO?

QUAIS AS OPORTUNIDADES DA EMPRESA NO SEU MERCADO?

PRINCÍPIOS BÁSICOS DE MARKETING

25 a 29 de Janeiro

Este curso desenvolve o processo de análise, organização, planeamento e controle das actividades de marketing e encontra-se orientado para a tomada de decisões.

Será orientadopelo Dr. ARMANDO HENRIQUES, licenciado em Economia pelo I. S. C. E. F. e Chefe do Departamento de Marketing da NORMA.

INTERESSA A:

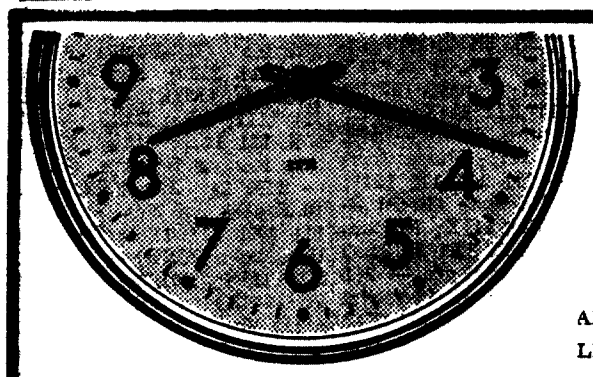
Executivos pouco familiarizados com o Marketing e especialistas não integrados no Marketing.

NORMA

CENTRO DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:

AV. 5 DE OUTUBRO, 122 — LISBOA
TELEFONES 787806-787711/12

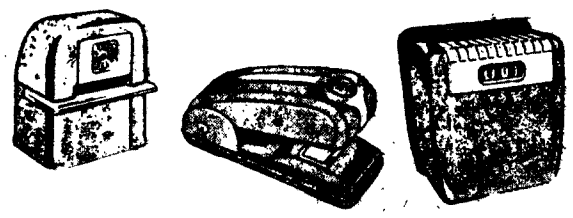


ITR

EQUIPAMENTOS DE CONTROLE DE TEMPO

RELÓGIOS DATADORES, DE PONTO, CUSTOS, MÃO DE OBRA, ETC.

ANTERIORMENTE COMERCIALIZADOS SOB A MARCA IBM



REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
J. GONÇALVES, L.da
R. BRAAMCAMP, 15-A
TELEF. 733270 - 47004
LISBOA

NÃO COMPRE NA INCERTEZA... NA electro êxito

BAU & SANTOS, LDA.
COMPRA COM CERTEZA!
-CONDIÇÕES SEM CONCORRÊNCIA
-SALÃO DE EXPOSIÇÃO 94-1º
AV. MARQUÊS DE TOMAR, 94-A T. 778170-LISBOA

JULGAMENTO NO PLENÁRIO

No Plenário Criminal da Boa Hora, prosseguiu hoje o julgamento de Maria Luísa Pires Vaz de Oliveira de 22 anos, solteira, estudante, natural de Dundo, Chitado (Angola); Maria Fernanda Pais Gonçalves de Matos Vicente, de 26 anos, casada, estudante e funcionária eventual na Secretaria de Estado da Indústria, colocada no Gabinete de Planeamento Económico, seu marido, Ezequiel Balsa de Matos Vicente, de 25 anos, de Lisboa, empregado de escritório, e José Bastos Flávio Espada, de 26 anos, estudante, e funcionário eventual do Ministério das Corporações e Previdência Social, departamento do Fundo de Desenvolvimento de Mão-de-Obra (Divisão de Estatística), incriminados por terem feito parte do Partido Comunista Português, praticando actos considerados delituosos contra a segurança do Estado.

Preside ao tribunal o desembargador Fernando António Morgado Florindo, ocupando a tribuna do Ministério Público o dr. Costa Saraiva, adjunto do procurador da República.

Segundo o despacho de pronúncia, os acusados, no ano lectivo de 1965-1966, integraram-se no «sector estudantil», e militavam no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, onde desenvolveram actividades de carácter subversivo. O mesmo documento acrescenta que os presumíveis delinquentes teriam contribuído com quotizações, receb am imprensa clandestina e haviam tomado parte em diversas reuniões clandestinas.

Neste pleito, figuram duas testemunhas de acusação e quarenta e cinco de defesa. São patronos dos incriminados os drs. Luís de Carvalho e Oliveira, José Carlos de Vasconcelos e Manuel Macaísta Malheiros.

Militares falecidos no Ultramar

CIDADE DA PRAIA, 14 — (L.) — Faleceu em Cabo Verde, por desastre, o soldado n.º 0062255/67, Aires Freitas Conceição, natural de Casa Branca, Funchal, filho de Manuel da Conceição.

●

BISSAU, 14 — (L.) — Faleceram por desastre na Guiné os primeiros-cabos n.º 045 093/69 Arlindo Baptista Loureiro, natural de Sernancelhe, filho de Afonso Loureiro e de Arminda da Conceição Baptista, e 132 430/69 Armando Martins Simões Melo natural de Anadia, filho de Joaquim Simões Melo e de Rosa Martins.

●

LUANDA, 14 — (L.)—Faleceu por doença em Angola o soldado n.º 608 353/68, Joviano da Conceição Gregório natural de Olhão, filho de João Gregório e de Silvina da Conceição.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%	—	—	500$
Consolidado 3%	—	—	502$
Consolidado 3 1/2%	—	—	6 2[illegible]
Centenários 4%	—	—	1.400$
Obrigs Tesouro 5%	1.000$	—	1.000$
Externo 1ª Série	—	—	—
Externo 1ª Série C	—	—	—
Externo 2ª Série	—	700$	—
Externo 3ª Série C	—	—	800$
Cauções 3ª Série	—	140$	—
OBRIGAÇÕES			
Águas Lisboa 5%	—	—	—
A P T 5% 56	—	—	—
A P T 5% 58	—	—	—
C P 4 1/2% 65	—	800$	—
C P 5 1/2% 67	—	920$	—
C U F 6%	910$	910$	917$
C U F 6% 68	—	930$	—
Gás Elect 4% 48	—	842$	—
Gás Elect 4 1/2% 51	—	819$	—
Gás Elect 5% 52	—	—	—
Gás Elect 5% 58	—	—	—
Gás Elect 5% 59	—	—	—
Gás Elect 5% 62	—	—	770$
Gás Elect 5% 63	—	935$	—
Gás Elect 5% 65	—	920$	—
Gás Elect 5% 67	—	—	—
H E A Alentejo 5%	930$	930$	—
H E Cávado 5%	—	750$	—
H E Cávado 6%	—	700$	710$
H E Douro 5%	900$	900$	—
H E Douro 6%	700$	700$	—
H E Norte Port 5%	910$	905$	910$
H E S Estrela 6%	900$	890$	—
H E Zêzere 5% 55	—	760$	—
H E Zêzere 5% 57	—	760$	—
Lisnave 6%	910$	905$	915$
Metropolitano 4%	—	—	900$
Metropolitano 5 3/4%	—	900$	—
Moçambique 5%	—	690$	—
Nac Elect 5%	—	—	760$
Nitratos 5%	—	—	—
Nitratos 5% 60	—	—	—
Petroquímica 5%	—	—	—
Port Celul 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	940$	920$	950$
Sacor 5% 60	—	810$	—
Siderurgia 5% 2ª	—	740$	—
Siderurgia 5% 3ª	—	740$	—
Siderurgia 5% 4ª	—	740$	—
Sonefe 5%	—	815$	—
T A P 4%	—	—	—
Termoelect Port 5%	—	705$	—
U E P 3 3/4%	—	—	—
U E P 4%	—	—	90$
U E P 1/2%	—	—	—
U E P 5%	71$	705$	—
U E P 5% 60	—	700$	720$
U E P 5% 63	—	820$	—

Ultramarinas	Efec.	Compra	Venda
Ag S Tomé e Príncipe	—	255$	270
Borar	—	100$	70
Buz	72$	71$5	72$
Cabinda	—	107$	99
Diamantes Angola	—	2.260$	2.280
H E Reyué	—	650$	660
Ilha do Príncipe	—	—	—
Moçambique	188$	187$	89
Sonefe n	—	435$	—
Sonefe p	448$	446$	450
Zambézia	78$	77$	78
Diversos			
Cidla	—	6.850$	6.900
Cim Leiria	—	4.700$	4.900
Cim Tejo	7.700$	7.500$	—
Col Navegação	1.630$	1.620$	1.640
C U F	1.600$	1 590$	1.610
Inc Aliança	—	—	—
Nac Navegação	4.000$	3.950$	—
Petroquímica	1 700$	1.660$	1.730
Port e Colónias	1.300$	1.250$	1.320
Port Celulose	4.150$	4.050$	4.150
Port Pesca	—	—	—
Port Tabacos	680$	670$	685
Sacor	4.100$	4.050$	4.100
Siderurgia Nac	—	2.400$	2.550
Socel	3.390$	3.385$	3.400
Tabacos de Portugal	—	—	1.60[illegible]
Tabaqueira	—	6.450$	6.6[illegible]
U F Azoto	750$	740$	76
Agua Elect e Gás			
Aguas Lisboa p	—	410$	—
Aguas Lisboa 34	—	410$	420
Aguas Lisboa 36	—	400$	—
C P Electricidade	1.230$	1.230$	1.235
C P Electricidade nom	1.210$	1.205$	1.220
C P Electricidade 969	—	—	—
Eléct Beiras	—	1.700$	710
Gás Electr	448$	447$	450
H E Alto Alentejo	188$5	188$	185
H E Norte Portugal	250$	248$	250
H E S Estrela	—	—	—
Nac Electricidade	—	—	—
U E D	200$	198$	200
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F Atlântico	—	202$	200
F I D E S	—	123$7	127

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.ª

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS
Rua do Ouro, 52-54 — Lisboa — Tel. 366066/7
Teleg ALMEIRO —— Telex 471, ALAPI P

ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	2.600$	2.590$	2.610$
Alentejo	1.160$	1.150$	1.160$
Angola	3.800$	3.800$	3.840$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	—	4.000$	—
E Santo	—	25.900$	26.000$
E Santo n	—	—	—
Fonsecas S p	—	18.000$	—
Fomento	—	2.420$	—
L & Açores p	—	—	—
L & Açores n	—	—	—
P Atlântico p	—	6.000$	6.500$
Portugal n	3.150$	3 150$	—
Portugal p	4.200$	4.150$	4.200$
Totta Aliança	5.600$	5.600$	5.650$
Ultramarino n	3.780$	3.720$	3.800$
Ultramarino p	4.100$	4.080$	4.120$
Seguros			
Alentejo	148$5	148$5	149$
Douro	—	—	—
Mundial	1.130$	.130$	1.135$
Sagres	—	1.900$	2.000$
Tranquilidade	—	95.000$	—
Ultramarino	—	—	—
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	780$	780$	790$
Ag Cassequel	615$	612$	620$
Ag Incomati	—	—	—
Ag Neves	—	—	430$

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez 65 100)

	7/1/71	13/1/71	14/1/71
GERAL	153,7	153,7	154,0
METROPOL.	148,6	148,8	149,2
ULTRAM.	190,9	189,6	189,6

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rands	35$50	38$00
Alemanha — Marco	7$70	8$00
América		
—Dollars de e 2	28$00	28$50
— » de 5 a 20	28$40	28$80
— » de 50 a 000	28$50	28$90
Argentina — Peso Novo	5$50	7$00
Austria — Schilling	$10	$16
Bélgica — Franco	$56	$59
Brasil — Cruzeiro	4$50	5$80
Canadá — Dólar	27$70	28$20
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Espanha — Peseta	$40,3	$41
França — Franco	5$00	5$30
Holanda — Florim	7$80	8$10
Inglaterra — Libra	67$50	69$50
Itália — Lira	$04,4	$04
Marrocos — Dirham	5$00	5$60
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Suíça — Franco	6$58	6$78
Ouro:		
Inglaterra—Libra Isabel	290$00	310$00
Inglaterra — 1/2 Libra	290$00	310$00
Ouro fino — Barra	35$50	37$50

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72

Notas estrangeir
Papéis de créd
Tel. 231273

CARTAZ DOS CINEMAS

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
ESTREIA — Às 21.45
Um filme de ROGER VADIM com BRIGITTE BARDOT
E DEUS... CRIOU A MULHER
Jean-Louis Trintignant e Curd Jurgens
EASTMANCOLOR - SCOPE

MUNDIAL
(Adultos)
Às 18.30 e 21.45
Julie Andrews e Rock Hudson pela primeira vez juntos numa alta comédia musical!
DARLING LILI
Panavision e Technicolor
Uma história de amor... ...escrita com todo o amor!

(Metro: Estação Picoas)

TIVOLI
(M. 12 anos) Tel. 50595
Às 3 e 6.15 da tarde e 9.30 da noite
A maior obra de DICKENS
DAVID COPPERFIELD
em technicolor
com Richard Attenboroughs, Cyril Cusack, Laurence Olivier, Edith Evans e Pamela Franklin

AVIS
(Adultos) Tel. 47163
ESTREIA — Às 21.45
Um filme de ROGER VADIM com BRIGITTE BARDOT
E DEUS... CRIOU A MULHER
Jean-Louis Trintignant e Curd Jurgens
EASTMANCOLOR - SCOPE

ODEON
(M. 12 anos) Tel. 326283
Às 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
4.ª SEMANA TRIUNFAL com a admirável comédia musical
A VIDA É SEMPRE IGUAL
com o famoso ídolo da Eurovisão
JÚLIO IGLESIAS
na história de um amor sublime, com a formosa
JEAN HARRINGTON
(Eastmancolor)

SÃO JORGE
(Adultos) Tel. 54153
ESTREIA — Às 21.30
CANHÕES PARA CORDOBA
Às 15.15 e 18.15 — Últimas exibições — «A VIDA ÍNTIMA DE SHERLOCK HOLMES» — M/17

AMANHÃ — Das 12.30 às 14.15
MÚSICA E CINEMA NA HORA DO ALMOÇO
Preço único — 5$00
Serviço especial de «snack-bar» a baixo preço

BERNA
(A Av. Marquês de To
(Adultos) Tel. 776098
Às 15.15, 18.30 e 21.30
13.ª SEMANA DE ÊXITO
Alain Delon e Jean Paul Belmond no sensacional filme de Jacques Déray
BORSALINO

EUROPA
(Adultos) Tel. 661016
Às 15.15 e 21.30 h.
Naquele tempo era costume chamar-lhe...
UM CLUBE SÓ PARA CAVALHEIROS
com Henry Fonda e James Stewart

CONDES
À 14, 16.30, 19 e 21.45
EM 11.ª SEMANA
(Adultos) Colorido
Desenhos animados coloridos
O PASSAGEIRO DA CHUVA
com Charles Bronson e Marlene Jobert

LIDO
(M. 17 anos) Tel. 937593
Às 21,30
Um filme do moderno cinema russo!
ANNA KARENINA
Grande interpretação dos melhores artistas russos

CHIADO TERRASSE
Às 15 e 21 h (M 17 anos)
FELICIDADE
ANSIA DE VIVER

EDEN
(Adultos) Tel. 320168
ESTREIA — Hoje, às 21.45
SCOPE - COLORIDO
5 PARA O INFERNO
Às 15.15 e 18.30 — Últimas exibições — (M/ 12 anos) «NEM SEMPRE SE PODE GANHAR»

VOX
(M. 12 anos) Tel. 720008
Às 18.30 e 21.45
ALBERT FINNEY e COLIN BLAKELY na história de um homem que vive para a solidão e o desespero...
UM HOMEM E SUA HISTÓRIA
(o famoso «Charlie Bubbks»)
EM TECHNICOLOR
Junto à Av. de Roma

POLITEAMA
(M 12 anos Tel 326305
HOJE, ÀS 15.15 (P. r.) e 21.30
2.ª SEMANA
COM O SENSACIONAL FILME DE ACÇÃO ESPECTACULAR E EXPLOSIVA
OS 6 INVENCIVEIS
com Stuart Whitman, Elke Sommer e Curt Jurgens
Eram assassinos e ladrões... Mas também foram heróis...

HOJE, ÀS 18.30 — SESSÃO CLÁSSICA com o famoso filme «A CHAMADA» — (Adultos)

ESTUDIO 444
(Adultos) Tel. 779695
2.ª SEMANA
As 15.30, 18.30 e 21.45
O filme que devolve ao romantismo o seu lugar de honra!
O SILÊNCIO DO AMOR
com Marie Dubois e Matthieu Carriere
EASTMANCOLOR

ROYAL
(Adultos) Tel. 865037
Às 15 e 21 h.
ROMANCE EM ACAPULCO

IMPERIAL
(M. 17 anos) Tel. 45933
Às 21 horas
PISTOLA DO MAL
NOITE DE ANGÚSTIA

SÃO LUIZ
(M. 12 anos) Tel. 327172
Panavision-Color
Às 15.15, 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA
NUNCA FORAM VENCIDOS
John Wayne e Rock Hudson

ALVALADE
(M. 12 anos) Tel. 717480
Às 15,45 e 21.45
com John Wayne e Rock Hudson
NUNCA FORAM VENCIDOS

CASINO ESTORIL
(M 12 anos Tel 317421
Às 21 e 30
PISTOLEIRO PROFISSIONAL
com Franco Nero, Tony Musante, Jack Palance, Giovanna Ralli e Eduardo Fajardo

MONUMENTAL
(Adultos) Tel. 555131
Às 15 e 21 horas
4.ª SEMANA
Uma história de amor filmada por David Lean
A FILHA DE RYAN
com Robert Mitchum

QUINZENA CLÁSSICOS
Amanhã — 18.45 — Adultos
SENTIMENTO, de Luchino Visconti, com Alida Valli e Farley Granger

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
Às 21 e 30
AS VIÚVAS
com Alberto Closas

LIZ
(M. 17 anos) Tel. 48560
As 21 horas
JOVANKA E AS OUTRAS
BARBARELA

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134/5
Às 15.15 e 21.30
O CÍRCULO PERFEITO! VER E TORNAR A VER!
Um filme de Jean Pierre Melville
O CÍRCULO VERMELHO
4.ª SEMANA TRIUNFAL!
com Alain Delon, Bourvil, Yves Montand, François Perier

ESTÚDIO
(Adultos)
As 15.30, 18.30 e 21.45
Segundo a obra de Dostoiewski um filme de Robert Bresson
UMA MULHER MEIGA

LUMIAR
(M. 12 anos) Tel. 795286
Às 21 horas
LONGE DA MULTIDÃO
Complementos escolhidos de curta metragem.

outros espectáculos

LISBOA

TEATROS

VILLARET — Às 21 e ás 23: Sexta-feira, quatro e um quarto» (17 anos)
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «A querida mamã» (17 anos)
TRINDADE — As 21 e 30: «O ultimo inquilino» (17 anos).
LAURA ALVES — Às 21 e 45: «O preço» (17 anos)
MONUMENTAL — Às 21 e 45: «A casa das cabras» (17 anos)
GIL VICENTE — Às 22: «Breve sumário da vida de Jesus» (17 anos)
MARIA MATOS — As 21 e 45: «O inocente» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — As 20 e 45 e ás 23: «Pimenta na lingua!» (17 anos).

CINEMAS

OLIMPIA — Às 19: «Novajo Joe» (17 anos)
ARCO ÍRIS — Às 21: «A vingança do condenado» (12 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «O meu tio Benjamim» (17 anos).
SALÃO LISBOA — Às 21: «Cada bala tem um nome» (12 anos).
JARDIM — As 21: «Águia Negra o Cossaco» (12 anos).

Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Estranho Contrato» (17 anos)
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21: «Maciste» e «Maria Morena» (12 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Will Penny» (17 anos)
QUELUZ — QUELUZ-CINEMA — Às 21 e 15: «Juventude Enamorada» e «Um Homem Chamado Gringo» (12 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «Chubosco» (17 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «O Mundo Mulher» (17 anos).
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Guerreiros em Furia» e «Sugar Colt» (12 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «A Mulher Japonesa» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «Pistoleiro Profissional» (17 anos).
ESTORIL — PALÁCIO — Às 21 e 30: «Colts para os 7 Magníficos» (17 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Como Roubar Milhões... Sem Fazer Força» (12 anos).

Outro Sando

LARANJEIRO — INSTRUÇÃO E RECREIO — Às 21 e 30: «O Visconde Não Perdoa» (17 anos).

PORTO

TEATROS

COLISEU — Às 21 e 45: «Alto lá com elas!» (17 anos).
SÁ DA BANDEIRA — As 21 e 45: «O visor voador» (17 anos)
ANTÓNIO PEDRO — Às 22: «Fim de Festa», pela companhia do T E P (17 anos)

CINEMAS

SÃO JOÃO — As 2. e 30: «Dois mais uma» (17 anos)
RIVOLI — As 2. e 30: «Traição inverosímil» (17 anos)
TRINDADE — Às 21 e 30: «Mais escuro do que ámbar!» (17 anos)
BATALHA — Às 21 e 30: «Balada do Deserto» (17 anos).
ESTUDIO — As 2. e 30: «Os cavalos também se abatem!» (17 anos)
AGUIA D'OURO — As 21 e 30: «Aeroporto» (7 anos)
OLIMPIA — Às 21 e 30: «Nem sempre se pode ganhar!» (12 anos).
JULIO DINIS — As 2. e 30: «Ciclo perdoa.. Eu não» (12 anos).
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «Espiões e mini-saias» (17 anos)
CARLOS ALBERTO — As 21: «Perseguição a sangue-frio» e «Gibraltar» (12 anos).
CINE-GAIA — Às 21 e 30: «Rita no colégio» (12 anos).

COIMBRA

GIL VICENTE — Às 21 e 30: «Um clube só para cavalheiros!» (17 anos)
AVENIDA — Às 17 e 45 : «Os 400 golpes» (12 anos) e ás 21.30: «O Processo» (17 anos).
TIVOLI — Às 21 e 30: «O Escroque» (12 anos).
SOUSA BASTOS — Às 21 e 30: «O Homem de Kiev» (17 anos).

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA — Mendes Gomes, Calçada da Ajuda, 222 (tel. 638256) ✲ **Tapada**, Calçada da Tapada, 83-A (tel. 634721).

ALCÂNTARA — Ester Nogueira, R. de Alcântara, 5-A (tel. 637563).

ALFAMA — Cruz de Malta, Largo do Chafariz de Dentro, 36 (tel. 866126).

ALMIRANTE REIS — Luso Avenida Almirante Reis, 199-A (tel. 41269).

ALTO DE S. JOÃO — Dalton, Av. Mouzinho de Albuquerque, 7 (telefone 843571).

ALVALADE — Nova Iorque, Av. Estados Unidos da América, 140-B (tel. 760658) ✲ **Líbia**, Av. da Igreja, 4-B (tel. 7.17681) ✲ **Celta**, Rua Moura Girão, 3-B (te. 710621) ✲ **Merbel**, Avenida de Roma, 131-A (tel. 776235).

AMOREIRAS — Amoreiras, Praça das Águas Livres, 8-D (telef. 681515).

ANJOS — Magalhães, Av. Almirante Reis, 4-D (tel. 49479).

ARCO DO CEGO — Previdência, Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C (tel. 770324).

AREEIRO — Lusitânia — Avenida de Roma, 18-A (tel 725443) ✲ **Chinde**, Rua Agostinho Lourenço, 6-B (tel. 710331).

AVENIDA DA LIBERDADE — Morais Sarmento, Rua de Santa Marta, 15 (ao Tivoli), (telef. 46490).

AVENIDAS NOVAS — Lungenit, Avenida da Republica, 55 (tel. 772132) ✲ **Sá de Bandeira**, Rua Marquês Sá da Bandeira, 42 (tel. 54672).

BAIRRO ACTORES — Luso, Av. Almirante Reis, 199-A (telf. 41269).

BAIRRO ALTO — Andrade, Rua do Alecrim, 125 (tels. 823446-370685).

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Zire, Praça das Casas Novas, lote 66 (tel. 310172)

BAIRRO DA LIBERDADE — Zenel, Rua A, 182 (T. 651840).

BAIXA — Simões Pires, Rua da Prata, 115 (Telefone 362350).

BELÉM — Botânica, Rua da Junqueira, 38 (Telefone 638132).

BENFICA — Macedo, Estrada do Poço do Chão, 69-C (tel. 703697) ✲ **Bonfilux**, Estrada de Benfica 444 (tel. 782606).

CAMPOLIDE — Nova, R. de Campolide, 297-C (tel. 687475) ✲ **Ronil**, Rua Rodrigo da Fonseca, 153 (telefone 683438).

CAMPO DE OURIQUE — Findor, Rua D. Maria Pia, 514 (tel. 687949) ✲ **Linalde**, Rua Ferreira Borges, 30 (tel. 660955).

CAMPO DE SANTANA — Peninsular, Campo dos Mártires da Pátria, 117 (tel. 553308).

CASTELO — Santa Luzia, Rua da Saudade, 2-A (tel. 869831).

CHIADO — Andrade, Rua do Alecrim, 125 (telefone 323446).

CONDE BARÃO — Marcos do Nascimento, Calçada Marquês de Abrantes, 36-A (tel 664238).

ENTRECAMPOS — Nova Iorque, Av. Estados Unidos da América, 140-B (tel. 760658).

ESTEFANEA — Fonseca, Largo de D. Estefânea, 4 (tel. 54808) ✲ **Romano Baptista**, Rua Passos Manuel, 6-10 (tel. 50593).

GRAÇA — Almeida Dias, Largo da Graça, 38-A (tel. 862909) ✲ **Higiénica**, Rua Heliodoro Salgado, 20-A (tel. 844361).

ESTRADA DA DAMAIA — Progresso, Estrada Arco-da-Maia, 64-C (telefone 702226)

ESTRELA — Lineide, R. Ferreira Borges, 30 (telefone 660955).

GRILO — Madre de Deus, Rua da Margem, 15-B (tel. 382470).

JUNQUEIRA — Botânica, Rua da Junqueira, 38 (tel. 638132).

LAPA — Alb. Rua de Santana, 156 (tel. 663562) ✲ **Moderna**, R. Garcia da Orta, 24 (tel. 663117).

LUMIAR — Petuleia, R. do Lumiar, 122 (telefone 790382) ✲ **Douro**, Avenida das Linhas de Torres, 93-A (tel. 791131).

MADRE DE DEUS — Madre de Deus, Rua da Margem, 15-B (tel. 382470)

OLIVAIS — Simão, Rua Cidade de Cabinda, 16-A (junto á piscina) (telefone 310581).

PEDROUÇOS — Higilux, Rua de Pedrouços, 52 (telefone 610280).

PENHA DE FRANÇA — Higiénica, Rua Heliodoro Salgado, 20-C (t. 844361) ✲ **Zeme**, R. General Justiniano Padrel, 21 (ó Calçada dos Barbadinhos) telefone 832580).

SANTA MARTA — Morais Sarmento, Rua de Santa Marta, 15 (ao Tivoli) (tel 46490).

PICHELEIRA — Marias — Calçada da Picheleira, 140 B (t. 720708-728395).

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA — Oliveira Viegas, Rua do Viriato, 29-A (tel. 48966-553601).

SETE RIOS — Conte, Estrada dos Laranjeiras, 202-B (tel. 780841).

SOCORRO — Ferrão, R. da Mouraria, 12 (telefone 860464).

Linha de Cascais

ALGÉS — Almeida Neto — Av. Comb. Grande Guerra, 64 (Tel. 2 2070).

CAXIAS — Nova — Rua Bernardino Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)

PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás, R. Costa Pinto, 86 (Tel. 2432034).

OEIRAS — Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (Tel 2430090)

PAREDE — Aisir, B.º das Caixas de Previdência, Bloco A (T. 2472948).

ESTORIL — Marques dos Santos, R. Ferreira, 1-A, 5 (Tel 260116)

CASCAIS — Margaret — Av. Margaret (Tel. 280078) ✲ **A Coste** — R. Frei Tomás Rias, 24-C (Tel. 280241).

S. PEDRO DO ESTORIL — S. Pedro (T. 263052).

Linha de Sintra

AMADORA — Dias, Av. Marquês de Pombal, lote 9 (Tel 934589 ✲ **Campos** — R. Elias Garcia, 185 (tel. 930072 ✲ **Clabel** — R. António Sardinha, 28-D (Tel 938551)

DAMAIA — Confiança — Est. Militar, Lote D (Tel. 9710231).

QUELUZ — Gil — Av. Miguel Bombarda, 48 (Tel. 950 07) ✲ **Simões Lopes** — Av. Elias Garcia 5 (Tel 950 23

CACÉM — Central — R. Elias Garcia, 55 (Telefone 2940034)

MEM MARTINS — Quimia — Est Mem Martins, 285 (Tel 29100121)

S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel 980456)

SINTRA — Misericórdia, R. Dr Gregório de Almeida, 2 (Tel 980391)

COLARES — Colares — Abreja (Tel 299088).

Outro Sando

ALCOCHETE — Gonçalo A. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100).

ALHOS VEDROS — Portugal, Av. da Boia Rosa, 8 (Tel 2242501)

ALMADA — Castro Rodrigues, Rua Capitão Leitão, 21-A (Tel. 270076).

BAIXA DA BANHEIRA — Aliança, Estrada Nacional, 174 (Tel 2241102).

BARREIRO — 28 de Março — R. de Lavradio, 77-C (T. 2272 4).

COVA DA PIEDADE — Ramos Santos — Est. das Barreiras, 28-A (Telef. 2760182)

MOITA — União Moitense — Av. D. Teodósio Braga (Tel. 2390025).

MONTIJO — Moderna, R. Bulhão Pato, 60 (Telef. 230156)

SEIXAL — Lopes — Rua Cândido dos Reis, 67 (Tel 2290218)

SETUBAL — Rosado Pinto — P. do Bocage, (Tel. 22484) ✲ **Nova**, Rua General Gomes Freire (Tel. 22052)

SEIXAL — Godinho — L. da Igreja, 5 (Tel. 22 8580)

PORTO

Alberto Ferreira, Rua da Estação, 100 (Tel. 51302) ✲ **Antunes**, Rua do Bonjardim, 485 (Tel. 27986) **Campo Alegre**, Rua do Campo Alegre, 723 (Telefone 62245) ✲ **Fátima**, R. Oliveira Monteiro, 475 (Tel. 65406) ✲ **Ferreira da Silva**, Rua Mártr. da Liberdade, 150 (Tel. 24023) ✲ **Marques Mendonça**, Rua do Ameal, 251 (T. 47118) ✲ **Pereira**, Rua da Preciosa, 35 (Tel. 681027) ✲ **S. Jerónimo**, Rua de Santos Pousada, 622 (Telefone 54526) ✲ **S. Lázaro**, Av. Rodrigues de Freitas, 297 (Tel. 27043) ✲ **Serebande**, L. dos Lóios, 36 (Tel. 21701) ✲ **Sodré**, Av. Comb. G. Guerra, 689 (Telefone 40376) ✲ **Sousa Soares**, Rua de Santa Catarina, 141 (Tel. 22145) ✲ **Vitória**, R. S. R. da Lameira, 756 (Tel. 52225) ✲ **Gondarém**, Rua de Gondarém, 360-Foz.

COIMBRA

Oliveira — Rua Bernardo de Albuquerque (t. 22804) ✲ **Universal** — Praça 8 de Maio (tel. 23744) ✲ **Addiano** — Praça da Republica (tel. 23609).

Diário de Lisboa
Renascença Gráfica S.A.R.L.
Administração e Publicidade
Rua Castilho 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA Telex 1363
Lisboa — Portugal

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava em geral muito nublado e o vento era fraco de vários rumos; havia nevoeiro ou neblina em alguns locais do interior e caía chuva ou chuvisco no Algarve.
TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Lisboa e Estoril, 7°,5; mínima: Penhas da Saúde, —2°,5.
TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 10°; Pennas Douradas, 0°; Coimbra 8°; Portalegre, 6°; Lisboa 10°; Faro, 0° e Funchal, 16°.
TEMPERATURAS OBSERVADAS NA COSTA DO SOL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Na atmosfera: 11°,6; na água do mar 14°,6.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Períodos de céu muito nublado; vento fraco ou moderado de Noroeste; aguaceiros dispersos.

Amanhã
Nascer ás 8 e 54
Ocaso ás 18 e 38

Dia 19	Dia 26	Dia 2	Dia 10

MARÉS:

PREIA-MAR: **Hoje** — 6 e 09 (4,0 m); 18 e 36 (3,6 m). **Dia 15** — 6 e 47 (3,9 m); 19 e 08 (3,6 m). **Dia 16** — 7 e 23 (3,7 m); 19 e 40 (3,5 m).
BAIXA-MAR **Hoje** — 11 e 34 (1,1 m); 23 e 34 (1,1 m). **Dia 15** — 12 e 04 (1,1 m). **Dia 16** — 0 e 17 (1,2 m); 12 e 45 (1,2 m).

ORDEM DOS MÉDICOS EM COIMBRA

COIMBRA, 14 — Está convocada para o dia 30, ás 14 horas, a reunião, em sessão extraordinária, a assembleia regional da Secção Regional da Ordem dos Médicos: Ordem de trabalhos, apreciação do relatório e contas do exercício de 1970 e do orçamento para o ano corrente.

Maria Fernandes Alyeno Pereira, a mã que abandonou a filha numa ama, sem dinheiro e sem roupas. A Polícia Judiciária informou que ela pá tem cadastro

É cadastrada a mãe do bebé abandonado

— O bebé ainda está comigo — disse-nos, esta manhã, pelo telefone, a ama a quem foi confiada a pequenina Carla Fernandes Alyeno Pereira.

De acordo com a ama (D. Maria Gabriela Sabino Oliveira Martins) a mãe da menina, *muito elegante, aparenta ter entre 22 e 25 anos.*

A Polícia Judiciária está na pista da mãe, de nome Maria Fernandes Alyeno Pereira, separada do marido, Eduardo Jorge Basengo Pereira.

Trata-se de uma jovem, já com cadastro por, há tempos, ter assaltado uma «bouriquet» lisboeta, segundo acrescentou um porta-voz da P. J.

A EXTRACÇÃO DA LOTARIA COMEÇOU A FAZER-SE ÀS 12 HORAS

Os actos do sorteio dos premios da Lotaria Especial de Janeiro iniciaram-se, ao meio-dia, na sala das extracções da Misericórdia de Lisboa, perante público numeroso.

Na próxima quinta-feira e também pelas 12 horas realiza-se a primeira lotaria de tipo popular.

NÚMEROS PREMIADOS

41139 — 6 000 000$
18612 — 600 000$
24213 — 300 000$

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

41138 — 4 200$
41140 — 4 200$

PRÉMIOS DE 18 CONTOS

819 3.088 4695 8.403
9.439 9.652 11.122 13.217
13.870 15.052 17.883 21.643
23.371 23.724 28.524 28.678
29.521 30.572 30.768 33.159
33.236 34.074 35.720 39.979
40.527 43.630 45.343 e 47.877

PRÉMIOS DE 720$00 (Centenas)

18.601 a 18.700; 24.201 a 24.300 e 41.101 a 41.200.

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os numeros cujos três algarismos finais sejam 139, têm direito a 2400$00, em cada bilhete; os terminados em 213, 612 e 705, a 1920$00; e os terminados em 449, a 1680$00. São ainda premiados com 1200$00, os numeros cujos três algarismos finais sejam 084, 316, 335, 345, 452, 638, 686 e 780. Por sua vez, os numeros cujos dois ultimos algarismos sejam 39 são também premiados com 1200$00 e os terminados em 05, 12, 13, 48 e 53, com 720$00. Ao prémio de «terminação» — 480$00, também em cada bilhete —, têm direito todos os restantes numeros cujo ultimo algarismo seja 9.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

O Pão Quente
Vendeu o 3.º Prémio
24213
300 contos
O Pão Quente
N. B. — O bilhete foi adquirido por troca ao sr. Francisco da Silva (Gafanhão).

MEDICAMENTOS DA PREVIDÊNCIA

(Continuação da 1.ª página)

dicos, Delegações Clínicas e domicílio) que só serão devidas quando da primeira consulta por iniciativa do beneficiário. O despacho diz ainda que não haverá pagamento de senhas de consulta na clínica de obstetrícia e na de pediatria durante o primeiro ano de vida, nas clínicas de especialidade por requisição dos médicos de clínica médica ou vice-versa ou quando os beneficiários estejam com baixa por doença. As senhas de consulta serão cobradas sob a forma de «vinhetas».

Os dois despachos foram assinados ao fim da manhã, durante uma sessão no Centro de Medicina Física e Reabilitação, em Alcoitão.

Presentes, o dr. Rebelo de Sousa, ministro das Corporações e Previdência Social e da Saúde e Assistência acompanhado do prof. dr. Gonçalves Ferreira, secretário de Estado da Saúde e Assistência; do dr. Silva Pinto, secretário de Estado do Trabalho e Previdência.

DO BALANÇO REAL AO BALANÇO FISCAL
Um livro de grande oportunidade
A SAIR BREVEMENTE
Clássica Editora

FRANGOS
QUILO 21$90
SUPERMERCADOS AGUIAR
Avenida António Augusto de Aguiar, 68-72
Telefs.: 40863-532831
NÃO DEIXE DE VISITAR A NOSSA SECÇÃO DE TALHO

AUXILIAR DE CONTABILIDADE
Com conhecimentos de mecanografia de preferência OLIVETTI.
Resposta a este jornal ao n.º 684.

NOIVOS
As alianças e prendas da **OURIVESARIA DA MODA** dão felicidade
RUA DA PRATA, 257

HOTELCAR
INVESTIMENTOS HOTELEIROS E TRANSPORTES TURÍSTICOS, S. A. R. L.
SEDE:
Avenida da Liberdade, 105 - 4.º, Dt.º — Lisboa
AGÊNCIA DE VIAGENS:
Avenida da Liberdade, 107 — Lisboa
GARAGEM:
Rua Domingos de Sequeira — Odivelas
CAPITAL REALIZADO: 6.000.000$00
3.º AUMENTO DE CAPITAL
De 6.000.000$00 para 12.000.000$00, dividido em 6000 acções de 1.000$00 cada
Tendo sido dado cumprimento ao art.º 7.º § único dos estatutos, que confere o direito de opção aos srs. accionistas, oferecem-se à
SUBSCRIÇÃO PÚBLICA
3000 ACÇÕES
em títulos de 1, 10 e 100 acções nominativas ou ao portador, nas seguintes condições aprovadas na Assembleia Geral Extraordinária realizada em 17/11/70:
1.º As acções são oferecidas com o prémio de emissão de 150$00 por acção;
2.º O pagamento, no acto da subscrição, deverá ser efectuado na sede da Sociedade;
3.º A subscrição encerra em 31/1/71, ficando sujeita a rateio.
O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

A SORTE GRANDE E O 2.º PRÉMIO
Foram vendidos hoje aos balcões da
CASA DA SORTE
1.º PRÉMIO — 6000 CONTOS — 41139
2.º PRÉMIO — 600 CONTOS — 18612
O bilhete 41 139 foi adquirido ao colega CASA GAMA
A seguir: Entramos já nas
LOTARIAS POPULARES DE BILHETES BARATOS
4200 contos por 300$00 — 350 contos por 25$00
As extracções ás quintas-feiras, ás 12 horas

TÁTÁ-RODRIGUES
PREÇOS SENSACIONAIS POR MOTIVO DE REMODELAÇÃO
COM INÍCIO SEXTA-FEIRA, DIA 15
TECIDOS, MALHAS E GABARDINAS
RUA GARRETT, 61-1.º ANDAR

SUPLEMENTO LITERÁRIO

645 ■ 14 DE JANEIRO ■ 1971

Elle dit: détruire

MARGERITE DURAS

O que me interessa sobretudo é o homem tal como se manifesta todos os dias. Apanho-o em posição chave, no momento das transformações possíveis ou possíveis catástrofes...

JOSÉ TRIANA

da destruição à razão

por Carlos Porto

PARA MARGUERITE DURAS destruir — ce n'est qu'un début. No seu filme, a destruição existe a dois níveis: é uma destruição da linguagem; é uma «destruição do mundo interior». Colocadas num lugar à Margem, as personagens de Duras estão disponíveis para outra coisa (para a Revolução). Claro que esta proposta é utópica: os homens nunca estão ou estarão inteiramente disponíveis. Destruir a cultura, destruir as actuais relações humanas não implicaria de maneira nenhuma o vazio em que Marguerite Duras parece acreditar. No transito entre o ser destruido e o ser recriado estabelece-se já uma nova tessitura de relações, bem patente em três personagens de «Détruire, dit'elle».

Destruição é uma palavra-chave do tempo em que transitamos. Tendo o homem orgulhosamente descoberto a possibilidade da sua total e irrevogável destruição, como cupula de um edifício que assenta na nossa lamentável e ignomiosa irresponsabilidade, só uma outra perspectiva de destruição, só uma contrapartida destrutiva se lhe opõe com razão.

O «décor» da peça do cubano José Triana é uma imagem de destruição. O «décor» do teatro romântico ou burguês reflectia o aparente equilíbrio em que o mundo assentava. Com a guerra de 14-18 essa aparência de equilíbrio rompeu-se. No «décor» do teatro expressionista encontramos uma expressão desse definitivo rompimento. O teatro de absurdo recusa um «décor» ou propõe a sua destruição. Em Beckett, o cenário acaba por se reduzir a distâncias sem fins, cinzentas e iguais; em Ionesco, o cenário acaba por ter funções antropófagas («O Último Inquilino») ou reflecte a destruição do mundo circundante («O Rei está a morrer»). Pode imaginar-se a peça de José Triana com um cenário naturalista que iria sendo destruído à medida que a peça desenvolvesse a sua teoria de contestação, que começa por ser a contestação do mundo social e físico tal como nós próprios o construímos.

Colocada na cave ou no sótão (pois, num lugar marginal) a acção de «Noite dos Assassinos» define-se desde logo como um ritual de destruição, ou seja, de libertação. Três jovens — «já não tão jovens, antes coisificados na prolongada adolescência» (Listopad) —, três irmãos reúnem-se na cave de sua casa para, instintivamente, praticarem um psicodrama através do qual assumem criticamente diversas personagens: os vizinhos, os pais, polícias, figuras da justiça.

Através dessa psicoterapia libertadora, os jovens aprendem a pesar os seus instintos e a analisar o microcosmos em que se movimentam. Esta mistura de Ionesco (no seu melhor), Arrabal e

Cont. na pág. 2

(Páginas centrais)

oscar lewis

e a autobiografia científica

A ETNOLOGIA está de luto. Aos cinquenta e seis anos, (e em plena actividade) Oscar Lewis acaba de desaparecer, após ter posto esta nova ciência ao alcance do grande público.

Nascido em Nova Iorque, em 1914, e professor na Universidade de Illinois, Oscar Lewis iniciou-se na antropologia através de uma obra que pôs em causa a própria antropologia. Isto em 1943. De uma estadia em Tepozlan, no México, escreveu ele o primeiro livro: *A vida numa aldeia mexicana*. Tepozlan era já muito conhecida dos etnólogos Em 1927, o professor Robert Redfield, da Universidade de Chicago, consagrou-lhe um estudo tido por fundamental. Fixando-se na descrição do ciclo de festas da aldeia, Redfield dava a entender que as pessoas que tinham tais festas eram pessoas felizes, gente em paz, gente sem problemas sociais ou económicos. É verdade que Redfield não se perguntava por que razão pessoas tão felizes tinham defendido a revolução ao lado de Zapata... A visão de Lewis era ao contrário, negra, pessimista. Sob a aparente tranquilidade de Tepozlan ele sentia por todo o lado a miséria presente, a frustração nascida do malogro da reforma agrária, a falta de compreensão entre marido e mulher e o autoritarismo intransigente em relação às crianças, ensinadas a trabalhar duramente, sem protestos, e a viver na abnegação. Rebentou o escândalo. Como é que dois antropólogos estudando o mesmo asunto podiam chegar a resultados tão diferentes? A antropologia era de facto uma ciência? Ou simplesmente uma arte, e portanto entregue, como todas as artes, ao subjectivismo?

Indiferente à querela, Oscar Lewis prosseguiu as suas pesquisas. «*Nesse momento* — disse-me ele, mais tarde — *compreendi que os problemas da miséria estariam na base dos meus trabalhos*. Tal miséria, devia ele explorá-la em dois dos seus terrenos predilectos: o México e as Caraíbas, e com um novo instrumento: o magnetofone. Este permitia aos mais deserdados, aos incultos, aos analfabetos, contar as suas experiências duma maneira espontânea e natural. Assim, pela primeira vez, os pobres tomavam a palavra, com as suas verdadeiras vozes, sem passar pelo prisma deformante dos intermediários habituais: o antropólogo e o romancista.

MISTÉRIOS PUDICOS

O seu método, aquele que devia conduzir ao que se apelidou de *autobiografia científica* ou *romance-verdade*, rodou-o Oscar Lewis com um segundo livro, *Cinco famílias*, publicado em 1959 e, dois anos mais tarde, com *Os filhos de Sanchez*. Sabe-se que esta obra narra a vida dum pai de família mestiço e dos seus quatro filhos amontoados na única peça dum pardieiro sem janela, nicho entre os múltiplos duma das numeráveis *casas de Ve-*

Oscar Lewis

cindad do México. Com os seus setecentos locatários, esta constitui um mundo fechado, que foi outrora um cólio da ladroagem mas hoje abriga sómente representantes do «lumpenproletariado»: operários, artesãos ou comerciantes pobres como Jesus Sanchez e sua família. Cada um, à medida dos seus humores negros ou rosados, confia ao magnetofone as suas recordações, os seus sonhos e problemas, as suas concepções do amor, da justiça, da política, em suma, a sua percepção do mundo. Uma vez registadas, as declarações

Cont. na pág. 7

Claude Couffon

Da destruição à razão

Cont. da pág. 1

Shakespeare não poderia deixar de ser explosiva: «Noite dos Assassinos» é um exemplo genial do teatro do nosso tempo e uma prova de que o chamado antiteatro pode ser de facto grande teatro, a simplicidade com que Triana construiu a sua peça (a qual vem, aliás, de Pirandello) define-se no tratamento que deu às personagens. A passagem, ao mesmo tempo subtil e claríssima, de uma personagem para outra, que pode ser um seu contrário, tanto no que diz respeito à idade como à mentalidade, constitui o toque dessa simplicidade. A dificuldade da interpretação destas figuras consiste, portanto, na minha opinião, no seguinte: será indispensável que os actores respeitem integralmente as regras do jogo. Quer dizer: deverá ter-se sempre presente que estamos perante três jovens praticando um determinado jogo; esse carácter lúdico da peça não deverá nunca ser escamoteado. Ora, o que há de difícil em manter esta proposta reside na própria estrutura da peça: por vezes, e sobretudo na segunda parte, as cenas re-representadas alongam-se excessivamente do que resulta ganharem as personagens em situação uma certa autonomia restringindo por consequência a projecção das personagens que as jogam, que as invocam. Estas devem ser vistas como jovens que contestam não como personagens contestadas. Esta dialéctica do contestatário-contestado, este distanciamento entre as personagens que assumem o jogo e as personagens que através dele são assumidas — constituem a tessitura de «Noite dos Assassinos». É necessário ter-se em atenção, creio, que a crítica de Triana deverá ser lida em segundo grau. Aliás, parece-me que a peça diminui de interesse nos momentos em que o jogo se prolonga e que o próprio autor parece dele ter-se esquecido. Então, as personagens de tragédia transformam-se em personagens de drama pequeno-burguês, a tragédia degrada-se em melodrama.

A representação da peça é, desde logo, a representação do psicodrama — ou seja, é uma re-representação, definindo-se a partir desta dupla imagem, desta reflexão que nunca é intelectualizada mas se exprime ao nível de vivências e de tensões sociais.

Lalo é o condutor do jogo. A sua personalidade realiza-se contraditòriamente entre **indecisões hamletianas** (Listopad) e violências de ditador. Cuca começa por se recusar ao jogo (embora tal atitude possa fazer do jogo ou ser outro jogo) acabando, no entanto, por nele ferozmente participar. Beba, embora comece por ser apenas a espectadora, joga desde logo na criação de um clima: «Noite dos Assassinos» principia aí — na criação de uma atmosfera em que o ritual seja possível.

Cuca recusa-se, pois, ao jogo. Pretende limpar a casa: «A casa tem de ser limpa. Olha para este quarto. Uma verdadeira porcaria». Pretende pôr ordem nas coisas :«A ordem é a ordem. As coisas devem estar no seu lugar». Para Cuca a ordem existe à superfície das coisas. Lalo pretende subverter essa ordem: para ele a ordem processa-se a outro nível. Será do combate entre Lalo e Cuca que nascerá o jogo mortífero (poèticamente falando): o combate entre um Lalo feroz e implacável e uma Cuca que deverá ser o seu contrário para que o jogo seja possível. Sùbitamente o jogo acontece. Chegam as primeiras personagens exteriores: os outros que, sartreanamente, definem o inferno de que os irmãos pretendem libertar-se (mas são eles também o seu próprio inferno). Os vizinhos são os espiões, os que pretendem saber o que se passa com os outros não para os ajudar mas para, se possível, os destruir. O jogo dos irmãos é, pois, aqui uma sátira em que se caricatura (um pouco à maneira de Ionesco) a mentalidade pequeno-burguesa. Sendo, ao mesmo tempo, os jovens contestatários e os velhos contestados que satirizam, Lalo, Beba e Cuca dão-nos uma das chaves essenciais do texto (e um dos seus aspectos mais brutais): à medida em que as personagens se vão apoderando das figuras de que desejam libertar-se vão sendo possuídas por elas. Esse trajecto que leva do contestatário ao contestado, do assassino (poético) à vítima (potencial) ilustra, justa ou injustamente, a capacidade de determinada sociedade em recuperar os elementos que desejariam destruí-la ou, pelo menos, pôr em questão. Postos os vizinhos na rua, os três irmãos estão prontos a ir mais ao fundo de si próprios, a melhor analisar as suas próprias razões: «Lalo: — ... Esta casa, estes móveis para que serve tudo isto se nós, nós não somos nada? Se vagueamos pela casa, por entre os móveis, como objectos, como um cinzeiro, um vaso de flores au uma faca flutuante... Não, eu quero a minha vida, quero estes dias, estas horas, estes minutos. Eles são meus. Tenho as mãos atadas, os pés atados. Os olhos vendados.» Todavia. Cuca parece não aceitar as razões de Lalo: quer talvez que ele vá ainda mais longe. Por isso, defende aqueles que Lalo ataca. Nesta cena, «Noite dos Assassinos» põe o dedo numa das feridas mais dolorosas da sociedade humana: a alienação. Aqui descobrimos que todo ou quase todo o teatro de absurdo é um teatro de mortos. Ao estatismo de Beckett, ao «non sense» de Arrabal, ao criticismo pequeno-burguês de Ionesco, José Triana opõe uma dinâmica que age sobre o espectador de forma extraordinàriamente viva e percuciente. É aqui que as tensões se definem:

«Cuca — O pai e a mãe têm razão.

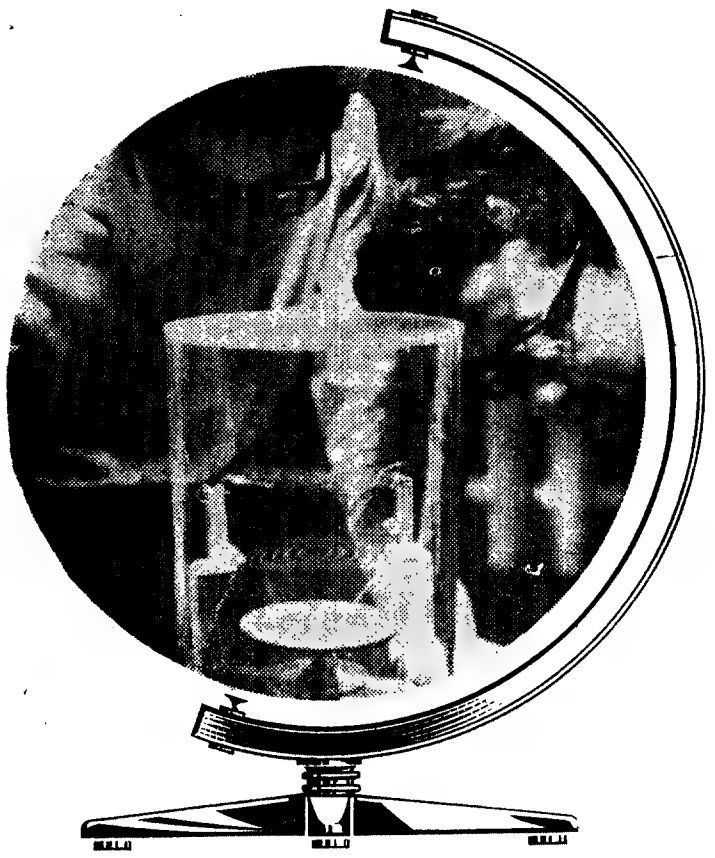
Lalo — Eu também tenho razão. E a minha é tão respeitável como a deles.

A peça percorre, embora com desvios, este circuito de contestações que permite uma simultaneidade de leituras definidora da sua riqueza. Aproxima-se o momento mais vivo e arriscado do jogo. Lalo agarra em duas facas que começa a afiar uma na outra. O som arripiante serve de fundo a mais uma conversa de vizinhos que no seu convencionalismo idiota contrasta ainda mais fortemente. Os pais, já irremediàvelmente condenados, aparecem ainda, criando outra vez aquele ambiente que não poderá deixar de levar à revolta. É então que Lalo mima a mãe na memória do casamento, uma das mais poderosas e implacáveis cenas da peça. Cuca canta: «A sala não é a sala. A sala é a cozinha. O quarto não é o quarto. O quarto é a retrete.» Acusemos a desordem do mundo. Os três estão finalmente libertos (embora continuem presos).

O ritual recomeça a cada momento porque a revolta permanece ao nível de projecto, de representação. No final da peça, os três jovens estão prontos a voltar ao princípio. Será desta vez? — perguntam. Entre a teoria e a prática levanta-se uma resistência.

Falei-vos de um espectáculo que (talvez) não chegue a ser visto. Falei-vos de um texto não apenas através dele próprio mas, muito principalmente, através do espectáculo inventado, em Cascais, por Jorge Listopad, construído (e destruído) por Fernando Conduto e interpretado (de forma admirável) por Manuela de Freitas, Maria do Céu Guerra (que passou de Triana para João Nobre, etc., hélas) e Sinde Filipe. Se a minha opinião vos merece alguma confiança, acreditai-me: «Noite dos Assassinos» seria o mais belo espectáculo do ano.

CARLOS PORTO



O MUNDO VIVE DE SOLUÇÕES NOVAS!
...UMA DELAS PODE SER A SUA

III CONCURSO NACIONAL PHILIPS
PARA JOVENS CIENTISTAS E INVENTORES

O III Concurso Nacional PHILIPS para Jovens Cientistas e Inventores, que a Philips Portuguesa, SARL, organiza com o alto patrocínio do Ministério da Educação Nacional, não tem qualquer intuito comercial. O seu único objectivo é descobrir e estimular os jovens, entre os 12 e os 21 anos, que trabalhem ou sintam propensão para trabalhar em investigação científica e tecnológica.
Os trabalhos classificados em primeiro lugar são automàticamente submetidos ao Concurso Europeu PHILIPS para Jovens Cientistas e Inventores que se realiza na Holanda, em Maio de 1971.

REGULAMENTO AO DISPOR DOS INTERESSADOS
— na Sala de Exposições do Edifício PHILIPS, Avenida Duarte Pacheco, C
— pedido por bilhete postal ao Apartado 1331, Lisboa

PHILIPS

PHILIPS

À Lupa

OS PESCADORES

CHAMA-SE pescador, em gíria do poker, áquele que, entrando com um capital diminuto, só vai a jogo pela certa, saindo da mesa com um pequeno lucro amontoado á custa de paciência e obstinação.

As nossas literaturas e artes estão cheias de pescadores. À falta de um golpe de génio que venha animar a jogatana, o lago permanece calmo, se exceptuarmos as birras insólitas de que são por vezes tomados os patrões de barcas.

A propósito de processos piscatórios, recordo-me de uma anedota (autêntica).

Perguntei a um fulano que publicava problemas de palavras cruzadas em jornais, revistas, etc., porque o fazia ele, tanto mais que quase toda essa colaboração era a título gracioso. Respondeu:

«Bem vê, a gente publica aqui um problema de palavras cruzadas, além uma charada e, pouco a pouco, tornamo-nos conhecidos no meio literário. O que é preciso é assinar sempre de maneira bem visível. Da charada ao artigo ou crónica pouco dista. E do artigo ao editor é só um passo. O que se torna imprescindível é o nome. Bem sei, bem sei que há aqueles que impingem logo de início a charada ao editor e ao círculo de leitores benévolos dispostos a aguentar a estucha e até a achar-lhe graça, discuti-la, etc. Mas esses são os que têm amigos na loja e não pobres diabos como eu. Vai ver que de charada em charada quem acaba por ganhar o P.P.P. (Prémio Peninsular de Poesia) sou eu. Repare que tenho todas as condições: nenhum talento e um espírito retorcido e bizarro. Além disso já vou cultivando a minha biografia, recheando-a de incidentes divertidos num diário que mantenho actualizado.»

Assim falou o futuramente famoso homem. Porém nem todos os pescadores são tão clarividentes nem modestos. Alguns, sem qualquer apoio no ministério das letras, atiram com desfaçatez a charada à face do mundo, pagando a impressão do seu bolso. Amor da glória, a que loucuras levas!... No melhor dos casos o autor torna-se assim mais conhecido entre aqueles que já o conheciam, isto é, familiares e amigos.

Lamento. Lamento tanto génio desperdiçado e certos esforços baldados de jovens que aspiram ao reconhecimento por parte da grei dos seus méritos. Mas é assim a vida. Só os privilegiados da corte possuem o direito á Fama, essa bezerra de ouro, arisca quando se não se sabe coçar-lhe o pelo, mansa se se lhe fala com mansas e manhosas falas. Que o digam os pescadores. Que o digam os Instalados.

MANUEL DE CASTRO

Técnicas de produção artística

por Rocha de Sousa

NORONHA DA COSTA
Galeria Judite Dacruz

NORONHA DA COSTA escreveu uma vez:

«As técnicas de produção e as relações de produção continuam a ser para mim um problema importante. As técnicas de produção artística e as relações de produção artística são portanto para mim um problema importante. As técnicas de produção artística que são inalienáveis do meu trabalho, isto é, da minha concepção do mundo, não estão de acordo com as relações de produção artística que existem objectivamente entre nós. Portanto, há uma contradição entre as minhas técnicas de produção artística e as relações de produção artística da sociedade portuguesa. Logo, ou as minhas técnicas de produção artística são idiotas ou então serão idiotas as relações de produção artística da sociedade portuguesa. Peço aos senhores que decidam».

Os senhores eram os visitantes da exposição que Noronha da Costa realizava nessa altura na Galeria Buchholz, pouco depois de uma outra que apresentara, segundo as suas relações de produção artística, na Galeria 111. Os senhores, se calhar, também eram os críticos, homens que acompanham as técnicas e as relações de produção artística. Seja como for, aquele raciocínio de Noronha da Costa pareceu-nos sempre um tanto equívoco e circunstancial. Para esse artista, as suas técnicas de produção artística, por não corresponderem à linha das relações de produção artística da sociedade portuguesa, seriam idiotas — ou as relações de produção artística da sociedade portuguesa, por não corresponderem às técnicas de produção artística de Noronha da Costa, seriam por seu turno idiotas. Ora a diversidade das técnicas de produção artística — escrevemos na altura — nunca foi pressuposto da idiotice de cada uma delas em particular, nem a especificidade a um procedimento (seja ao nível dos elementos físicos, seja ao nível das suas conexões estéticas) se constituiu factor de exclusão de outras formas de afirmação. As relações de produção artística, por outro lado, correspondem a factores sociológicos perfeitamente determinados — e se alguma coisa podemos dizer do que aqui acontece é a de que tanto as relações de produção artística que não inscrevem o caso de Noronha da Costa, como a proposição deste autor, só com dificuldade se excluem mùtuamente. Na verdade, vistas as coisas à luz dos factos actuais, não cremos que as relações de produção artística da sociedade portuguesa sejam mais idiotas do que as técnicas de produção artística de Noronha da Costa.

UM AUTOR INTEGRADO

As técnicas de produção artística de Noronha da Costa (autor reconhecido pùblicamente pela crítica e premiado a nível quase «record») acertam-se, mais do que nunca, com as relações de produção artística do meio português. Curiosamente, aquelas técnicas respondem cada vez mais de perto ao apelo de um gosto burguês instituído, são por este consumidas, assumidas e transaccionadas, fazem-se padrão do objecto artístico que importa adquirir para a colecção ou para a sala de estar. Dir-se-á que a pintura de Noronha da Costa não é apreciada nem consumida em função do seu contexto mais profundo ou da sua problemática. Mas então essa pintura reveste-se de um *aparência* menor que absorve nunca aconteceu, mesmo na sua fase mais truculenta ou menos consumível.

A INFLAÇÃO NÃO É BOA CONSELHEIRA

Resta dizer que a exposição agora realizada por Noronha da Costa na Galeria Judite Dacruz, revelando embora uma coerência formal indesmentível, pouco acrescenta à obra anterior do artista. Em certos aspectos, a pintura demonstra até uma execução mais apressada e muito menos meditada. Nas suas linhas gerais, a problemática é a mesma. Por vezes, aquilo que poderia ser considerado como um dado da memória passa para primeiro plano, representa-se *antes* do *écran* simulado que se ajusta à superfície da tela e que dilui certas aparências temporalmente definidas ou indefinidas, formas do imaginário ou de uma realidade apesar de tudo presente e fugidio. Noutros casos, o *écran* é reforçado pela presença do autor, isto é, pela trajectória que a sua mão imprimiu ao material. Uma simples pincelada vermelha, gordurosa, palpável e informal pode ajustar-se a um valor luminico pressentido à transparência ficticia da superfície do *écran* representado. *Écran*, de resto, é aqui uma palavra equívoca. Nele nada se

Noronha da Costa: integração no sistema

toda a sua verdade e a qualidade do seu funcionamento. Frustrada no seu intuito, ela não se opõe aos equívocos da leitura, fomenta-os e aproveita-se deles. Quais são portanto, *aqui* e *agora*, essas técnicas de produção artística que fazem (ou não) idiotas todas as relações de produção artística da sociedade portuguesa? Pintura no plano, ordenada pelo jogo cromático e pelo confronto entre a diluição das aparências e a sua objectivação, a arte de Noronha da Costa acerta-se com uma morfologia aceitável nas suas condicionantes físicas, cabe no universo e nas preferências das pessoas, é disputada pelas galerias, integra-se sem qualquer desvio fundamental nas relações de produção artística existentes entre nós. A marginalidade deste autor talentoso e prolífero é qualquer coisa que projecta para lhe dar a propriedade da função. As coisas são vistas *através* de uma cortina simulada que teria características semelhantes às do vidro fosco. *Écrans* seriam naturalmente as superfícies brilhantes ou baças dos anteriores objectos de Noronha da Costa, nas quais um volume determinado, o ambiente e as pessoas se projectavam e refaziam com o movimento da leitura. Na pintura agora praticada pelo autor, as coisas estão *do outro lado* de uma superfície imaginária que se confunde fisicamente com o plano do quadro e a mobilidade do espectador já não é proposta senão por uma atitude reflexiva. O próprio «écran», se assim o considerar-

é por vezes contestado pelo emergir da pintura matéria, que está simultâneamente atrás e à frente da superfície translúcida.

Prontuário das Letras

Vêm aí livros novos

Começamos hoje pelos livros que ainda não há. Os que estão para vir (pròximamente). Assim, a Início anuncia um clássico da Linguística, *A linguagem*, de Joseph Vendryes, outro da História da Literatura, *O romantismo na literatura europeia*, de Paul Van Tieghem, e, ainda, *As classes burguesas e o advento da democracia*, de Félix Ponteil. Para os Livros do Brasil é altura de falar num supõe-se que curioso *Incidente em Antares*, de Erico Veríssimo, no qual o escritor trabalha activamente doze horas por dia, e que, segundo ele, «é totalmente diferente de tudo quanto tenho escrito até hoje» (cf. *Livros e Autores*, n.º 4, Out.-Dez. 1970, agora distribuído).

Não ficamos por aqui. Parece que 1971 vai ser o ano do regresso de Vergílio Ferreira à ficção, com o entretanto já anunciado (romance) *Nítido nulo*. A mesma editora de Ferreira, a Portugália, conta lançar nos próximos tempos os *Poemas inactuais* de Raul de Carvalho, e a tradução de um «best-seller» da fogosa Mary McCarthy, *As alamedas da Academia*. Quanto à Verbo, o *Dicionário falado* de Tomaz de Figueiredo acompanhará Maria de Lurdes Belchior (*Tempo espanhol*) e Manuel Antunes (*Grandes contemporâneos*).

Finalmente, a Livraria Civilização — do Porto — programou, para os primeiros meses do ano, as versões dos romances *Caixa de fósforos (Lesalumettes suédoises)*, de Robert Sabatier, e *Casa de papel*, de Françoise Mallet-Joris, e as peças de teatro *Testemunha hostil*, de Jack Roffey, *Veneno de cobra*, Albert Husson, e *Doze homens em fúria*, de Reginald Rose; e a Moraes vai dar-nos um Garaudy (*Toda a verdade*), um Marcel Eck (*Sodoma — ensaio sobre a homossexualidade*) e um Hannah Arendt (*Sobre a revolução*).

Almada completo

Muita gente quis editar as obras completas de Almada Negreiros, mas a Estampa ganhou a corrida. Aí está o primeiro volume, *Contos e novelas*, com capa e arranjo gráfico de Alda Rosa. Na nota explicativa o editor fala de «cinco ou seis volumes a publicarem-se», sendo um ou dois deles dedicados a textos diversos — manifestos, polémicas, críticas, contas, etc. Para já podemos (re)ler *K4 O quadrado azul*, *Saltimbancos (contrastes simultâneos)*, *A engomadeira* e *O cágado*.

Ainda da nota explicativa espigamos: «A demorada e minuciosa busca a que nos obrigámos vai permitir ao publico o conhecimento imediato, e no seu conjunto essencial, de uma obra magnífica, que por certo irá surpreender mesmo aqueles que já respeitavam e admiravam o génio de Almada. O trabalho de busca e recolha continuará entretanto, esperando-se numa futura edição oferecer ao publico a totalidade dos escritos existentes, incluindo as variantes que haja de textos já aparecidos. De qualquer maneira, prematuro é ainda considerar a viabilidade de uma idade crítica.»

Da poesia

Depois dos lançamentos do fim do ano, que foram em força, a poesia tem para oferecer-nos nesta primeira quinzena de Janeiro uma nova antologia (a terceira, salvo erro) de Eugénio de Andrade, desta feita na Inova; o segundo volume das *Opera omnia*, de Bocage, na Bertrand (este Bocage enche-nos de curiosidade: irão publicar tudo?), com preparação do texto e notas do prof. J. G. Herculano de Carvalho e incluindo odes, canções, epístolas, idílios, cantos e cantatas; e mais uma recolha de letras cantadas por José Afonso, *Cantar de novo*, na Nova Realidade (de bolso), que tem o interesse imediato que estas coisas têm — letras acessíveis, documento coevo, etc. — mas nem sempre dá a César o que é de César. O que não pertence a José Afonso não está devidamente assinalado.

Da Literatura Infantil

Muita literatura infantil tentou o publico devorador do Natal. Dessa muita literatura nem toda era realmente infantil (acessível á criança, escrita a pensar num mínimo de postulados pedagógicos) e da realmente infantil muito pouca tinha graça. Ressalvamos *O realejo da Lili*, poemas para crianças de Lília da Fonseca (Colecção Carrocel), e sobretudo *Era uma vez*, de Maria Lucia Namorado (Atlântida Editora), repositório de versos e prosas simples, popula-

Raul de Carvalho

res, entrando bem no ouvido. Fizemos a experiência com uma amostragem de publico infantil: gostou mesmo. Educadora da Fundação Sain, salvo erro, Maria Lucia Namorado conhece há muitos anos as exigências peculiares dos minileitores.

Herberto quando partia

Herberto Helder, de partida para os E. U. A. (onde, julgamos saber, se encontra agora), preparou a terceira edição de *Os passos em volta* para a Estampa. Traz alguns textos novos em relação á segunda, mas não inéditos: lembramo-nos de ter visto vários deles no «Diário Popular». O volume, esse, é uma espécie de adeus esperemos que provisório, ás nossas latitudes muito cheias de passos em redondo. Se ainda não tiver lido, leia *absolutamente*.

Para a estante

A «dobradiça» 1970-1971 teria enchido uma prateleira completa de quem comprasse tudo sem discutir. Registamos lançamentos com interesse da Moraes (*Dez mulheres anticonformistas*, de Julienne Travers, e *Economie et Humanisme*, assinado pelo grupo francês do mesmo nome), Prelo *Desporto*, autores vários, e *Del sobre Lenine*), D. Quixote (*Bolívia depois de Guevara*, com textos de J. P. Bernard, Régis Debray, E. González Bermejo, Moravia, Catherine Lamour, L. E. Le mos e Haro Tecglen), Galeria Panorama (*Ser negro*, de Turner Brown Jr.), Brasília (*Socialismo e cibernética*, de Ilia B. Novik, com prefácio de Armando Castro) e Inova (*Lenine*, de Gorki, um livro famoso). A Início deu-nos o muito falado estudo de Jean Chevalier sobre *A política do Vaticano* e uma obra de Edgar Morin fundamental para a apreciação da França dos anos setenta — *Alarme em Orleães*, análise de como nasce, cresce e eventualmente se amortece um boato terrível numa cidade-tipo de província. Já em 1971 a Estampa aumentou a numeração da Colecção Praxis com *O «socialismo» sueco*, de Jacques Arnault, resposta a várias interrogações da social-democracia.

NO 1.º CENTENÁRIO DA «GERAÇÃO DE 70», A INOVA APRESENTA, UMA ANTOLOGIA SOBRE COIMBRA:

MEMÓRIAS DE ALEGRIA

UMA HOMENAGEM À JUVENTUDE

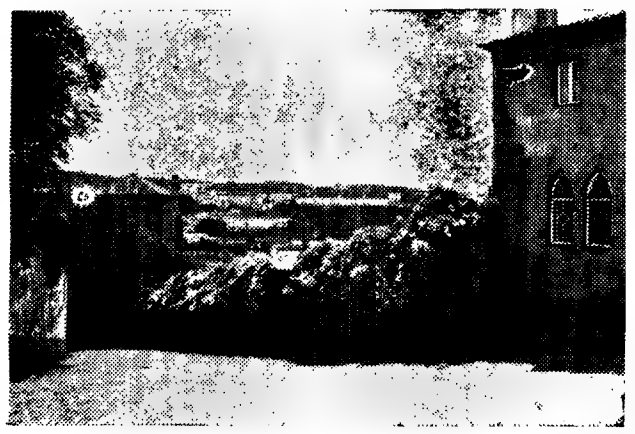
MANUEL ALBERTO VALEI

MEMÓRIAS DE ALEGRIA é o título camoniano que Eugénio de Andrade escolheu para esta antologia de imagens e textos da nossa melhor literatura sobre a cidade de Coimbra. De facto, outro não haverá que melhor exprima o espírito da cidade do Mondego, que tanto deve a si própria como à memória de quantos nela se descobriram ou começaram a revelar-se; nem expressividade maior seria possível encontrar para traduzir a intenção de reunir num volume os melhores trechos da história literária de Coimbra.

Procurando identificar-se, e identificando o leitor, com o que Coimbra tem de mais pessoal e inconfundível, os textos antologiados são como que variações sobre alguns temas que se confundem com a própria cidade. Assim é que, tendo a ideia nascido como forma de homenagem à cidade que foi berço da «Geração de 70», neste ano do seu 1.º Centenário, logo se pressentiram as ressonâncias de outras épocas e correntes literárias, as permanências e variações que talvez só em Coimbra encontrem a continuidade histórica e a universalidade literária que estas quinhentas páginas revelam:

A mitologia da cidade está já presente na «Crónica de Cinco Reis», no episódio do bispo negro, que mais adiante Alexandre Herculano recria. O mote de Fernão Lopes — aclamação do Mestre de Avis nas Cortes de Coimbra — renasce nas páginas de Oliveira Martins, que noutro excerto refunde o magnífico quadro, trágico e sereno, de D. Pedro, o de Alfarrobeira, pintado por Rui de Pina. Com este mesmo cronista abre Eugénio de Andrade a galeria de retratos de Inês de Castro. Depois é toda uma literatura que nasce: Garcia de Resende, António Ferreira, Camões, Bocage, Antero de Figueiredo, Eugénio de Castro e António Patrício. E neste contar e recontar a história de uma Inês sempre morta e renascida, toda uma extensa iconografia vai povoar a memória da cidade. Trágicos e líricos, perfuram o mistério das paixões, da sua implacável ilogicidade, e neste labor tão marcadamente humano, apropriam a cidade que, ao fazer-se assim trágica e lírica, se reapropria da lenda de Inês e a encarna. A Inês dos poetas sai para fora de si própria, incorpora-se na paisagem de Coimbra, amada e cantada por Gil Vicente, Sá de Miranda, Jorge Ferreira de Vasconcelos; são as claras águas do Mondego de Barnardim Ribeiro, as vozes namoradas de Diogo Bernardes, a formosa lembrança de Rodrigues Lobo, o doce cantar de Cristóvão Falcão. Coimbra e a sua paisagem são um tema inesgotável, onde revertem os olhos e a alma dos grandes poetas e prosadores da língua portuguesa: António Nobre (... esta paisagem triste, triste / A cuja influência a minha alma não resiste), Camilo Pessanha, a Coimbra-Olimpo de poetas e escritores de Raul Brandão, uma «visita» de Alberto de Oliveira a Santo António dos Olivais, uma comovida elegia de Teixeira de Pascoaes, versos de Afonso Duarte...

É tão densa a história das recriações poéticas de Coimbra e da sua ambiência histórica e natural que a cidade ganhou uma outra vida, um outro ser que habita em cada alma portuguesa. Coimbra não se vê, não se admira, não se vive ingènuamente. A Coimbra real confronta-se. É talvez nisto que reside o seu inexplicável «encanto»... Enfim, um último tema, a Universidade, a sua esperançosa fundação relatada por Rui de Pina, e logo António Vieira pregando um dos seus sermões aos lentes, uns versos de sabor amargo de Nicolau Tolentino, uma catilinária de Almeida Garrett, enfim, a ironia combatente do século XIX, com Camilo, Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão e Fialho de Almeida à frente. A Universidade, e em particular os estudantes, são



Coimbra: a Torre de Anto

Eugénio de Andrade: «Eu queria uma Coimbra de corpo inteiro»

***E. A.:** Se você me pergunta que motivo me levou a organizar estas «Memórias de Alegria», dir-lhe-ei francamente que foi apenas o de satisfazer uma encomenda do editor. Aceitei o encargo com dificuldade: é um género de trabalho que só faço para abolir o tempo; um trabalho que nada têm de exaltante; pelo contrário, a maior parte das leituras que se fazem não compensam o esforço; e, além disso, obras assim só nos trazem dissabores. Não faz ideia dos aborrecimentos que me trouxe a antologia sobre o Porto — toda a gente se julgou no direito de ali figurar, pois toda a gente havia escrito não sei que monografia ou tratado sobre a cidade... Provàvelmente com este volume vai passar-se o mesmo, pois voltei a não abdicar da qualidade dos textos escolhidos, porquanto — será preciso dizê-lo? — é de uma antologia que se trata: uma escolha de verso e prosa subordinada a um tema — Coimbra, e a um gosto — o meu. Vou pois prevenindo: excluí muita gente — provàvelmente não por a não ter lido, mas porque a li.*

Passa um pouco das sete. A tarde está no fim. Nas redondezas de S. Lázaro — essa cidade dentro da cidade, que Eugénio e Andrade criou para sua alegria e prazer — as folhas amarelecidas do Outono esvoaçam levemente como gaivotas em beira-mar de Agosto. Da terra, ainda molhada das chuvas que caíram, sobe um olor indefinível, que reanima o corpo todo e nos põe na carne um frémito incontrolável de desejo.

Estamos os três à volta de uma mesa — Eugénio de Andrade, Armando Alves e eu. Na parede em frente um óleo de Resende, em tons escuros, dialoga serenamente com uma cabeça radiosa que as mãos de José Rodrigues modelaram e uma barra metálica suspende a meia altura, na claridade difusa da sala. Pelo corredor chegam-nos as notas quentes do *Trio* de Fauré.

— De certo modo, no caso de Coimbra, a tarefa parecia mais fácil do que relativamente ao Porto. Tanta gente falou da cidade, da sua paisagem, da sua Universidade, das suas lendas, dos seus mitos! Mas matéria tão avultada pode complicar as coisas. É evidente que o anedotário coimbrão, ou o folclore académico não me interessam, e disso escolhi apenas uma ou outra página mais viva (foi desta maneira que um Trindade Coelho entrou no volume); que a prosa didáctica também ali não fazia sentido (daí a exclusão de um Ribeiro Sanches ou de um Teófilo); e que a enxurrada de versos camarariamente ornamentais, e tão do gosto de quem organiza selectas para criancinhas pequenas ou adultas, também não seriam trazidos à antologia. Você não imagina o trabalhão em vasculhar tanto lixo, à procura de uma página liberta da literatice a que uma cidade como Coimbra se presta, ou tem prestado...

Eugénio de Andrade fala agora com uma veemência maior.

— No meio de tudo isto aconteceram coisas bem curiosas. Por exem-

EDITORIAL SIGNUM apresenta

UM NOVO LIVRO DE

ROGÉRIO DE FREITAS

Memória destruída

Uma obra que recua aos domínios da autobiografia, numa recuperação do real que o tempo transfigurou implacàvelmente

Col. Autores Contemporâneos ..... 65$00

À venda em todas as livrarias ou na Editorial Signum Rua António Maria Cardoso, 68, 2.º E. - Lisboa-2

E porque me sucedeo em lugar de patria
a Cidade de Coimbra,
onde gastei a flor da minha adolescência...

FREI AMADOR ARRAIS
Diálogo X

Como toda a gente, também eu passei por Coimbra. Foi há vinte e cinco anos, pouco mais ou menos. O mundo estava então em guerra, e foi a guerra, feitas bem as contas, que para lá me empurrou. Uma tarde eu descia o Chiado com uns amigos. Outros subiam com garrafas de champanhe nas mãos: os alemães estavam às portas de Moscovo. Interpelaram-nos; primeiro apenas com certa ligeireza, depois com mal disfarçada insolência. Não queríamos beber pela sua vitória? Não, não queríamos beber; o que queríamos era que nos deixassem em paz. Tínhamos a certeza? Ainda havíamos de nos arrepender! Era bem possível! Daí a algum tempo partia para Coimbra. Coimbra é um modo de dizer — a quinta dos meus amigos ficava a uns seis quilómetros da cidade. Mete-se por Santa Clara, Lajes, Conraria. Aqui, quem tiver olhos na cara fica deslumbrado. Olhando à direita, avista-se a Casa das Lapas, «alcandorada sobre um abismo surpreendente de mágica e de cujos terraços se domina todo o fértil e risonho vale do Ceira». As referências são de Eugénio de Castro e correm impressas no seu *Guia de Coimbra*. Ele frequentara muito a casa, e ouvi dizer que nas paredes escrevera alguns ditirambos a Baco. É coisa que não posso con-

EXCES
É SER .

por Eugénio de

firmar — a quinta mudara há pouco tempo de dono, e quando ali cheguei já as paredes da casa haviam sido caiadas. Contudo estou em pensar que, com o tradicional amor às coisas do espírito que por toda a parte se manifesta entre nós, os decassílabos, ou lá o que era, não se devem ter perdido — certamente, antes da caiadela, algum trolha os trasladou carinhosamente para o seu álbum. Pelo vale, realmente fértil, como disse o outro, corre o Ceira: uma faixinha de água, liricamente debruada de choupos e amieiros, que não tarda em entrar no Mondego. Ao fundo, o monte do Senhor da Serra e, mais longe, entre lilás e violeta, a serra da Lousã. Duas vezes por dia, no meio daquele verde todo, dando serventia a duas ou três casas que por ali havia, passava um comboiínho, que quase se desfazia a apitar. Os terraços da casa precipitavam-se no abismo quase a prumo, e entre as fragas rompia uma vegetação áspera, em tufos. Ao entardecer, avistava-se

uma das chaves, se não a chave, do mistério de Coimbra. Pelas janelas dos seus olhos, o mundo entra em Coimbra; pelos seus arrebatamentos, a vida entra em Coimbra; por eles ainda, Coimbra é sentida pelo País fora como uma ausência, como um ser outro que espera um confronto com o modelo real. Mas as memórias não são só as do passado. Do prefácio onde Eugénio de Andrade rememora as vibrações de uma alegria sem mancha, das reconstruções históricas de Cortesão e Aquilino, às recordações da juventude de Branquinho da Fonseca e José Régio, um «apelo» poético de Miguel Torga, um retrato de Santa Isabel por Vitorino Nemésio, a cidade da juventude perdida de Vergílio Ferreira, uma sombria elegia de Carlos de Oliveira, um «quadro coimbrão» por Fernando Namora, Ruben A., Agustina Bessa Luís, Urbano Tavares Rodrigues descobrem também eles as alegrias da sua memória. Descobrem, e descobrem-nas para nós. Para os que lá deixaram um pouco de si e com isso ganharam a riqueza de uma saudade; e também para os que, tendo vivido Coimbra pela memória dos outros, ganharam a riqueza de uma ausência.

Estes são só alguns dos nomes que enchem este volume, autêntica suma literária sobre Coimbra, que a arte de Armando Alves subtilmente traduziu no campo da realização gráfica. Em resumo, Eugénio de Andrade e Armando Alves reeditam com estas MEMÓRIAS DE ALEGRIA a invulgar qualidade literária, plástica e gráfica alcançada com «Daqui Houve Nome Portugal».

ZEFERINO COELHO

TE entrevista EUGÉNIO DE ANDRADE e ARMANDO ALVES

Armando Alves: «Contribuir para uma modificação do gosto tradicional»

SSIVO JOVEM

Andrade

vezes, a sair duma loca, uma raposa, ue logo desaparecia entre as giestas e s urzes; e os milhafres pairavam sereniinhos. Por detrás da casa, os pinheiros, os ucaliptos e as acácias eram um imenso eque aberto. E á roda, um silêncio maior que o mundo. Só a música podia medir-se com um silêncio assim; mas não toda: justamente a música da água ou a de Mozart, a música da terra ou a de Bach. Era uma alegria antiga que se repetia, embora em rigor nunca fosse igual, este crescer, este subir, este fluir — pois para que serviria a música, se não nos levasse nas suas pequenas e sucessivas vagas ao tempo orvalhado e sem mácula? É Edwin Fischer que toca, e talvez nunca ninguém, excepto o próprio Mozart, tenha tocado melhor o *Concerto em Ré Menor*. Estendo-me na terra: um resto de calor ou a paixão atormentada do *allegro* invade-me o corpo. É um mal sem remédio, este lamento que não cessa — e começo a ansiar pela *romanza*. Que espero eu? A carícia da luz, o aroma do amor — eis o que espero naquela cantilena que será escassa de tão breve, pois no meio da mais fragrante transparência, uma vez mais, a angústia e o terror. O *andante* transforma-se sùbitamente em *presto*, e o piano continuará sòzinho, desamparado, a procurar um paraíso que apenas entrevira. O final não apaziguava a minha nostalgia, apesar dos galantes compassos da coda — é que eu *sabia* que a solidão passara sobre a terra. E era amarga.

Penso em Coimbra e é êste o rumor que me chega: um amanhecer de pássaros, o coaxar das rãs pela noite fora. Entre uma coisa e outra, os noticiários da B.B.C., os Quartetos de Beethoven, a comovida e tão desenganada poesia de Oliveira Martins, e as discussões intermináveis, só possíveis quando a juventude é excessiva, e não nos cabe nas mãos um tal ardor. Era a ferocidade brutinha, a nossa guerra pessoal, este demónio da negação instalado no corpo, e tudo servia de pretexto: um verso do Ungaretti, a cor dum seixo, um desenho de Matisse. Havia também as lições de matemática (com poemas de Neruda e Maiakovski à mistura) com o Joaquim Namorado, três vezes por semana. Às nove da manhã batia-lhe à porta, e às vezes ficava o resto do dia na cidade. Dava então um salto ao consultório do Miguel Torga ou procurava o Eduardo Lourenço ou o Carlos de Oliveira. Eram os meus amigos de Coimbra. [...]

[Extracto do *Prefácio*]

camarários versos para lápides tenha excluído Teixeira de Pascoaes?

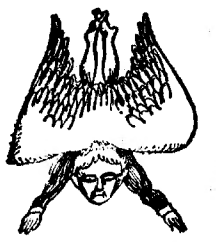
Levanta-se e procura num sofá, onde se acumulam livros e provas tipográficas, uma pasta castanha, que reúne os textos excluídos na derradeira selecção. Eugénio de Andrade abre-a e mostra-nos fotocópias, páginas dactilografadas, folhas manuscritas: meses e meses de um trabalho dedicado e laborioso. Um poema de Elói de Sá de Soto Maior, quadras de Antero, um soneto de Junqueiro, um romance popular sobre Inês, versos de Soares de Passos, João Penha, Augusto Gil, Guedes Teixeira, Osório de Castro, e tanta coisas mais... Tudo recusado.

— *Até o Pedro Homem de Mello tive que pôr de parte. E o António Pedro, e o Francisco Bugalho, e o Mário Beirão, e tantos outros. Eu queria uma Coimbra de corpo inteiro, e não era um molho de glosas às tranças de Inês ou os decassílabos ao cano da Fonte dos Amores que contribuiriam para isso. Feitas bem as contas, tudo acaba por reflectir um pouco o que em nós é mais nosso, mesmo uma antologia en-*

Cont. na pág. 6

& etc...

Reaparece no dia 24 este magazine cultural do «Jornal do Fundão». Pode ser comprado na Tabacaria Mónaco do Rossio ou pedido (individualmente ou por assinatura) ao Jornal do Fundão — Fundão.



Soltos de «A cordial botelha»

por Alexandre O'Neill

Bem trocava, Machado, estes meus soltos
por um dos teus Proverbios **ou** Cantares
(questão de sede muita, vinho pouco),
mas nesta cordial, de mão em mão, botelha,
há um honesto vinho se a honrares.

★

Vi velhas
a beberem à socapa
de botelhas de abafado.

★

De amor em três rompantes avieu-se
entre céu e caruma.

À borrega de acaso diz: — A parva chora!

Mas quem é que te julgas?

★

Ó morena,
a casa quer-se pequena
p'ra não valer, ó loura, **a pena!**

★

Um ror de tempo a roer
uma palmeta de amor,
será isso, rapaz, jeito de se viver?

★

Ao passar pel'As Alminhas,
persignou-se o viajante.

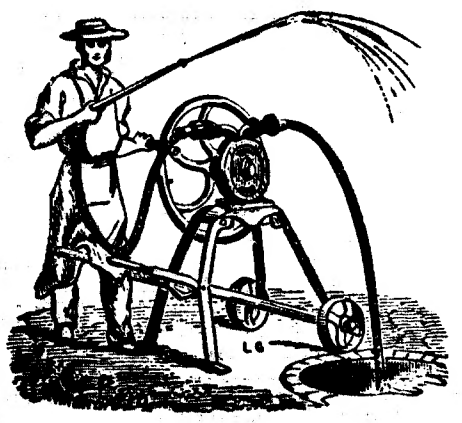
Seu medo p'ra mais caminho
— p'lo sinal! —
foi a luz bruxoleante.

★

Quem vai p'ra o céu
(lá não estarei)
avia-se em terra
(é esta a lei!).

★

Das pedras que o mar rolou e trouxe
à folha de areia sob a prensa do ar,
uma foi punhal, outra coração,
num texto tirado fora do olhar.



Entrevista com Eugénio de Andrade • Armando Alves

Cont. da pág. 5

comendada... E, assim, estas «Memórias de Alegria» que começam, no seu título, por ser uma homenagem a Camões, gostaria eu que acabassem por ser uma homenagem à juventude, àquela juventude capaz de lhe apreender o espírito, e de o continuar.

Eugénio de Andrade faz uma pequena pausa, e continua pouco depois:

— *As «Memórias de Alegria» têm uma estrutura quase musical. Como se sabe, Coimbra tem alguns temas dominantes, muito especialmente:* Inês de Castro, *a* Rainha Santa, *o* Infante D. Pedro, *sem falar da* Universidade, *é claro. Uma das soluções que poderia ter escolhido era, pois, arrumar temàticamente os vários textos. Mas preferi apresentá-los por ordem cronológica de criação. A obra ganha assim uma riqueza inesperada, um desenvolvimento a que poderíamos chamar sinfónico. Ao longo do livro, os temas surgem desaparecem, dão lugar a outros, regressam já reelaborados ou tratados como variações. O tema de Inês está já em Fernão Lopes e Garcia de Resende, atinge o seu climax em Camões e Ferreira, e vem ressurgir em Eugénio de Castro e António Patrício. O* Bispo Negro *aparece na «Crónica de Cinco Reis» e reaparece em Herculano. O tema da Rainha Santa vem de Rui de Pina a Nemésio. Quanto à Universidade, essa recebe ao longo das décadas, e dos modos mais diferentes, os ataques da inteligência portuguesa. Começa com os iluministas, e continua de modo particularmente feroz com Garrett, Camilo, Antero, Eça, Ramalho, Fialho, reaparecendo, embora de maneira mais atenuada, em Pascoaes, Aquilino e Torga. E não deixará de prosseguir.*

Aqui tem: Coimbra não pode deixar de se encontrar aqui, porque é aqui que se encontram algumas das mais nobres palavras que sobre ela foram ditas, numa língua que esta cidade tem obrigação de honrar como nenhuma outra.

As suas palavras misturam-se nos arcanos da nossa memória. Em certo momento, refere-se António Nobre, e Eugénio de Andrade sublinha o facto curioso de na sua obra ressoar mais a cidade do Mondego que a do Douro, onde nasceu, e que não foi capaz de lhe inspirar mais do que umas vagas referências. Recordo a Torre de Anto, ali próxima das ruelas escuras da Sé Velha. E logo surgem o Jardim da Manga, o Parque, os Olivais, a Cruz de Celas, tantos lugares onde, de certo modo, se gastou também a flor da minha própria adolescência. E sinto que o poeta de «Até Amanhã» nos transmite, ao falar de Coimbra, a sua alma mais clara ou mais sombria.

Mas toda a alma tem um corpo. E cada corpo a sua face, o seu olhar, límpido ou melancólico, debruçado sobre o silên-

cio do cosmos circundante. Viro-me para trás, e, na parede branca, descubro um antigo desenho de Armando Alves. O pintor está à minha esquerda. Foi ele que encontrou essa face e esse olhar. Das suas mãos, e da sua sensibilidade de poeta das formas e das cores, nasceu o sortilégio gráfico em que repousam, e se engrandecem, as palavras arrancadas ao coração do tempo. Exactamente como nessa obra-mestra que se chama *Daqui Houve Nome Portugal*. Ou, ainda, na edição das *Cartas Portuguesas* atribuídas a Mariana Alcoforado, em que a clareza de processos utilizada pelo pintor se confundiu de um modo rigoroso com a espiritualidade da obra literária.

***A. A.:** É muito difícil fazer uma comparação entre este trabalho e o do livro sobre o Porto. As «Memórias de Alegria» puseram-me outros e novos problemas, pois cada obra é sempre diferente da anterior. Além disso, a natureza complexa e variada de uma antologia constitui só por si uma*

dificuldade, já que uma forma gràficamente organizada deverá enquadrar a diversidade dos trechos escolhidos, criando um todo uno e coerente. Confesso, aliás, que este tipo de trabalho não é muito do meu agrado. Porque o faço? Por um lado, porque gosto de solucionar as coisas que se me tornam mais difíceis; por outro lado, porque, de qualquer maneira, o livro tem de sair...

O *Trio* de Fauré continua a rodear-nos de um calor agradável, mas para lá dos vidros, caída a noite, a chuva volta impiedosa e triste.

— *Perguntaste - me há bocado que significado tinha para mim a actividade gráfica, não foi? Pois bem, considero-a de extrema importância: por me trazer constantemente alerta em relação aos problemas fundamentais da vida e, acima de tudo, porque vejo claramente como é possível chegar junto do grande público e contribuir, de algum modo, para uma modificação do gosto tradicional.*

Num recanto da sala, um outro quadro de Armando Alves, roubado aos horizontes sem fim do seu Alentejo natal, revela-nos os elementos básicos da sua pintura mais antiga, prolongados de outra maneira nos trabalhos de hoje e transpostos, de certo modo, para as suas realizações no campo gráfico — a predominância das linhas horizontais e verticais, e o vazio como forma de solidão. «É que me parece que se não nasce impunemente no Alentejo, e menos ainda quem um dia se descobre pintor», escreveu sobre ele Eugénio de Andrade. Para no mesmo texto acrescentar, sensível como é aos valores plásticos mais profundos: «Mas o que não deixa nunca de estar presente, no meu e no seu Alentejo, é aquele horizonte onde o olhar se estende e consome, e a solidão sobe alto como a lua».

Chegou o momento de partirmos. Eugénio de Andrade mostra-nos ainda o seu *musée imaginaire:* além de Armando Alves, José Rodrigues e Resende, também Pavia, Vieira da Silva, Angelo de Sousa, Cargaleiro, Manuel Pinto, etc., desenham sobre a superfície lisa e rigorosa das paredes a presença viva e fascinante do sentimento estético.

Lá fora, a chuva continua na noite. Uma noite igual àquela que o Poeta cantou um dia:

Ó noite, porque hás-de vir
[sempre molhada!
Porque não vens de olhos
[enxutos
e não despes as mãos
de mágoas e de lutos!

MANUEL ALBERTO VALENTE

Depositar é uma operação rendosa

TAXAS DE JURO

Depósitos à ordem
(pessoas individuais)

Até 50 contos — 3% ao ano
Acima de 50 contos — 1,5% ao ano

*

Depósitos a prazo
(entidades privadas)

6 meses, renovável — 4,5% ao ano
1 ano, renovável — 5% ao ano
18 meses, renovável — 5,5% ao ano

Importâncias múltiplas de 1000$00
com o mínimo de 10 000$00

Os juros dos depósitos estão isentos de quaisquer impostos nos termos da lei.

O Estado assegura a restituição de todos os depósitos efectuados na Caixa, mesmo em casos fortuitos ou de força maior.

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
INSTITUTO DE CRÉDITO DO ESTADO

A «COMUNIDADE» DE LUIZ PACHECO

Cont. da pág. 8

qualificação dos valores convencionais da burguesia consistirá em recusar todo o compromisso com os mecanismos de conservação e perpetuação social (e aqui a coincidência com o ideário surrealista no seu estado puro). Conservando a família e defendendo-a com a tenacidade que acabamos de ver, Pacheco como que nos diz que o surrealismo não precisava de ser tão extreme quando pretendeu destruir os seus laços. Isto é impossível, parece ser a sua tese, até porque a continuação da família (e só *somos* profundamente através dela) não implica necessàriamente que cedamos perante coisas como a honra, a propriedade, ou o «culto do trabalho». Há que conceder, a este respeito, pelo menos um ponto a favor de Pacheco: é que a família não foi, na verdade, inventada pela burguesia. Logo, não pode ser uma instituição burguesa imoral, como queria Breton. A burguesia o que pode é servir-se dela para fins de ética social muito duvidosa. A política do Estado burguês pode alcandorá-la mesmo a mito de perpetuação e de ancilose dos seus princípios. Para evitarmos que esse Monstro continue a «escravizá-la» nesse sentido, basta (quer Pacheco) conceber a família na sua forma primitiva e natural, surgida apenas do mero instinto do acasalamento, bastar-nos-á a recusa de a concebermos como o próprio tecido de que a burguesia faz o pano com que se veste.

Quando lhe nasce um novo filho, Pacheco encara o caso com apreensão. Será que irá nascer um «descontente»? Ora um «descontente» é, à luz do que acabamos de ver (a filosofia da vida de Pacheco), alguém que se preocupasse com a miséria do corpo ao ponto de vender a *alma*. O olã deste Libertino vive feliz com a privação de todas as coisas materiais («que falta nos faz lençóis, fronhas, almofadas?»), o mesmo leito onde todos vivem e dormem, pais e filhos, «é o leito do milionário, porque nele somos reis e milionários de ternura e de abraços, de palavras ciciadas.»

Em todo este sincero e extremamente genuíno desprezo pelos bens do mundo há, por certo, algo de sublime. Não estamos longe do primitivo Cristianismo teórico. Do franciscanismo. Só que em Pacheco a renúncia ao mundo das coisas materiais se processa como uma forma travestida do desespero, do protesto mudo, do desprezo (infinito) pelo universo da alienação burguesa, simbolizada pelo culto pagão, e sem transcendência, do Objecto.

Pacheco não acredita em soluções políticas: segundo a sua filosofia, elas conduzem-nos de alienação em alienação, ou a combater a alienação com a própria alienação; o homem, nem por isso, fica mais livre. Mas o homem será livre — franciscaniza Pacheco — se se purificar do Fetichismo da Coisa. E para se purificar dele é esquecer-se do corpo, da sua miséria e exibi-lo orgulhosamente despido de tudo. Há uma expressão que surge em certa passagem de *Comunidade*, «somos gente pura», e que surge na narrativa como um eco «somos puros. Sabemos e cumprimos». Ora a pureza pressupõe uma determinada heroicidade. No caso de Pacheco ela implica martírio.

Donde se pode concluir que a batalha contra a alienação característica do mundo burguês só pode ser conseguida recusando todos os esquemas do mundo burguês. Lutar contra a alienação da burguesia continuando-se burguês, eis algo que Luiz Pacheco não há maneira de entender. Tal *doença da Humanidade* só é passível de uma espécie de cura: a terapêutica heróica preconizada por Pacheco.

Dirige-se então à Humanidade alegòricamente. Na verdade, é-nos difícil entender o seu livro se considerarmos que a família de que nos fala é, única e exclusivamente, a mulher com que vive e os três filhos menores. A todo o momento li (também) *Comunidade* como uma alegoria em que a família do Patriarca-Libertino representasse a Humanidade, *liberta* um dia da escravatura imposta pela imensidade de cadeias de ordem material que a acorrentam, consequência do Pecado Original da mitologia religiosa de Pacheco.

E porque não O ouviremos, porque nunca seremos «bem-aventurados» para praticarmos as coisas que Ele doutrina e pratica, *Comunidade* deve entender-se como a Utopia de Pacheco, ou uma parábola (=pérola) atirada aos porcos.

ALEXANDRE PINHEIRO TORRES

Cardiff, 12 de Dezembro de 1970

Oscar Lewis

Cont. da pág. 1

das testemunhas são seleccionadas, classificadas por temas e confrontadas, para dar ao livro uma estrutura coerente.

À leitura, a obra de Lewis tomava então o carácter de um romance — um romance sem romancista —, o que explica o seu sucesso junto dum largo público. No entanto, não foi fácil a investigação de Oscar Lewis. Durante as primeiras semanas, o etnólogo contentava-se em evocar os problemas e ouvir falar uns e outros. Seguidamente, após ter preparado as perguntas destinadas a excitar as memórias em função daquilo que ele já sabia, registava as respostas no magnetofone. Havia nelas, naturalmente, zonas de sombra, mistérios pudicos e até contradições nas conversas. Um inquérito nos lugares de que tinham falado as testemunhas permitia verificar os factos. A maior parte das vezes, para facilitar a entrevista, o magnetofone estava escondido no vestuário.

Mas as dificuldades tornaram-se maiores quando Lewis, passando da cidade ao campo, preparou *Pedro Martinez*, biografia duma família camponesa do México, publicada em 1964. O camponês mexicano é um homem reservado, comedido, silencioso. Pedro Martinez, um índio de setenta anos, escondia-se atrás da sua linguagem por vezes indecifrável. Analfabeto, adepto fervoroso da justiça social, tinha participado na revolução de 1910 e desempenhado um papel político activo durante muitos anos. Com a ajuda da paciência, o velho revolucionário abria-se — e a «confiança» fez o resto.

A inquietude social de Oscar Lewis era constante, e uma das preocupações essenciais foi a de conduzir os seus concidadãos a uma melhor compreensão das aspirações dos povos latino-americanos. Viria também a apresentar com uma franqueza crua a vida dos americanos mais deserdados: os porto-riquenhos. Se um milhão de porto-riquenhos vive nos Estados Unidos, seiscentos mil de entre eles amontoam-se em Nova Iorque, numa miséria física e moral que a sociedade que os rodeia recusa ver. A condição dos nativos que ficaram na ilha não é mais brilhante. Foi para testemunhar uma tal miséria que Lewis compôs *La Vida*, narrativa duma prostituta que aprendeu a lutar com uma lâmina de barba escondida na boca e que, com as suas filhas e netos, encarna a resistência existencial e a solidão irreprimível dos párias. Publicada em 1965, *La Vida* suscitou grande entusiasmo.

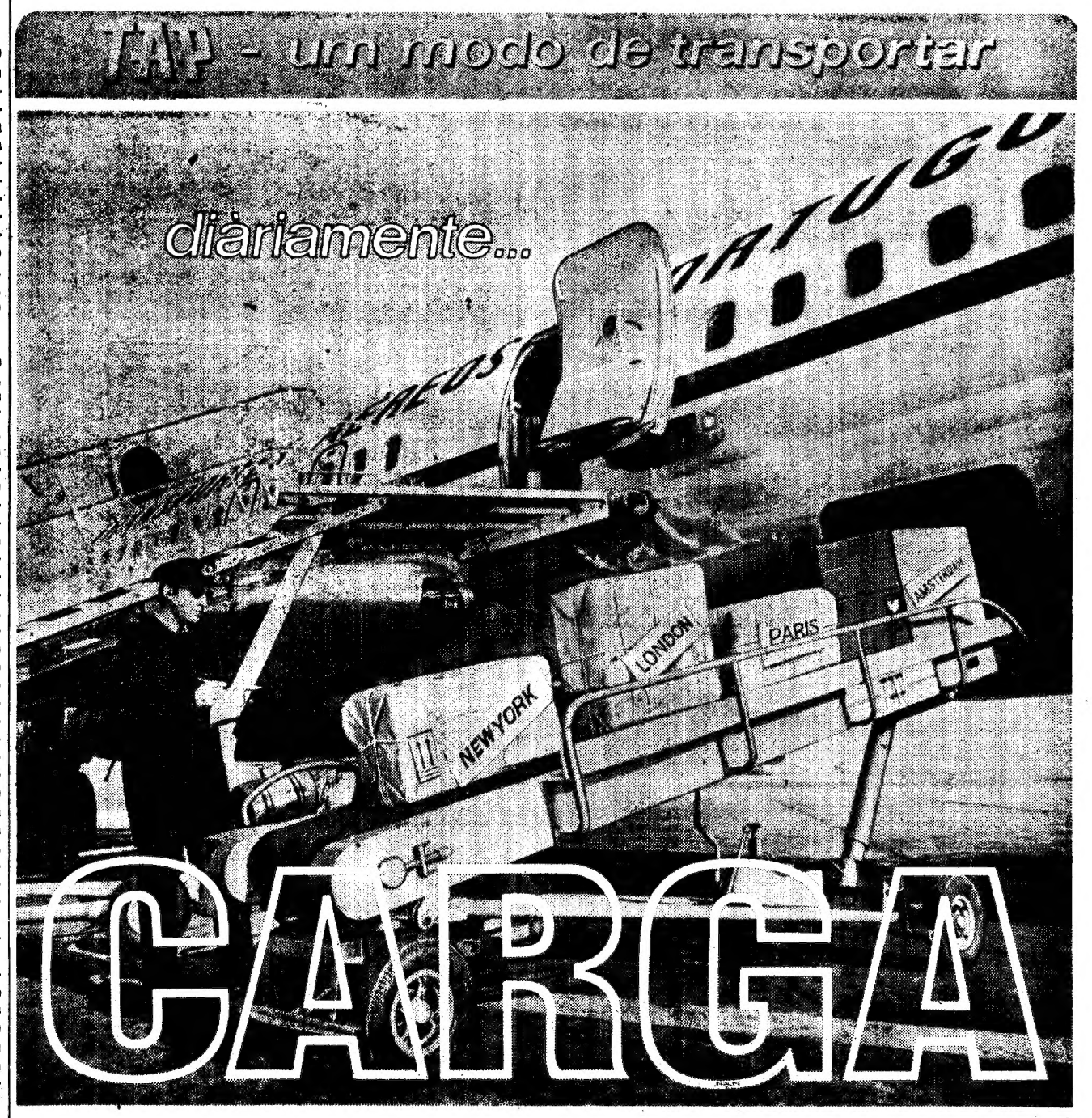
Assim, com obras tão volumosas como romances de Dostoievsky, Oscar Lewis combateu cientificamente durante toda a sua curta vida, para ajudar a América Latina a sair do desconhecimento que a rodeia.

CLAUDE COUFFON
(Exclusivo «Le Monde»)

Director comercial

OFERECE-SE

34 anos, ligado ao ramo Editorial, experiência. Resposta a este Jornal ao n.º 685.



TAP
TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

DIÁRIAMENTE — e para todos os destinos — a sua carga é transportada pela TAP, com rapidez e todo o cuidado. Antecipe-se à concorrência colocando as suas mercadorias em qualquer mercado no próprio dia de embarque. Utilize as novas tarifas reduzidas e o modo de transportar TAP.

através do mundo
em boa companhia

Consulte o seu Agente de Carga

MARÇA 70

Crónica Crítica

de Alexandre Pinheiro Torres

A «COMUNIDADE» DE LUIZ PACHECO OU A JUSTIFICAÇÃO DA FAMÍLIA COMO INSTITUIÇÃO NATURAL (MELHOR: UMA PARÁBOLA = PÉROLA ATIRADA AOS PORCOS)

CONTRADIÇÕES INTERNAS DO SURREALISMO

É de Dada a afirmação (que será fundamental para os surrealistas) segundo a qual a iconoclasia suprema é profundamente moral. Donde se conclui que tanto nos Dadaístas como nos Surrealistas, e ao arrepio da moral estabelecida, há sempre a ânsia de uma solução positiva: a moral do iconoclasmo... ou a que emerge, como uma nova Aurora, das ruínas provocadas pela fúria do iconoclasta?

A revolta de Breton é anti-social. Ela postula que todas as formas de *conservação* social devem ser derrubadas. Ela tinha especialmente em vista o mecanismo embalsamante de *conservação* que mantém em funcionamento a mumificada civilização ocidental. Mas para que essa revolta fosse dotada de consciência política havia que dar um passo muito grande. Quantos dos surrealistas se dispuseram a ele? A nota mais ortodoxa — mais dentro da linha do *Primeiro Manifesto* — era contudo a de desgosto em relação a tudo que cheirasse a política ou a políticos.

Pudemos ver isso no livro de Luiz Pacheco: *«O Libertino passeia por Braga a Idolátrica, o seu esplendor»* (o mesmo que: mil políticas ou políticos não valem a barriga da perna de uma Lòlita, mesmo minhota, e que o Vítor Sá vá chatear a família dele).

Que diabo queria o Breton desde o primeiro manifestífero vagido? A célebre «libération de l'esprit». Sem mais. Só que depois do abraço de esguelha aos marxistas, que lhe facultavam a justificação *ideológica* pelo ódio que visceral, instintiva e irracionalmente nutria pelo burguês, não teve outro remédio senão *manifestar-se* doutra forma: afinal, para a libertação do espírito era preciso que se desse, antes, a «libération de l'homme», o que exigia a transformação radical das condições materiais da vida. Que um surrealista tenha de aceitar isto é exigir muito dele; portanto, sempre que a jeito, toca a dar com o cacete na tola dos marxistas que são cascas-grossa e tão primitivos que não topam que a Revolução não pode resolver tudo, e que radicado no *inconsciente* (ah! grande Freud!, que legaste à Humanidade um Inconsciente que dá para tudo) há perturbações e problemas e lesões e ânsias e aspirações e revoltas que nele permanecerão como a praga do bicho humano até que elas sejam compreendidas e desvendadas e esventradas e superadas e sublimadas e remediadas pela investigação sistemática e total em que o surrealismo (sim, ele) tem estado envolvido.

ALGUNS MOTIVOS PORQUE SURREALISTAS E MARXISTAS NÃO SE GRAMAM

O que os une é o ódio ao bom burguês (se não fosses tu, ó burguês, e as tuas costas largas, nem sequer havia Literatura: Os férteis escritores de hoje há muito que teriam fechado a loja). Mas nisto — é preciso admitir — o surrealista é muito mais radical que o ingénuo do marxista. O surrealista começa pela autoterapêutica de, ele próprio, não se querer ou não se fazer *burguês:* Se o que é preciso é destruir todas as formas de *conservação* social, comece-se por cortar os laços de família. Breton sempre a considerou uma instituição burguesa imoral, neste sentido: porque *inimiga* da liberdade do indivíduo. Assim, foi moda insultar o Papá e a Mamã na versalhada. Só que os Papás e as Mamãs, mais os Super-Papás e as Super-Mamãs, estão ainda aí todos bem vivos. Mas, está bem, cortem-se os laços com a família.

Claro, a *família* — afirmaram — era o grande mal. Porque ela é a portadora, a mantenedora, o sustentáculo dos valores convencionais que, automàticamente, se lhe associam. Que valores convencionais? Ora essa: a honra, a propriedade, o *culto do trabalho*. Esta do «culto do trabalho» irritou particularmente o Sumo Pontífice-Breton. Porque dizia ele que o culto do trabalho nada mais era que um compromisso especialmente insidioso que escravizava as pessoas ao *hábito* e à *ordem social estabelecida*. Agora é que se percebe porque motivo é que ele aconselhava os seus sequazes a casar com mulheres ricas.

Ora isto irritou fenomenalmente o marxista Ehrenburg que acusou os surrealistas de «inércia e parasitismo». (Pobre Ehrenburg! Como se toda a

«Comunidade»: boneco de Ferreiro

obra dele valesse um parágrafo do Lautréamont!) Então não se estava mesmo a ver que, mais dias menos dia, Breton teria de mastigar qualquer coisa e que acabaria por especular sobre o *tipo de trabalho afinal compatível com os ideais do movimento?*

Era preciso especular-se e especulou-se. O trabalho passava a aceitar-se, então, como *necessidade económica,* mas negava-se-lhe, qualquer valor moral. Estava salva a honra da confraria.

O ESTAR DENTRO OU FORA DO «HOTEL DES SURRÉALISTES»

Luiz Pacheco serviu sempre a ideologia do surrealismo. Os seus escritos têm, pois, de ser entendidos tomando em consideração a *filosofia da imanência* que é a característica do movimento, do mesmo modo que será inútil tentar compreender o romance naturalista sem se tomar em consideração a «même tendance philosophique» que Maupassant insistia ser o elo que ligava os membros do grupo de Médan.

Já em 1924 Breton condenava o romance, que considerava uma ameaça desde que se *propusesse reflectir a realidade fielmente.* Isto tem de ser entendido no seguinte sentido: o que ele condenava no romance era *uma certa convenção.* Em várias fases da sua vida revelou Breton interesse pelo género (a série *Révélation; Le Surréalisme même,* etc.), mas — tanto quanto eu saiba — jamais escreveu uma linha dizendo *como* se devia escrever um romance surrealista. Donde se poderá concluir que ele estava muito mais interessado numa *atmosfera* do que numa técnica.

Pacheco: o Papa é ele

Recordo-me apenas que Aragon, antes de abandonar a *suite* real que ocupava no *Hotel des Surréalistes,* classificou de «intratável mania» a obsessão dos escritores terra-a-terra realistas de tentar promover o desconhecido a conhecido, o inclassificável a classificável, etc. Às categorias de *Razão, Sense,* Casualidade e Consciência opuseram-se outras: Anti-Razão, *Nonsense,* o Acaso, a Inconsciência. A *atmosfera* surrealista criou-se, assim, à custa de um ataque anárquico contra as seguintes entidades concretas e abstractas: a Racionalidade, a Banalidade, os Generais, as Metrópoles, as Nações, os Negociantes de Arte, os Micróbios, os Passaportes, o Passado, os Sistemas Filosóficos, a Matemática, os Neo-Realistas e outros Realistas (Críticos ou não), e o mais que me não ocorre (Mário Cesariny em 1953: «A África goza do privilégio raro de não ter produzido nem o cartesianismo nem nenhum dos sistemas de pensamento e acção baseados em universos de categorias»).

Quanto ao romance surrealista português só há um grande nome que o público naturalmente desconhece: Manuel de Lima. Mas tanto o *Malaquias* como *Um homem de barbas* caíram num poço, embora este último tenha sido recentemente ressuscitado por iniciativa do escritor-editor Fernando Ribeiro de Melo. Mas Luiz Pacheco resolveu, recentemente, arejar a prosa e reedita o pequeno texto *Comunidade.* E é quando Vítor Silva Tavares se sai com *2 Textos à Pressão,* o primeiro dos quais «A Comunidade Nossa, de Luiz Pacheco» se inicia com esta frase: «*Comunidade* é uma obra-prima», após o que pega no porrete e desanca tudo e todos, iconoclàsticamente.

O LIBERTINO SALVA A FAMÍLIA ENQUANTO OS SURREALISTAS NÃO LHA PAPAM

O que eu vejo, antes de mais, é que Luiz Pacheco não segue o Papá-Breton porque a haver alguma Papa no mundo o Papa terá de ser ele e não qualquer burguês da França. A família — prega-nos este novo S. Francisco que é o autor da *Comunidade* — não é, em si própria, qualquer forma deletéria de conservação social e dos respectivos valores tradicionais. Não é se a encararmos sob a sua perspectiva *natural* e *primitiva, animal* e *instintiva.* De Pacheco chega-nos então (e sob este prisma) a mais extraordinária defesa da família que lemos até hoje em Português. Defendê-la, todavia, segundo tais eixos definidores, equivale, em Pacheco, a atacá-la sob os parâmetros que a Cultura e a Sociedade burguesas ocidentais pressupõem. A família não é, portanto, em si o *grande mal:* é, antes, a plataforma natural para o Supremo Bem.

Como assim? É da seguinte maneira bíblica que Pacheco no-la descreve: a família é «uma rapariga nova que amamenta o filho, duas crianças que pedem pão e olham para ti.»

A *unidade* que ela é (ou que nela se faz) define-a Pacheco associando metafòricamente a família ao símile de «bicho poderoso», «polvo excêntrico sem cabeça central (...) um grande corpo disforme, respirando por várias bocas», dotado das mesmas veias e das mesmas artérias, vivendo da mesma circulação de sangue («como se as nossas veias e artérias transportassem o mesmo sangue girando»). Esta descrição suscita uma grande sensação de força, a força de que o chefe da família (que assim patriarcalmente se retrata: «eu, o prudente pastor do meu rebanho. Eu, o chefe. Eu, o sábio. Eu, o Pai») necessita para sobreviver. Dominado (como em *O Libertino passeia por Braga, a idolátrica, o seu esplendor*) pela *hantise* da morte, encontrará Pacheco na família a sua fonte de força: «Respiro ao mesmo tempo por cinco pulmões (certeiros e cheios) com muitos anos de corda para badalar».

A família é símbolo também da perpetuação e do futuro («o rapaz tem nos olhos estanhos a mesma doçura dos olhos da minha mãe e é aí que ela está ainda viva... o Paulocas reabre um silêncio que o meu Pai mantém fechado num coval do cemitério de Bucelas»). Os filhos são «pedaços de mim repartido», e: «o Supremo Bem que me preocupa são eles, os bambinos, a minha imortalidade».

A família corresponde, em Pacheco, à Lei, a uma certa ordem divina (sem Deus), mas do domínio do transcendente. Como «patriarca e profeta» do «rebanho provisório» que «inventou», que contempla do alto do seu «espaldar senhorial», procura criar nele «um tanto de ordem na desordem, porque não se pode viver no caos, sem uma saída para o transcendente».

UMA PARÁBOLA PARA PORCOS?

Porque o quotidiano de Pacheco e da sua família é o do caos aparente. Vivendo na mais completa miséria («catre sem lençóis, fracas mantas e mau cheiro»; «de manhã acordamos sem uma bucha de pão para dar às crianças») o que interessa é a *ordem* superior, instilada pelo Patriarca-Libertino, segundo a qual há uma miséria do corpo e uma miséria da alma e que estes dois domínios não devem ser confundidos. A miséria do corpo não interessa, o pecado do corpo não interessa, o que verdadeiramente interessa evitar é a *miséria da alma.* Ora, segundo Pacheco, o que é a «miséria da alma»? Diz-nos ele: são as «comodidades, (as) necessidades ou ilusórias vaidades de levar melhor vidinha (ceguetas todos eles aos limites da humana criatura que é para todos e de repente o coveiro) razões para estar e lutar além destas, tão simples afinal e misteriosas sempre tão naturais e primitivas». Aqui é que reside o Pecado. A miséria do corpo não é, pois, incompatível com a Felicidade [os filhos pedem pão «a rir», estão «encalorados ou friorentos mas felizes», são «inocentes mas felizes porque a *miséria ainda os não roeu na alma*» (sublinhado meu)]. Pacheco insiste particularmente neste ponto Seria fácil interpretá-lo como um caso de perfeita inconsciência ideológica, ou de exibição, em tom de festa, de um calvário em relação ao qual os respectivos comparsas se encontram alegremente alienados; mas, para isso, teríamos de passar por cima da filosofia *especial* do Libertino segundo a qual a Revolta que conduzirá à ani

Cont. na pág. 7